

AMOR EM AMSTERDAM

THE ICICLE HEART

Jessica Steele

Como um intruso poderia achar-se no direito de ocupar o quarto de Ivory?

Ivory foi acordada por uma voz rude. Arregalou os olhos e negou-se a acreditar no que viu. A seu lado, naquele quarto de hotel em Amsterdam, estava um desconhecido, coberto por um fino lençol!

O que estaria ele fazendo ali? Era sonho ou pesadelo? Envergonhada, tentou esconder os seios com as mãos.

O intruso ordenou-lhe que saísse do quarto dele! Senão cobraria muito caro...

Digitalização: Tinna
Revisão: Cris Bailey e Amanda



Título: Amor em Amsterdam

Copyright: Jessica Steele

Título original: "The icicle heart"

Publicado originalmente em 1979 pela Mills & Boon Ltda., Londres, Inglaterra

Copyright para a língua portuguesa: 1985
Abril S.A. Cultural

CAPÍTULO I

— Quem é você, afinal?

O som de uma voz grave arrancou Ivory das profundezas do sono, deixando-a confusa. Quando caíra pesadamente na cama do hotel, na noite anterior, estava tão cansada que adormecera imediatamente, sem pensar em mais nada. As palavras, que acreditara ouvir, deviam fazer parte de um sonho estranho. O melhor era voltar a dormir.

— Poderia me dizer que diabos está fazendo em meu quarto?

A voz soou de novo, levando Ivory, desta vez, a despertar completamente. O choque de ouvir uma voz masculina na privacidade de seu quarto encheu-a de espanto. Voltou-se e seus olhos arregalaram-se de horror e medo, quando percebeu que havia um homem deitado na outra cama, ao lado da sua.

— Quem... Quem é... — balbuciou, mas sua voz saiu num sussurro, enquanto sua mente mal desperta tentava assimilar a figura masculina, de cabelos e olhos escuros, peito nu, que a examinava minuciosamente. Então, consciente de que seus ombros estavam totalmente expostos ao olhar daquele homem, Ivory puxou o lençol para cima.

— O que pensa que está fazendo em meu quarto? — conseguiu dizer e ficou até satisfeita, por notar que o tremor havia desaparecido. Sua atenção dirigia-se, de vez em quando, para o telefone, na tentativa de calcular as chances de chamar por socorro, caso o homem fosse algum maníaco.

Observava-o atentamente, pronta para agir, se ele fizesse menção de atacá-la. Contudo, ele não parecia ter essa intenção. Continuava ali, deitado indolentemente, com os olhos fixos nela.

— Pare de fingir — ele disse friamente, ignorando a pergunta que ela fizera — e conte logo qual é o seu jogo. O que quer que seja, posso lhe garantir que não vai funcionar.

Certa de encontrar-se na companhia de um louco, Ivory procurou disfarçar o medo que a dominava.

— Não sei o que você quer dizer... — começou, porém suas palavras foram interrompidas pelo movimento brusco do homem, ao sentar-se na cama. Tremeu e recuou um pouco, no momento em que o tronco musculoso virou-se em sua direção.

— Pare com isso — ele ordenou asperamente. — Eu não nasci ontem. Se for chantagem o que tem em mente, esqueça.

— Chantagem?! Não sei do que você está falando!

O estranho encarou-a irritado, como se não acreditasse no que ela dizia, mas indeciso sobre o que fazer naquela situação. Ivory, constatando que ele parecia muito preocupado em jogar a culpa sobre ela, resolveu atuar com firmeza.

— Não posso entender suas insinuações! — O tom gelado não era habitual em sua voz, comumente agradável. — Ficaria muito satisfeita se saísse daqui agora, visto que você é o intruso em meu quarto.

Mais uma vez, sentiu-se observada atentamente por aquele olhar escuro, que a avaliava, pesando o pouco que podia ver, já que apenas a sua cabeça, os cabelos desarrumados e seu rosto estavam descobertos. Após alguns segundos, a fisionomia do desconhecido abrandou-se e as palavras que pronunciou saíram menos ásperas, embora terrivelmente chocantes.

— Estava mesmo pensando em me levantar. — Ele moveu-se levemente, pronto para se desfazer do lençol. — Durmo sem roupa, mas tenho certeza de que...

O grito de Ivory foi tão cortante, que imediatamente as mãos dele se detiveram.

— Meu Deus! — ele exclamou surpreso, enquanto fitava o rosto vermelho de Ivory. — A donzela enrubesce... ou será que donzela é uma palavra feia hoje em dia?

Que atrevimento! Sem dúvida, ela não tinha por que esclarecer que aquela era exatamente a sua condição. Limitou-se a espreitar, através dos cílios semicerrados, pronta para fechar os olhos, caso ele fizesse algum outro movimento para sair da cama.

— Acho... acho que é melhor eu me levantar primeiro — propôs, afinal, ciente de que, àquela altura, convencê-lo de que o quarto era dela não tinha tanta importância. O mais urgente era se vestir, o que lhe daria mais segurança para lidar com ele.

— Como quiser, mocinha.

— Você se importaria... — ela começou, esperando não ter que pedir claramente que ele se virasse para o outro lado.

— Não me importo nem um pouco. Pode se vestir. Você também dorme sem roupa?

Ivory olhou-o, furiosa. Afinal, estava usando uma camisola perfeitamente decente! Contudo, não tinha o hábito de andar naqueles trajes na frente de homem nenhum, conhecido ou desconhecido. Portanto, estava decidida a não se mover, até que ele tivesse a delicadeza de se voltar para o outro lado: Permaneceu deitada, esperando, e ficou aliviada ao vê-lo se cansar do jogo.

— Você devia saber — ele falou, quase socialmente — que boas garotas não têm o hábito de dormir em qualquer cama vazia que encontrem. — E, sem esperar pela reação dela, virou-se de costas.

Ivory não perdeu tempo. Num minuto levantou-se, apanhou a mala ao lado da cama e entrou no banheiro, batendo a porta. Só então percebeu o quanto estava tremendo.

Por alguns segundos ficou parada, tentando controlar o tremor, e depois examinou-se no espelho. O rubor havia desaparecido, suas faces estavam pálidas e seus olhos arregalados.

Pensando que o intruso poderia bater à porta a qualquer instante, abriu a mala rapidamente. Deu um longo suspiro, ao notar que os papéis que havia trazido da Inglaterra com tanta urgência estavam intactos. Então, lavou-se depressa, vestiu jeans e um suéter e escovou os cabelos castanho-escuros. Como havia previsto, sentiu-se bem melhor depois de arrumada.

Preparou-se para sair do banheiro, porém, antes, encostou o ouvido na porta. Não ouviu nada. Não sabia se isso significava que seu inesperado visitante noturno ainda se encontrava no quarto, ou se ele resolvera ir para a sala de estar da suíte. Só sabia que ele não tinha o direito de estar ali. Qualquer pessoa normal teria acendido a luz, ao se deitar. Começou a imaginar aquele homem movendo-se furtivamente no escuro, tirando a roupa, enquanto ela dormia tranquilamente, sem suspeitar de nada.

O que haveria passado, se ele tivesse escolhido a mesma cama que ela? Só Deus sabe, pensou, sentindo um arrepio de medo. Felizmente, ele não havia feito nada disso. De qualquer forma, estava agora com um problema nas mãos: teria que informar à administração do hotel sobre o intruso.

A questão era que ela nunca havia ido a Amsterdam e não estaria ali, se não fosse o problema causado pela outra secretária, adequadamente apelidada Trapalhona Williams, no escritório em Londres. Ela, tinha esquecido de renovar seu passaporte, ficando impedida de viajar. Só esperava mesmo é que Lawson Alexander não tomasse conhecimento daquele homem em seu quarto.

Entretanto, seus pensamentos foram interrompidos. Quando se armara de coragem para deixar o banheiro, escutou o som de vozes vindas do outro lado da porta, mas não conseguiu entender uma só palavra do que estava sendo dito. Provavelmente falavam em holandês. Ouviu o tinido suave de louça e percebeu que o café da manhã devia ter chegado.

Isso deixou-a intrigada. Devido ao extremo cansaço da véspera, não se lembrara de encomendar o desjejum. E o que a camareira pensaria, ao encontrar na cama um homem de ombros largos e olhos negros, em vez da delicada srta. Ivory Dutton?

Escutou a porta bater e esperou mais alguns segundos, antes de sair. Por que não entrou no quarto, enquanto a camareira estava lá, para desmascarar o inoportuno, não soube explicar. Sentiu apenas que ficaria mais embaraçada do que ele. Mesmo despido, o homem tinha um ar muito altivo e seguro.

Quando colocou a cabeça para fora do banheiro, viu que ele não se encontrava no quarto e que deixara a porta, que conduzia à sala de estar, completamente aberta. Respirando fundo, Ivory deu alguns passos em direção à sala e estancou, diante da porta aberta. O intruso, vestido e barbeado, estava sentado em frente a uma mesinha, exatamente como se tivesse todo direito de estar ali, saboreando uma xícara de café e lendo o jornal da manhã.

— Café? — ele ofereceu, sem fazer menção de servi-la.

Ivory ignorou-o. Consultou seu relógio e, surpresa, constatou que eram apenas sete horas. Quase não acreditou, pois parecia que aquele pesadelo estava acontecendo há muito tempo. Levou o pulso ao ouvido, mas, aparentemente, o relógio estava funcionando bem. Faltavam ainda duas horas para o seu encontro com o sr. Lawson Alexander. Duas horas para esquecer aquela experiência desagradável, antes de entregar os papéis que havia trazido. Depois, voltaria para Londres.

Sentindo-se observada, levantou os olhos, para, em seguida, desviar o olhar rapidamente. A expressão despreocupada do rapaz causou-lhe inquietação. O que poderia fazer a respeito daquele homem? Seu desejo era que o assunto fosse resolvido sem a menor confusão. Tinha certeza de que Lawson Alexander não gostaria de nenhuma publicidade em torno de sua ida a Amsterdam. Em sua imaginação, via as manchetes dos jornais: "Representante de Alexander encontrada com um desconhecido no quarto". Então, decidida a, romper, o silêncio desagradável, exclamou desabaladamente.

— Há duas xícaras aqui!

— Não sabia se você iria gostar de compartilhar minha xícara, tanto quanto do meu quarto — ele respondeu com calma. — Então, pedi café para dois.

— Você... — Faltaram-lhe palavras. Que atrevimento, o dele! Tentou outra vez. — Você sabe muito bem que esta é a minha suíte. E agora, que já está vestido, por que não vai embora? Eu... eu não direi nada a ninguém. Se não tem condições de pagar um quarto... bem, sinto muito, mas não pode simplesmente entrar num hotel e ocupar qualquer cama que esteja desocupada, não acha?

O homem não se moveu. Na verdade, Ivory não esperava mesmo que ele se mexesse. A calça esporte e a camisa elegante que estava usando eram suficientes para indicar que ele podia muito bem pagar por sua hospedagem em qualquer um dos hotéis mais sofisticados da cidade. Por sinal, o hotel que a Corporação Alexander destinara-lhe não devia ser nada barato.

— Gostaria de saber o que pretende fazer se eu não sair — ao invés de ficar preocupado, diante da tentativa de expulsão, o homem parecia estar se divertindo.

Ivory foi ficando brava. Aquele sujeito estava zombando dela! De forma alguma iria deixá-lo ali, rindo de seus esforços para mandá-lo embora.

— Receio que não haja outra alternativa, exceto chamar a gerência do hotel — falou severamente, indo em direção ao telefone. Ao pegar o aparelho, ela viu, com espanto, que havia alguns papéis sobre a mesa, porém, antes que pudesse atinar com o que eles estariam fazendo ali, a voz masculina deteve-a. A suavidade e o humor tinham desaparecido e a frieza que os substituíra indicava hostilidade. Ivory voltou-se, num relance, para o estranho.

— Você deveria ter tentado usar o telefone para pedir ajuda no momento em que acordou, srta. Dutton. — Ela ficou perplexa. O uso de seu nome indicava que, de alguma forma, ele sabia quem ela era e isso fez com que se esquecesse do telefone. — Meu Deus, mulher, já pensou em quanta coisa poderia ter acontecido com você? — ele acrescentou.

— Como é que sabe meu nome? — Talvez ele fosse algum tipo de espião industrial, tentando pegar os papéis que havia trazido, embora ela achasse que não teriam nenhum interesse para qualquer outra firma que não fosse a Sociedade Anônima Alexander.

— Você deixou sua bolsa no quarto, quando foi se vestir.

— E você mexeu na minha bolsa? — Era inacreditável que pudesse dizer isso com tanta calma. Sem dúvida devia ser um espião.

— Naturalmente. Imaginei que você poderia fazer algum tipo de chantagem e quis saber com quem estava lidando. O seu passaporte me disse que é a srta. Ivory Dutton.

Ivory olhou para o telefone e, depois, outra vez para ele, que se levantara e caminhava em sua direção. Tinha um físico atlético e a autoridade, com que falava e agia, fez com que ela ficasse em dúvida sobre qual atitude tomar.

— Esta é a minha suíte — ela afirmou, num sussurro. Tinha a impressão de que, uma vez estabelecido esse fato, seria mais fácil tomar conta da situação.

— Apenas uma correção, srta. Dutton. O quarto é meu.

— Seu? — De repente, sentia-se completamente perdida.

— Obviamente, houve alguma confusão — Ele havia perdido um pouco de sua frieza, diante da perplexidade estampada no rosto de Ivory. — Diga-me, o que a faz pensar que tem direitos aqui?

— O rapaz da recepção deu-me a chave — respondeu, segura de estar no quarto certo, a menos, é claro, que o recepcionista houvesse cometido algum engano. Depois continuou: — Era tarde quando cheguei, ontem à noite. — Ela não ia explicar que estava tão exausta, que mal podia manter os olhos abertos. O homem que a encarava poderia achar que tinha feito confusão por causa do cansaço e sabia que não cometera nenhum engano. — Estou aqui a negócios — acrescentou. Sentia-se orgulhosa porque a Sociedade Anônima Alexander julgava-a tão eficiente, que lhe confiara aquela missão. Evidentemente, tomaria todo o cuidado para que ninguém ficasse sabendo do episódio embaraçoso. — Quando perguntei na recepção pela pessoa que teria que encontrar já deviam estar esperando por mim, porque imediatamente me deram a chave e me mandaram subir.

O gesto dele, demonstrando que começava a entender a situação, chamou a atenção de Ivory. A julgar por sua fisionomia, o bom humor e a irritabilidade travavam uma luta surda. Entretanto, sua voz não demonstrou nenhum bom humor, quando ele comentou: — Suponho que a Trapalhona não pôde vir.

Ivory afundou-se numa cadeira que, por sorte, estava bem perto.

— Vo....você conhece a Trapalhona? — Ora, era óbvio que ele a conhecia, pois tinha acabado de mencionar o seu nome. Isso fez com que ela se alarmasse e um terrível pensamento lhe viesse à mente. Não, não podia ser! Jamais!

O desconhecido mantinha-se impassível.

— Quem... quem é você? — Esperava ansiosa a resposta dele, com a impressão de que o silêncio duraria para sempre. Quando ele finalmente respondeu, Ivory quis desaparecer debaixo do assoalho.

— O nome Lawson Alexander significa alguma coisa para você?

— Meu Deus! — Aquele era simplesmente o homem com quem fora se encontrar em Amsterdam. Nada mais, nada menos do que o presidente da Sociedade Anônima

Alexander, o responsável pelo tumulto no escritório de Londres, quando comunicara que necessitava de certos papéis do seu cofre. Isso significava que o pessoal tinha apenas quatro horas para enviar a papelada a Amsterdam, a tempo de alcançá-lo para a reunião das dez horas, na manhã seguinte. Ivory não podia acreditar no que estava acontecendo.

— Você... o senhor é Lawson Alexander?

Sabia que sim. A sua pergunta não necessitava de resposta. Só esperava que ninguém em Londres tomasse conhecimento do episódio. Oh, Ivory, quando faz uma asneira, você realmente capricha!, pensou, desanimada. Tinha voado para a Holanda, apreensiva porque ia encontrar o grande Lawson Alexander pela primeira vez, e, ao invés de executar sua missão com um mínimo de eficiência, acabava de encontrá-lo a uma distância de duas camas, em um quarto de hotel. Além do mais, agora via-se forçada a admitir que o quarto devia ser dele.

— O café não está tão quente quanto deveria, mas você parece estar precisando de algo para beber — Lawson Alexander observou, com voz menos cortante e serviu-lhe uma xícara. Ivory pegou o café e conseguiu encontrar forças para murmurar um delicado "obrigada". Seus pensamentos encontravam-se numa verdadeira confusão.

— Não posso entender — disse, quando o silêncio na sala já se tornava longo. — Tenho certeza de que não cometi nenhum engano.

Ele custou a responder, deixando-a apreensiva. Esperava ouvir dele uma repreensão, por sua atuação desastrada. Contudo, isso não aconteceu.

— Não se preocupe, garota. Não houve nenhuma desgraça. Suponho que não sou o primeiro homem com quem você compartilha um quarto.

Ivory sentiu um impulso de raiva, diante daquela opinião sobre sua moral. Ele não tinha o direito de tirar conclusões a seu respeito. No entanto, ignorando o comentário irônico, preferiu discutir em primeiro lugar a razão de estar ali.

— Os papéis que o senhor pediu estão na minha mala. Tive instruções para entregá-los às nove horas da manhã, mas acho que pode recebê-los agora, não?

Lawson não fez nenhum comentário, enquanto ela pegava os documentos que, no dia anterior, em Londres, pareciam tão importantes e urgentes. Apenas deu uma olhada rápida neles, assim que os recebeu.

— Quer dizer que a Trapalhona Williams não pôde vir?

Williams era um tipo de secretária-mensageira circulante. Ela adorava seu trabalho e dizia-se que era muito inteligente, embora continuamente se perdesse em pequenos detalhes. Ivory ficou embaraçada com aquela pergunta. Parecia pouco correto dizer a Lawson Alexander que a colega havia esquecido de renovar seu passaporte. Entretanto, deduziu que ele aguardava uma resposta e então pronunciou um "não", simples e seco. Obviamente, isso não o satisfazia.

— Ela não está doente, está?

— Não. Estava muito bem, quando eu parti. — Ivory sentiu-se forçada a dizer a verdade, pois os olhos dele fixavam-se nela de maneira muito significativa.

— Suponho que a Trapalhona tenha descoberto, no último minuto, que seu passaporte estava vencido, não?

Ivory fitou-o, atônita.

— Como é que soube...? — murmurou, confirmando, sem querer, aquela dedução. A mente dele trabalhava rápido. Não era nenhuma surpresa que ele fosse o cabeça da Sociedade Anônima Alexander, na sua idade. Comentava-se que tinha entre trinta e quarenta anos. Por sua aparência, Ivory concluiu que devia estar bem no meio.

— A Trapalhona não ganhou esse apelido sem uma boa razão — ele comentou, num tom informal. — Mesmo assim, é ótima mensageira.

— O senhor quer dizer que ela não teria entrado no quarto errado, não é mesmo? — Ivory não podia deixar de desafiá-lo. Ficou imaginando que apelido lhe seria dado no escritório, se esse episódio fosse descoberto.

— Não fique aborrecida por isso. Pensei que Londres enviaria a Trapalhona e pedi à recepção que a mandasse para o meu quarto, assim que aparecesse. Ela teria deixado os papéis aqui e ido para o seu próprio quarto. Você disse ao recepcionista que iria se encontrar comigo?

Ivory balançou a cabeça afirmativamente. Era exatamente isso que havia feito. Tinha se dirigido à recepção e dito: "Sou da Sociedade Anônima Alexander e estou aqui para encontrar-me com o sr. Alexander". Estava muito cansada para ver se havia alguma coisa mais e, afinal de contas, suas instruções tinham sido para encontrá-lo na manhã seguinte. Portanto, supôs que a chave que recebeu fosse do quarto que lhe fora reservado. Devido ao cansaço, nem percebeu que era de uma suíte.

Suas reflexões foram interrompidas por Lawson Alexander.

— Nunca vi você. Está na Sociedade há muito tempo?

— Seis meses.

Ela também nunca o tinha visto, mas ouvira falar bastante a respeito dele. Dizia-se que trabalhava muito e que gostava de divertir-se com a mesma intensidade.

— Você trabalha como assistente da Trapalhona?

— Não, estou no Departamento de Estatísticas, como secretária. Houve um...

Fez uma pausa, enquanto decidia se contava ou não a confusão que o telefonema dele havia causado. Concluiu que suas chances de promoção seriam nulas, depois do que havia feito e resolveu contar.

— Houve um certo alvoroço, depois de seu telefonema e da Trapalhona descobrir que o passaporte dela estava vencido. Então, todos os funcionários mais disponíveis naquele momento foram chamados. Como o sr. Fletcher, meu chefe, ia passar dois dias trabalhando no escritório de Manchester, eu estava livre para dar uma mão.

— Assim, você foi recomendada para substituir a Trapalhona.

— Sim.

Isso foi tudo o que ela conseguiu responder. Com toda certeza, o sr. Alexander não estaria interessado em saber o quanto ficara contente por ter sido designada mensageira e como, sem que percebesse direito o que estava acontecendo, chegara ao apartamento que dividia com Mandy, arrumara algumas coisas numa valise e dirigira-se ao aeroporto. Já passava das vinte horas quando subiu no avião que a levaria a Amsterdam. Ao chegar ao hotel, depois da meia-noite, sentia-se exausta pelos acontecimentos do dia e pela emoção de ter saído da Inglaterra pela primeira vez. Não era de admirar que tivesse adormecido assim que encostara a cabeça no travesseiro.

Olhando novamente para o relógio, viu que ainda não eram oito horas. Gostaria de saber o que devia fazer. Lawson Alexander não iria querer que ela ficasse em sua suíte por mais tempo; portanto, a melhor coisa seria tomar um táxi para o aeroporto e esperar ali o avião que a levaria de volta para casa.

— Há alguma coisa que eu deva levar de volta para Londres? — perguntou, sentindo-se repentinamente desconfortável, diante do olhar misterioso que recebeu.

— Você sabe datilografar? — ele parecia refletir sobre alguma coisa.

Essa não foi a resposta que Ivory estava esperando, mas ficou firme e não mostrou nenhuma surpresa diante da pergunta inesperada.

— Sei. Sou secretária.

— Ótimo! Então você não vai voltar para Londres hoje.

Dessa vez, Ivory não conseguiu esconder a surpresa.

— O sr. Fletcher está me esperando hoje à tarde — sentiu-se obrigada a protestar. Eles tinham seus próprios esquemas de trabalho no Departamento de Estatísticas e o sr. Fletcher ficaria louco se ela não voltasse.

Lawson Alexander lançou-lhe um olhar que não era necessário interpretar. Obviamente, o sr. Fletcher não teria coragem de discutir qualquer decisão que ele tomasse. Como já era esperado, Alexander ignorou o protesto.

— Tenho uma reunião às dez e, a seguir, dois outros compromissos. Devo estar de volta depois do almoço. Mande trazer uma máquina de escrever. Você pode trabalhar aqui.

Ivory não mais protestou. Algum problema maior devia ter surgido com os negócios em Amsterdam e, visto que era ela quem estava ali no momento, acabava de ser eleita para trabalhar para o grande Lawson Alexander. Só não podia evitar a irritação que ele lhe provocava, nem a vontade de tornar as coisas um pouco mais difíceis para ele.

— E o que eu faço, enquanto isso? — O que mais a aborrecia era o fato de ele não se preocupar em saber se era conveniente para ela ficar em Amsterdam ou não.

— É muito simples. Já que permanecerá por aqui mais uma noite, talvez até duas ou três, pode começar indo para o quarto que lhe foi reservado. Aliás, prefiro eu mesmo escolher quem divide o quarto comigo.

Ivory quase perdeu o fôlego diante da impertinência daquele homem. Sua raiva cortou qualquer outro pensamento. Num salto, com o rosto todo vermelho, pegou a mala, e voou para a porta. A insinuação de que ela estava pretendendo dividir o quarto com ele deixou-a irritadíssima. À porta, voltou-se, fitando os olhos escuros e enigmáticos, que a encaravam com sarcasmo.

— Boa sorte em sua escolha — disse e, sem esperar por qualquer resposta, saiu louca da vida.

No elevador, a caminho da recepção, a raiva desapareceu, dando lugar a preocupações mais imediatas. Com que cara ia pedir a chave do seu quarto, vinda de dentro do próprio hotel? Sua face corou novamente, ao imaginar que o recepcionista, ou quem quer que estivesse lá, saberia onde ela havia passado a noite.

Quando a porta do elevador se abriu, pensou em deixar a mala atrás de um pilar e fingir que tinha acabado de chegar da rua. Contudo, lembrou-se de que nem mesmo havia preenchido a ficha do hotel e, pior ainda, não fazia ideia do número do seu quarto.

Atingiu o balcão da recepção, antes que tivesse decidido sobre a melhor maneira de agir. Então, para seu alívio, o recepcionista foi logo perguntando, num inglês perfeito:

— É a srta. Dutton, não?

— Sim... Sim. — Estava claro que o recepcionista só poderia saber o seu nome, se Lawson Alexander tivesse telefonado, avisando que ela ia descer.

— Sua chave, srta. Dutton. Devo me desculpar pela confusão de ontem à noite. Fico satisfeito por termos conseguido colocá-la em seu quarto com a chave mestra. Mas, agora, a chave original foi encontrada. Aqui está.

— Obrigada — Ivory murmurou, meio sem jeito, porém, contente porque o rapaz, ao que tudo indicava, nem chegara a notar a sua valise. Então, agradeceu outra vez e encaminhou-se para o elevador.

CAPÍTULO II

Ivory chegou, sem outros problemas, ao quarto onde, segundo Lawson Alexander, passaria as próximas duas ou três noites. Sentou-se numa pequena poltrona, pensando em tudo o que tinha acontecido desde que havia aberto os olhos naquela manhã, ao ouvir a voz rude perguntando: "Quem é você, afinal?"

Concluiu que Lawson Alexander podia ser seu patrão, podia ser inteligente, dinâmico e todas as outras maravilhas que diziam a respeito dele. No entanto, tinha certeza de uma

coisa: era arrogante, autoritário e o homem mais desagradável que ela já conhecera. Por outro lado, reconhecia que ele fora bem gentil ao telefonar para a recepção, facilitando-lhe as coisas. Só que esse gesto não diminuía a antipatia que sentia por ele.

Sem dúvida, o tempo que ia passar trabalhando com o chefe da Sociedade Anônima não ia ser nada divertido. Estava segura de que, quando voltasse à Inglaterra, sua permanência em Amsterdam seria algo que gostaria de esquecer.

O pensamento de que não estaria em casa nos próximos dois ou três dias trouxe-a de volta à realidade. Havia se preparado para ficar fora apenas uma noite e tudo o que trouxera era o vestido e o blazer com o qual viajara, uma muda de roupas íntimas, o jeans e o suéter. Mais tarde, teria que dar um jeito de desamassar o vestido da viagem e deixá-lo em ordem para ser usado. Contudo, o mais urgente era tomar o café da manhã, pois estava morta de fome.

Desceu ao restaurante do hotel, torcendo para que seu patrão não resolvesse tomar café outra vez. Já ia ser bastante desagradável trabalhar para ele e não via nenhuma razão para ter que suportá-lo durante as refeições também. Por sorte, ele não apareceu, e ela voltou para o quarto meia hora depois. Então, lavou a roupa de baixo, alisou o vestido o melhor que pôde e pendurou-o no armário. Lawson Alexander não precisaria de seus serviços até a tarde. Assim, como teria algum tempo livre, resolveu aproveitar a oportunidade para conhecer um pouco de Amsterdam.

Ao passar pela recepção, viu que havia uma moça trabalhando e perguntou a ela quais eram os lugares interessantes da cidade. Após receber uma lista de pontos pitorescos, decidiu visitar o Rijksmuseum: pois adorava pintura.

Ivory achou os holandeses muito gentis. Uma senhora ajudou-a a comprar o bilhete do ônibus e uma garota explicou-lhe onde deveria saltar.

Havia muito o que apreciar no museu. Pena que ela não tivesse tempo suficiente para visitar todas as salas. Mesmo assim, adorou o passeio e se encantou com as esculturas e as pinturas que viu. Gostaria de visitar a biblioteca também, pois tinha um amor especial por livros. Entretanto, sabia que, se fizesse isso, seria capaz de perder a noção do tempo e não podia chegar tarde ao hotel.

Com o passar das horas, começou a ficar com fome e dirigiu-se ao restaurante que tinha visto quando entrara no edifício. Restava-lhe pouco dinheiro holandês, foi o que constatou, ao pagar a refeição. A empresa havia-lhe dado mais do que o suficiente para passar um dia, porém, ninguém imaginou que ela seria obrigada a ficar por um tempo além do programado. Contudo, era tarde para se preocupar com o problema e, caso fizesse todas as refeições no hotel, provavelmente não precisaria gastar mais nada.

O relógio marcava duas horas. Se não quisesse enfrentar a fúria de Lawson Alexander, seria melhor voltar logo para o hotel. Tinha que admitir que o trabalho inesperado lhe havia proporcionado uma bela oportunidade de viajar. Por outro lado, gostaria que em sua primeira viagem ao estrangeiro não tivesse que se encontrar com alguém tão desagradável como o seu patrão.

No hotel, a recepcionista cumprimentou-a e perguntou se havia se divertido. Ivory respondeu que sim e não pôde deixar de pensar que todos estavam sendo muito amáveis com ela naquele dia. Todos, exceto ele.

Não sabia a que horas o chefe iria chamá-la. Lavou o rosto e refez rapidamente a maquiagem. Depois, olhou-se no espelho e ficou indecisa quanto a colocar ou não o vestido com o qual havia viajado. Jeans e suéter não eram adequados para a secretária eficiente que ela estava decidida a provar que era. Foi para o guarda-roupa com a intenção de pegar o vestido azul, porém o toque do telefone interrompeu-a. Atendeu à chamada e sentiu um pequeno arrepio, quando reconheceu a voz de Lawson Alexander.

— Venha para o meu quarto — ele ordenou no tom frio de sempre. — Agora mesmo! — acrescentou e desligou.

Aquele "Agora mesmo!" tinha sido bem claro e fez Ivory dar as costas para o armário. Não haveria mais tempo para trocar de roupa, embora não pretendesse sair correndo. Trancou calmamente o quarto e dirigiu-se num passo bem moderado à suíte do seu chefe. Bateu levemente à porta e teve apenas os segundos necessários para respirar fundo, antes de ouvir a ordem: "Entre".

Lawson Alexander estava vestido formalmente, com um terno escuro. Parecia diferente do homem descontraído que ela havia visto pela manhã.

— Sente-se ali. — Indicou-lhe uma cadeira diante de uma escrivaninha com uma máquina de escrever.

Lawson não começou a ditar imediatamente, como Ivory esperava que fizesse. Examinou-a cuidadosamente, percebendo que ainda estava com a mesma roupa com a qual a vira da última vez.

— Você saiu? — perguntou, chegando bem perto dela.

Ivory foi forçada a levantar a cabeça para olhar para ele. Seus olhos brilharam com a recordação de algumas belas pinturas que havia visto.

— Fui ao Rijksmuseum.

— Parece que ficou um bocado impressionada com ele. Suponho que aprecie a arte.

— Acredito que me encaixo na categoria dos que apreciam o que é belo — respondeu e ficou satisfeita porque o assunto se encerrou ali. Não tinha a mínima vontade de ficar conversando sobre o que gostava ou deixava de gostar.

Ele começou a ditar devagar, porém, notando que Ivory conseguia acompanhá-lo sem nenhum problema, aumentou a velocidade, até os dedos dela serem obrigados a voar sobre o papel.

Depois de algum tempo, parou. Se estava admirado porque ela o acompanhara com facilidade certamente ele não diria nada. Isso Ivory era capaz de jurar. Sabia que era eficiente. Contudo, sentiu um orgulho especial pelo próprio desempenho. Afinal, era a primeira vez que taquigrafava para alguém tão importante quanto o homem que estava ali, apoiado na mesa e de costas para ela. Ficou visivelmente surpresa, ao ouvi-lo comentar:

— Se você transcreve e datilografa tão bem quanto taquigrafa, acho que está sendo desperdiçada no Departamento de Estatísticas.

Tais palavras causaram-lhe um enorme prazer. No entanto, procurou não demonstrar nenhuma emoção.

— Acredito que o senhor não terá do que reclamar — respondeu no tom mais imparcial que conseguiu. — Pelo menos, o sr. Fletcher nunca encontrou nenhum defeito em meu trabalho.

Arrependeu-se de imediato. O que dissera poderia dar a impressão de que era uma pessoa presunçosa, o que estava longe de ser. Mas o olhar dele demonstrou que não ficara nada impressionado com o que ela havia dito. Provavelmente, está acostumado a um padrão muito mais elevado do que o sr. Fletcher, pensou, desejando ter permanecido em silêncio. Para disfarçar o embaraço, começou a mexer numa caixa de papel carbono, que estava sobre a escrivaninha.

— Há muito trabalho pela frente. Sugiro que você datilografe até as seis horas e vá para seu quarto descansar. Depois, será melhor jantar comigo. Amanhã poderá concluir o que faltar.

O choque frente à sugestão arrogante, ou melhor, à ordem para jantar com ele, sem sequer lhe dar a chance de opinar, fez com que sentisse uma forte emoção. Irritada, moveu-se na cadeira.

— Se não se importa, prefiro jantar sozinha. — Admirou-se de sua audácia em recusar o convite, pois, pela expressão do chefe, ficou claro que isso era a última coisa que ele esperava ouvir.

— Qual é o problema, srta. Dutton? Tem medo de que o namorado se zangue? — E, sem lhe dar tempo para responder, continuou: — Posso lhe assegurar que não tenho nenhum outro tipo de interesse em você.

Lawson parecia realmente furioso e ela imaginou que era pelo fato de pouquíssimas mulheres terem recusado um convite dele.

— Deus me livre de vocês mulheres! — ele explodiu em seguida. — No seu caso, só porque um homem viu de relance um pedaço de seus ombros descobertos, você fica achando que ele mal pode esperar para lhe pôr as mãos em cima!

— Não... não é isso. — Ivory protestou, tentando manter a calma e a dignidade. — Nem por um momento me passou pela cabeça o que está imaginando.

— Então, por que a recusa a um simples jantar? Seu namorado nem vai ficar sabendo.

— Não tenho namorado — ela esclareceu e completou mentalmente "agora". Tinha tirado Michael Stephens do pensamento havia seis meses. Pelo menos, era o que acreditava ter feito, embora ainda ficasse triste cada vez que pensava na maneira como tinham se separado.

— Não deve ser por falta de pretendentes, suponho. — O tom frio com que ele falava tirava qualquer possibilidade de elogio de suas palavras. — Então, já que você não está com medo de ter problemas com o namorado e não está pensando que me transformarei no lobo mau, por que quer comer sozinha? É uma solitária excêntrica ou algo do gênero?

Ivory procurou algum meio de dizer-lhe que não se sentia à vontade em sua companhia. Nunca havia sido propositadamente descortês com ninguém em sua vida e, apesar de duvidar que a sua recusa para jantar com ele o afetasse muito, percebeu que não havia como dizer-lhe o que sentia, sem que isso soasse rude.

— Não tenho o que vestir — foi a desculpa que conseguiu inventar. Embora essa não fosse a verdadeira razão, achou que Lawson Alexander não gostaria de levá-la a um restaurante com o vestido azul da viagem. — Supus que estaria voltando para casa hoje de manhã. Por isso, só trouxe a roupa com a qual viajei e isto que estou usando.

Ele não discutiu o assunto. Olhou-a como se suspeitasse que ela procurava obter alguma coisa. Inocentemente, Ivory devolveu-lhe o olhar. Mas corou quando ele, com uma expressão muito clínica no rosto, retirou a carteira do bolso. Ainda com o olhar clínico, Lawson empurrou um punhado de notas na direção dela.

— Nesse caso — declarou, arrogante — seria melhor você sair e comprar algo para vestir, não acha?

Sem ter muita consciência do que estava fazendo, Ivory colocou as mãos para trás, num gesto infantil de recusa.

— Não, obrigada — disse rapidamente, ao perceber que ele vira em suas palavras um pedido velado para que lhe comprasse uma roupa nova. Sentiu-se mal só de pensar nisso. Jamais aceitaria aquele dinheiro!

O gesto de impaciência de Lawson Alexander, diante do jogo que acreditava existir, encorajou-a a continuar.

— Não tenho o hábito de permitir que paguem pelas minhas roupas. Está muito enganado, se imagina que foi essa a minha intenção — respondeu firme e calmamente, apesar de sentir-se ofendida com o gesto dele.

Um longo silêncio caiu sobre os dois. Ivory notou que ele a observava, tentando entendê-la. Se acreditava ou não no que dissera, pouco importava naquele momento. Não voltaria atrás e ele não tinha nenhum poder para forçá-la a fazer isso.

Lawson Alexander foi o primeiro a falar, desta vez de maneira mais suave, sem o costumeiro cinismo.

— Não era minha intenção ofendê-la, Ivory. Acontece que, sendo seu patrão, sinto-me responsável por você. Está num país estranho, não fala a língua daqui e nem conhece outra pessoa além de mim. Acredito que não estaria sendo justo se, depois de fazê-la

ficar na Holanda trabalhando para mim, permitisse que jantasse sozinha no hotel. Por isso, ficaria satisfeito se jantasse comigo.

Ivory sentiu-se enfraquecer. Tamanho charme deveria ter seduzido muitas mulheres. A ideia fez com que aumentasse suas defesas contra ele.

— Quanto à roupa — Alexander continuou — esqueça que estou pagando a conta. Tenho certeza de que você se sentirá mais à vontade se não tiver problemas com o que vestir hoje à noite. Além do mais, visto que está em Amsterdam a negócios da firma, o Departamento de Finanças naturalmente esperará que apresente suas despesas assim que voltar.

Ele parecia sincero. Quando conseguiu encará-lo, Ivory deparou-se com um sorriso encorajador. Imediatamente desviou o olhar. Não queria se deixar envolver. O problema era que nunca tinha estado numa viagem de negócios antes e não sabia se um vestido novo poderia fazer parte dos gastos incluídos no item "despesas de viagem".

— Por que não posso jantar em meu quarto? — tentou ainda resistir.

— Porque eu me sentiria um péssimo diretor, se deixasse você fazer isso. — Desta vez, ele foi categórico. Não era nenhuma novidade que a Corporação Alexander orgulhava-se de cuidar bem de seus funcionários. Apesar disso, Ivory não podia deixar de pensar que Lawson Alexander estava zelando demais por ela. Foi então que ele segurou seu pulso com firmeza e colocou o dinheiro em sua mão.

— Se não se apressar, vai encontrar todas as lojas fechadas. Mais um detalhe: não se esqueça de pegar os recibos de tudo o que comprar. O Departamento de Finanças é exigente com os comprovantes. — Gesto tão contundente acabou por vencer a resistência de Ivory.

Um pouco mais tarde, viu-se entrando na seção de vestidos de uma das muitas lojas de Amsterdam. A partir do momento em que sentira o dinheiro em sua mão, começara a ter impressão de que estava sonhando. Tinha uma vaga ideia de ter sido conduzida para fora da suíte de Lawson Alexander e mal se lembrava de como chegara à loja.

— Em que posso servi-la? — A vendedora trouxe-a de volta à realidade.

Tendo mais ou menos um tamanho médio, foi fácil encontrar roupas que lhe servissem e logo descobriu um vestido, em tons de rosa, lilás e roxo, que lhe assentava muito bem. Era justo na parte de cima e mais solto nos quadris. O único problema era o decote, bastante cavado nos ombros, que a obrigaria a adquirir um sutiã sem alças, para evitar constrangimentos. Assim, após dar o dinheiro do vestido e pedir um recibo à vendedora, que, por sorte, falara inglês, foi para o departamento de lingerie.

Eram cinco e meia, quando chegou ao hotel. Será que o chefe esperava que ela datilografasse durante a próxima meia hora? Não tinha nenhuma ideia. Mas, visto que ainda lhe sobrava algum dinheiro, decidiu ir devolvê-lo e aproveitar para ver o que aconteceria depois.

— Comprou o que queria? — Lawson perguntou, quando abriu a porta.

— Comprei, sim, obrigada. — Ivory entregou-lhe o troco e viu-o colocar no bolso sem se preocupar em contá-lo. — Estou com os recibos aqui. Eu... eu precisei comprar... mais uma coisa — gaguejou, achando-se uma idiota, por estar envergonhada de dizer a palavra "sutiã" diante daquele homem.

Ele apanhou os recibos que ela lhe estendeu, olhou-os rapidamente e logo compreendeu por que Ivory estava tão vermelha.

— Se quiser evitar algum embaraço em Londres, posso declarar esses artigos na minha ficha de despesas — sugeriu, fazendo a proposta soar como a coisa mais natural do mundo.

Ela havia decidido devolver-lhe o dinheiro gasto, tão logo chegasse em casa, e jamais apresentar a nota na firma. No entanto, a ideia que ele tivera tornaria tudo mais fácil e, além disso, evitaria que se encontrassem de novo.

— Eu agradeceria muito. — Evidentemente, Lawson Alexander não teria que preencher uma declaração de despesa detalhada e seria reembolsado sem nenhuma pergunta.

Ele não fez comentários. Guardou os recibos no bolso, olhou para o relógio e afirmou: — Não vale a pena começar a datilografar agora. Podemos dar por encerrado o expediente de hoje. Nos encontraremos às oito horas no bar do salão, certo?

Mais tarde, analisando-se no espelho do armário, em seu quarto, Ivory não pôde deixar de se sentir satisfeita com a imagem que viu. Teve certeza de que não iria desapontar Lawson Alexander naquela noite. Seus sentimentos a respeito dele eram confusos. Não queria decepcioná-lo, pois, afinal, era seu patrão e, ao menos enquanto estivesse em Amsterdam, seria obrigada a fazer o que ele mandasse. Só esperava que, uma vez de volta à Inglaterra, trabalhando em seu ambiente habitual, nunca mais tivesse que encontrá-lo.

Desde que Michael rompera o noivado com ela, simplesmente porque achava que para um casal às vésperas do casamento a intimidade que havia entre eles era insuficiente, Ivory passara por um sofrido processo, até readquirir a autoconfiança. Por isso, queria distância dos homens e, embora recebesse muitos convites para sair, procurava não se envolver com ninguém.

Tratou de afastar Michael de sua mente, pegou a bolsa e foi encontrar seu patrão. Contudo, estava um pouco deprimida. Imaginara que havia conseguido se desfazer das lembranças do ex-noivo e percebia que estava enganada.

Lawson Alexander levantou-se de seu banco, perto do bar, assim que ela entrou. Mesmo não estando muito animada com os momentos que seria forçada a passar com ele, Ivory não pôde deixar de sentir-se lisonjeada. Aquele homem alto e bonito vinha ao seu encontro, completamente desatento aos olhares que lhe eram dirigidos por algumas mulheres ali no salão. Ele parecia não estar interessado em ninguém, exceto nela. Ivory não ignorava que o convite para jantar era puramente comercial, porém, um calor inesperado percorreu-lhe o corpo, quando ele parou à sua frente.

— Para uma mulher que gastou menos de meia hora para comprar um vestido, posso garantir que você não teria escolhido melhor, se tivesse passado o dia todo procurando.

Ivory aceitou o elogio com um pequeno sorriso e, no momento em que perguntou o que gostaria de beber, pediu um sherry seco. Duvidava que ambos tivessem algo em comum e ficou imaginando sobre o que iriam conversar. Concluiu que passariam todo o jantar falando da firma, já que o único elo entre os dois era a Sociedade Alexander.

Todavia, para sua surpresa, o sr. Alexander não parecia inclinado a falar de negócios, a não ser para mencionar que estava do outro lado do mundo, quando as coisas tinham começado a pegar fogo em Amsterdam.

— Então, teve que deixar tudo e vir correndo para a Holanda? — ela indagou. Só agora percebia a extensão dos negócios em Amsterdam. Para o presidente da Corporação deixar tudo e viajar correndo a fim de resolver pessoalmente o problema, este devia ser da máxima importância.

— Imagino que tenha feito a mesma coisa ao vir para cá. Você é muito jovem. Espero que seus pais não tenham ficado preocupados com sua viagem tão repentina. — Fitou-a diretamente nos olhos.

Antes, ele nem lhe perguntara se poderia ou não permanecer em Amsterdam por mais tempo. Com aquela conversa, estaria apenas tentando ser educado? De qualquer forma, já que o chefe parecia estar se esforçando, era melhor dizer algo. Ou então passar o resto do jantar em silêncio.

— Tenho vinte e três anos — falou, depositando o garfo e a faca no prato. Haviam acabado de comer o delicioso filé e faziam uma pausa, antes que o carrinho de doces chegasse. Era óbvio que ele esperava que dissesse algo mais e ficou aborrecida consigo mesma, quando se viu dando a seguinte informação:

— Minha mãe e meu padrasto moram em Luton. Fui morar em Londres há seis meses.

— Você se dá bem com o seu padrasto? — ele perguntou, como se estivesse supondo que essa era a razão pela qual ela havia saído de casa.

— Meu padrasto é um amor. Não poderia desejar nada melhor. — Para aborrecimento dela, as perguntas não pararam ali.

— Então, o que a fez ir para Londres? Você não parece ser do tipo que vai tentar a vida na cidade grande.

Ivory achou que ele já estava querendo saber demais. Resolveu cortar o assunto.

— Você não tem nenhuma ideia sobre o tipo de pessoa que eu sou — ponderou e ficou satisfeita com a chegada do garçom, exatamente naquele instante. Esperou até que Lawson Alexander começasse a comer seu doce de queijo e, concluindo que havia colocado um fim a toda aquela especulação, pôs-se a saborear o seu também.

— Você mora na área central de Londres?

— Sim, divido um apartamento com uma amiga. — Tinha sido um golpe de sorte Mandy estar procurando alguém com quem partilhar o apartamento, na mesma época em que Ivory havia decidido deixar Luton.

— Avisou-a de que ficaria em Amsterdam por um ou dois dias mais?

— Mandy está fora no momento, fazendo um curso.

— Então não há ninguém em Londres que possa se preocupar com sua ausência?

Ivory começou a ficar irritada com o interrogatório. Ele estava levando longe demais a reputação da Sociedade Alexander de cuidar de seus funcionários e suas famílias.

— Não há ninguém que possa ficar preocupado, se não tiver notícias minhas por alguns dias. Mamãe é uma pessoa muito sensata. Se telefonar para o apartamento e ninguém responder, ligará para o escritório e descobrirá onde estou. Mandy não voltará antes de sexta-feira à noite e não haverá nenhum namorado apertando a campainha do apartamento!

— Ah! — ele exclamou. Ivory poderia jurar que surpreendera um tom de satisfação naquele "Ah", como se, afinal, ele tivesse chegado ao aspecto principal da conversa. Afastou esse pensamento. O sr. Alexander era um tipo sofisticado, e não estaria interessado na vida amorosa de uma simples secretária de sua companhia.

O café chegou e, recusando o licor, ela concentrou-se em colocar açúcar mascavo em seu café. Enquanto isso, procurava se livrar das emoções que aquele homem conseguia despertar nela.

— Acho que — ele falou casualmente, levantando os olhos do charuto que acabava de acender e encarando-a — não houve nenhum namorado... nos últimos seis meses, estou certo?

Ivory tentou ser tão casual quanto ele. Mas foi um erro levar a xícara aos lábios para tomar um gole de café, com ar indiferente. A pergunta dele, tão inesperada, acertara em seu ponto fraco, fazendo-a engasgar. Com um esforço supremo engoliu um gole de café, esperando que ele não tivesse notado como sua mão estava tremendo, e recolocou a xícara no pires. Enquanto procurava uma resposta que o colocasse em seu devido lugar, percebeu que alguém havia chegado à mesa deles. Quando olhou para ver quem era, ouviu a voz um pouco rouca da bela garota ruiva, alguns anos mais velha que ela, dizendo:

— Lawson querido, não sabia que estava em Amsterdam. Que surpresa agradável!

O que não constituiu nenhuma surpresa foi o fato de a garota ruiva ignorá-la. Sua atenção era toda para Lawson. Não demonstrava nenhum interesse pela pessoa que o estava acompanhando.

Lawson levantou-se, exclamando que era um prazer inesperado vê-la ali.

— Deixe-me apresentá-la à srta. Dutton — falou, com muito charme. — Ivory esta é a srta. Sheba Nightingale.

Como a srta. Nightingale não mostrou nenhuma intenção de apertar sua mão, Ivory apenas sorriu para ela. Seu sorriso não foi retribuído, o que a fez concluir, com uma pequena sensação desagradável, que Sheba Nightingale estava com ciúmes dela. Teve vontade de rir e chegou até a achar conveniente o aparecimento da moça. Caso contrário, ela e Lawson Alexander provavelmente estariam no meio de uma discussão, visto que estava disposta a dizer a ele que fosse cuidar de sua vida, ao invés de ficar perguntando por seus namorados.

Escutou Sheba explicar que já havia jantado e que iria encontrar-se com alguns amigos.

— Não gostaria de tomar um café conosco? — ouviu Lawson perguntar gentilmente e não ficou nem um pouco surpresa, quando a bela ruiva aceitou o convite.

Vendo que Lawson ia pedir ao garçom que trouxesse outra cadeira, Ivory levantou-se. Havia acabado sua refeição e, como Sheba Nightingale estava ali, sentiu que sua presença não era mais necessária.

— Pode sentar-se na minha cadeira — propôs, ignorando o olhar duro que o chefe lhe lançou. Sorria diretamente para os olhos verdes da recém-chegada. E, para que a garota não tivesse nenhuma dúvida sobre o relacionamento que havia entre eles, completou: — Amanhã de manhã me apresentarei para o trabalho, sr. Alexander.

Então, sem dar tempo a que ele esboçasse alguma reação, saiu da sala com a cabeça erguida. Às vezes é difícil satisfazer determinadas pessoas, pensou. Lawson não parecia nada satisfeito por ter ficado sozinho com a bela ruiva.

Chegando a seu quarto, Ivory deu um longo suspiro de alívio. Sheba Nightingale havia aparecido na hora certa. Aliás, em primeiro lugar, nunca pretendeu jantar com aquele homem autoritário e, depois, não tinha gostado nem um pouquinho da pergunta astuta a respeito da sua falta de namorados.

Deu uma boa risada, enquanto tirava os sapatos. Sentia-se vitoriosa e não podia atribuir esse sentimento de euforia ao estímulo da companhia que havia acabado de deixar. Por outro lado, tinha que admitir que o fato de ser obrigada a aguçar sua presença de espírito contra Lawson Alexander tornara-a bem mais viva do que estivera ultimamente. Só esperava poder manter o ânimo, quando tivesse que encará-lo novamente, no dia seguinte.

Ao ouvir a batida leve em sua porta, vinte minutos mais tarde, um pouco do seu bom humor desapareceu. Logo imaginou quem se encontrava do outro lado e engoliu em seco; não adiantaria fingir que não tinha ouvido o chamado. Então, calçou os sapatos rapidamente. Mesmo com aqueles saltos altos, não chegava à altura dele, porém, sentiu-se um pouco mais alta deu-lhe mais confiança para abrir a porta.

A expressão do rosto dele imediatamente revelou o quanto estava zangado. Ivory fitou-o com o coração batendo forte, embora estivesse determinada a não se deixar intimidar.

— Esqueci alguma coisa? — perguntou, dando à sua voz um tom de calma. Na verdade, o que mais desejava era bater a porta na cara dele. Lawson parecia ter ficado furioso, diante da insolência da pergunta.

— Apenas os seus bons modos. Nunca mais ouse fugir de mim!

A maneira firme com que ele pronunciou cada palavra indicou-lhe que seria melhor manter-se calada. Contudo, algo em seu interior impediu-a de ficar quieta.

— Sinto muito. Não tive a intenção de ofendê-lo. Pensei que você e a srta. Nightingale pudessem ter alguma coisa pessoal para conversar e não quis atrapalhar.

— Quando eu precisar da sua ajuda para dirigir a minha vida pessoal, eu avisarei, esteja certa. — Havia grande irritação na voz dele. — Até então, enquanto você estiver a

meu serviço, ou a negócios da companhia, fará como eu disser. Vai jantar comigo outra vez amanhã e, se sair do mesmo modo que hoje, será despedida.

Ivory ficou olhando para ele de boca aberta. Não havia feito movimento nenhum para entrar em seu quarto e ela tinha certeza de que não poderia detê-lo, se essa fosse a sua intenção. Estava aprendendo o bastante sobre aquele homem, para saber que sempre fazia o que queria. Entretanto, daí a falar em despedi-la, só porque tinha saído sem terminar o café, era demais!

Satisfeito, ao ver que ela não conseguia encontrar nenhuma resposta para o que havia dito, Lawson foi ficando mais tranquilo, até conseguiu comunicar friamente os planos para o dia seguinte: — Tenho uma reunião às nove da manhã. Deixarei a chave do meu quarto com você, quando sair. Terá trabalho suficiente para se manter ocupada até eu voltar. — Então, sem se dar ao trabalho de dizer boa noite, deixou-a ali na porta, observando suas costas largas, ao vê-lo se afastar.

CAPÍTULO III

Ivory não dormiu muito bem aquela noite, tamanha a sua agitação. O que ela deveria ter feito, pensava, era ter dito a Lawson Alexander o que ele poderia fazer com o seu emprego.

Todavia, de madrugada, quando conseguiu raciocinar melhor, sentiu-se aliviada por não ter tomado essa atitude. Estava muito contente com o emprego e não desejava perdê-lo por nada deste mundo. Naquele ambiente, mantinha-se ocupada e não lhe sobrava muito tempo para ficar remoendo as lembranças de Michael, motivo pelo qual havia saído de Luton.

Uma leve batida à porta despertou-a rapidamente. Abriu os olhos e viu a luz do sol entrando pela janela do quarto. Inclinou-se e pegou o relógio em cima do criado-mudo. Já eram oito e meia. Oito e meia! Que desastre! Acabara perdendo a hora. A batida soou outra vez.

Sem pensar em seu cabelo despenteado e nos olhos vermelhos de sono, abriu a porta, Levou o maior susto ao deparar-se com Lawson Alexander, que, por sua vez, observou-a atentamente. Não tinha a menor ideia do que ele ia dizer, porém, ficou espantadíssima com o comentário que escutou: — Vinte e três anos, você disse? — Um brilho de bom humor apareceu nos olhos dele. — Parece ter dezessete esta manhã!

— Eu... eu dormi demais — Ivory gaguejou, sem graça. Sentia como se seu cérebro não tivesse despertado completamente e, embora fizesse um grande esforço, não conseguia dizer mais nada. Então, viu que não havia necessidade de falar, pois ele se tornou formal novamente e lhe estendeu a mão, forçando-a a esticar o braço nu para apanhar a chave.

— É melhor ficar com isto também — ordenou, colocando um pouco de dinheiro holandês em suas mãos. — Suponho que o Departamento de Finanças tenha lhe dado apenas o suficiente para as despesas de uma noite!

Ivory não queria aceitar, contudo a razão lhe dizia que os poucos florins que tinha na bolsa não dariam para cobrir qualquer emergência que surgisse.

Mesmo assim, fez um movimento instintivo para devolver o dinheiro. Entretanto, ele tinha ocupado uma das mãos com uma valise e levantara a outra para ver as horas. Esse

pequeno detalhe cortou-lhe qualquer tentativa de ação, pois não queria sair de detrás da porta e se expor de camisola. Restou-lhe ficar com o dinheiro e aguentar o sorriso presunçoso que surgiu na face de Lawson, antes dele falar:

— Devo estar de volta lá pelas três horas. Você tem bastante trabalho para passar o dia. Deixei algumas anotações novas e gostaria que fossem datilografadas junto com as demais. Mas não se desgaste muito e faça uma hora de almoço. Se não conseguir ler a minha letra, espere até eu voltar!

— Tenho certeza de que conseguirei entender tudo. Meu padraço é médico e eu leio muito bem os rabiscos dele.

Ivory não pôde evitar o sorriso travesso que lhe escapou. Estava segura de que Lawson não esperava que tivesse a petulância de insinuar que a letra dele era um rabisco.

Olhou para cima e encontrou os olhos escuros do chefe fixos nela. Seu sorriso desapareceu instantaneamente, diante da expressão do rosto dele.

— Vejo que gosta de fazer gracinhas logo de manhã, srta. Dutton. — Foi tudo o que ele disse, antes de lhe dar as costas e ir embora.

Ivory fechou a porta do quarto e se apressou em tomar um banho e se vestir. Não tinha a menor ideia de que horas terminavam de servir o café da manhã e pensou que deveria se organizar melhor dali em diante. Pediria à recepção para acordá-la bem cedo, na manhã seguinte.

Usando o vestido azul da viagem, desceu para tomar o café. Retornou logo, indo direto para a suíte de Lawson. Era melhor começar a trabalhar logo, pois ele poderia voltar mais cedo e seria impossível bater a máquina com aquele homem no quarto.

A letra dele, para sua surpresa, era bem melhor do que havia imaginado. Assim, sem enfrentar grandes problemas para a compreensão do material, trabalhou rápida e arduamente a manhã toda. Consultou o relógio apenas quando seu estômago começou a reclamar.

Uma e meia! Revisou a pilha de documentos datilografados primorosamente, avaliou a quantidade de trabalho ainda por fazer e decidiu que o estômago teria que esperar. Contudo, desejava beber algo e pôs-se a imaginar o que Lawson faria, se quisesse uma bebida. Com toda certeza, ele chamaria a portaria e mandaria servir a bebida no quarto. Então, ela ia fazer a mesma coisa. Apanhou o telefone e pediu café. Foi com satisfação que ouviu a voz do outro lado dizer gentilmente: "Pois não, madame". Então, fez um intervalo de dez minutos para saborear o café e depois, sentindo-se melhor, voltou à máquina de escrever.

Envolvida em seus afazeres, nem notou Lawson chegando, duas horas mais tarde. Pulou sobressaltada, quando a porta se abriu e ele entrou.

— Como está se saindo, Ivory? — perguntou, colocando sua valise no chão. Com a outra mão começou a desabotoar o último botão da camisa e afrouxar a gravata.

Ivory desviou o olhar, achando o gesto dele muito íntimo.

— Estou quase terminando.

— É mesmo? — Lawson aproximou-se para examinar a pilha de papéis datilografados sobre a escrivaninha e pegou a folha que estava por cima.

Se ele está procurando erros, não vai encontrar nenhum, ela pensou. Orgulhava-se de seu trabalho e havia tomado cuidado para que tudo saísse limpo e correto. Especialmente porque era para ele, o supremo chefe!

— Você não deve ter almoçado — ele observou, recolocando o papel na pilha.

— Eu queria acabar tudo logo. — Ivory torceu para que ele não perguntasse porquê. A última coisa que iria confessar era que havia se esforçado para terminar rapidamente o trabalho, a fim de estar fora do quarto antes dele voltar.

Relaxou, quando Lawson abandonou o assunto. Entretanto, ficou tensa novamente ouvindo-o pedir, ao telefone, dois chás completos. Sabendo de antemão que não adiantaria discutir, voltou para a máquina e só parou de datilografar quando bateram à

porta. Deixou que o próprio Lawson fosse atender. Já que ele havia requerido os chás, poderia muito bem recebê-los!

Sentiu que ele se aproximava e examinava-a por cima dos ombros. Apesar de um pouco nervosa, não cessou a atividade, fazendo de tudo para não cometer nenhum erro. Odiaria dar a Lawson a satisfação de vê-la usando a borracha. Quando chegou ao final da página, soltou um suspiro de alívio, por ter terminado a folha sem ter apagado nada. Então, ele se aproximou e falou: — Guarde isso agora e venha comer.

Ivory virou-se na cadeira, pronta para argumentar que estava quase terminando e que pretendia continuar até o fim, porém, viu que ele estava pronto para tomar o lanche. Não seria educado deixá-lo comer sozinho.

— Trabalhei durante a minha hora de almoço também. — Havia um brilho de humor nos olhos de Lawson, e ela teve que sorrir. Especialmente porque recebera instruções para fazer uma hora de almoço e o próprio chefe não tinha comido nada.

Ivory serviu-se de chá, sentindo que, pela primeira vez, não havia nenhuma animosidade no ar. Estamos cansados demais para brigar, pensou. A valise dele estava aberta e a quantidade de papéis à mostra denunciava o enorme volume de trabalho com o qual Lawson havia se envolvido.

Nunca teria imaginado que poderia se sentir relaxada na companhia dele, mas, naquele momento, começou a reconhecer que Lawson era tão humano quanto ela. Havia marcas de cansaço ao redor de seus olhos, mostrando que ele tivera uma manhã muito ocupada. Além disso, devia ter trabalhado até tarde, na noite anterior, preparando todas aquelas anotações para serem datilografadas no dia seguinte.

Quando Lawson avisou que ela não precisava fazer mais nada naquela tarde, sua primeira reação foi de protesto. Afinal, estava quase terminando o trabalho. Depois, refletiu que talvez ele quisesse ficar no quarto, esticar-se na cama e descansar um pouco. E não teria nenhuma possibilidade de fazer isso, se ela ficasse batendo a máquina, ali perto.

— Está bem, como quiser — concordou e, num ímpeto, ainda teve a ousadia de perguntar: — E você, vai fazer mais alguma coisa hoje? — falou e prendeu a respiração. Sabia que acabava de arruinar o bem-estar entre eles. Não era muito aconselhável bisbilhotar a respeito dos planos do presidente da Sociedade Alexander.

Contudo, para seu espanto, Lawson não fez nenhuma objeção à pergunta. Apenas deslizou o olhar na direção da valise e, em seguida, sorriu para Ivory.

— Provavelmente.

Ele tem dentes bonitos e gosto do modo como seu rosto se ilumina quando sorri. Faz com que pareça mais moço. Esses e outros pensamentos foram desfilando pela mente de Ivory, enquanto fitava Lawson intensamente. De repente, ficou toda sem jeito. Havia sido apanhada contemplando-o, como se estivesse hipnotizada. Levantou-se e colocou a xícara de volta na bandeja, desejando fugir daquela presença perturbadora.

— Eu... eu acho que terminarei o trabalho amanhã.

Na noite anterior, ele ordenara que jantassem juntos novamente e, depois disso, não mais tocara no assunto. Analisando o fato, Ivory concluiu que fora apenas um ataque de fúria do grande Lawson Alexander, seguramente já esquecido.

Correu os olhos pela escrivaninha, certificando-se de que a papelada estava em ordem; os documentos datilografados empilhados dentro de uma pasta e o restante do trabalho guardado na gavetinha da mesa. Tudo certo. O chefe não teria nenhuma reclamação a fazer. Só lhe restava deixá-lo descansar.

— Por que não vai tomar um pouco de ar fresco? — A voz de Lawson deteve-a antes que chegasse à porta. — Nós não vamos sair antes das oito. Você tem bastante tempo para dar uma volta por aí.

Então ele não tinha esquecido! Iam mesmo jantar juntos, outra vez.

— Talvez eu dê uma caminhada pelas lojas — respondeu, mais para sair do quarto e poder digerir a notícia longe dali.

— Não tenha receio de gastar dinheiro. A Trapalhona sempre tem um bônus para essas viagens e estou certo de que você também o terá. Se precisar, posso pagar o seu bônus adiantado.

Ivory não sabia nada a respeito do bônus. Pensou em devolver intacto o dinheiro que ele lhe deu, mas... Olhou para seu vestido. Parecia tão bonito e limpo quando o colocara na segunda-feira! Não gostava de usar uma peça dois dias seguidos sem, ao menos, passá-la novamente.

— Preciso de algumas coisas — admitiu, sentindo-se obrigada a explicar. — Não trouxe quase nada comigo. — Por nada deste mundo queria dar a impressão de ser um tipo gastador.

A expressão do rosto de Lawson demonstrou que ele podia compreender perfeitamente a situação. No entanto, o tom frio e indiferente com que pôs fim àquela conversa desarmou-a por completo:

— Muito bem. Agora vá. — Essas palavras perseguiram-na, como eco, pelas ruas movimentadas.

Quando chegou a uma grande loja de departamento, não conseguiu se concentrar nas compras que iria fazer. Seus pensamentos tinham ficado no hotel, com o homem que deixara repousando. Ele dissera que não sairiam antes das oito, aliás, a única referência que fizera sobre a ordem da noite anterior: ir jantar fora ou ser despedida. Que criatura mais arrogante!

O que deixava Ivory terrivelmente irritada era o fato de Lawson decidir que ela tinha que jantar com ele, tirando-lhe o direito de preferir, talvez, comer sozinha. Não se importava de fazer horas extras, estava até contente com a história de bônus e com seus passeios por Amsterdam, nos momentos de folga. Contudo, daí a ser obrigada a jantar com o chefe, já era trabalho demais!

Com esses pensamentos na cabeça, foi andando pela seção de lingerie, até que resolveu comprar duas calcinhas e uma meia de seda. Não tinha ideia de quando voltaria para casa, mas, com esses artigos e os que havia trazido de Londres, reunia o suficiente para passar mais alguns dias, sem problemas. Em seguida, acabou adquirindo uma blusa branca, de seda, que ficaria muito vistosa com o jeans. Era isso que iria usar no dia seguinte, já que não tinha muitas outras opções. Ainda bem que não estava trabalhando na firma e sim num quarto de hotel, onde somente Lawson a via.

Uma vez no hotel, lavou algumas peças, entrou na banheira e tomou um delicioso banho de imersão. Com isso, sentiu desaparecer o cansaço de ter ficado quase sete horas sentada à máquina de escrever. Quando Lawson bateu à porta, Ivory já estava pronta e com ótima aparência. Desejou estar usando um vestido novo, no lugar do rosa, mas admitiu que ele ainda estava tão bonito quanto na noite anterior.

Lawson vestia uma jaqueta muito bem talhada, que realçava o seu porte elegante.

— Você não tem um casaco para levar? Vai esfriar mais tarde.

— Só tenho o blazer que usei na viagem. — Ivory não pretendia carregar aquele casaco. Além de não combinar com o vestido rosa, suspeitava que as mulheres com quem Lawson costumava sair usavam casaco de pele.

— Vá pegá-lo — ele ordenou. — Pode não combinar com o vestido, mas evitará que pegue um resfriado.

Não houve jeito. Fez o que o chefe queria, pois, caso contrário, ele não arredaria o pé do lugar, até que fosse obedecido.

Apanhou o blazer e deixou que Lawson o colocasse em suas costas. Estavam já no elevador, quando ele resolveu avisá-la que não iriam jantar sozinhos.

— Combinei de me encontrar com um velho amigo. Estudamos juntos e não poderia visitar Amsterdam sem vê-lo também. Acho que você gostará de Jan!

Uma pergunta morreu na garganta de Ivory: "então, por que é necessário que eu vá a esse jantar?" Gostaria de saber o que motivava as ações de Alexander. Era evidente que, se esse Jan e seu patrão fossem recordar os tempos de escola, ela só iria atrapalhar. Decididamente, não conseguia entender aquele homem.

Embora tivesse certeza de que não iria gostar do amigo do patrão, simpatizou com o esbelto holandês no instante em que o encontraram no bar do restaurante. Foi um sentimento espontâneo, quase instintivo. Jan caminhou até eles, cumprimentando Lawson com o calor de velhos amigos e depois virou-se para ser apresentado a ela.

— Lawson me disse que estava esperando um funcionário de Londres, só que não me contou que se tratava de uma mulher. E muito menos de uma mulher tão encantadora! — ele exclamou com tanto charme e elegância, que Ivory não pôde deixar de sorrir.

— Se você deseja retocar sua maquiagem, o toalete é logo ali. — Lawson cortou a conversa, antes que ela pudesse responder ao cumprimento de Jan.

Ivory ficou espantada com a rudeza da interrupção. Voltou-se e viu frieza no olhar do chefe. Ficou imaginando o que teria feito de errado. Lawson perdera o ar amável, assim que encontraram o holandês. Vai ver que está arrependido por ter me trazido, pensou, enquanto se dirigia ao toalete. Contudo, o responsável por ela estar ali era uma ameaça de demissão. Por sua vontade, teria permanecido sozinha no hotel.

Ao sair do toalete, teve a impressão de que a noite seria uma tortura. Todavia percebeu, logo depois, que estava se divertindo muito. Devia isso a Jan Hansen, pois Alexander nem sequer lhe dirigia a palavra.

— É a primeira vez que vem à Holanda? — Jan perguntou, quando ela parou de rir de algo que ele havia dito.

— Esta é a primeira vez que viajo para o exterior — respondeu, sentindo-se cativada pelo sorriso dele. Depois, arrependeu-se do que falou, pois temeu que o simpático holandês a considerasse uma caipira inexperiente.

Desviando a atenção de Jan, voltou-se para Lawson e deparou-se com seu olhar duro. Ele estava visivelmente irritado, porém Ivory não atinava com nada que pudesse tê-lo desgostado.

— Minha assistente habitual descobriu na última hora que seu passaporte estava vencido — Lawson explicou, sem se preocupar com a aspereza de seu tom.

— Que sorte você ter o passaporte em dia, Ivory — foi o comentário que Jan fez, antes da pergunta que a deixou sem graça. — Estava se preparando para alguma viagem ao estrangeiro?

— Bem... eu... — Nunca revelaria àqueles dois homens que havia tirado o passaporte há mais de seis meses, quando cogitara de passar sua lua-de-mel no exterior. Ficou sem saber o que responder. Felizmente, o próprio Lawson tirou-a da situação embaraçosa.

— A precaução de Ivory foi minha salvação. Não sei o que teria feito sem ela.

Se Jan notou que a pergunta não foi respondida, não demonstrou. Nisso, o garçom chegou com a sobremesa e a conversa passou para generalidades. Enquanto Lawson e o amigo discutiam assuntos que não requeriam a sua participação, Ivory ficou pensando na oportuna intervenção de seu chefe. Então a sua ida a Amsterdam havia sido importante! Satisfeita, concluiu que, sem os dados e números que trouxera, ele teria que participar das reuniões sem o conjunto de informações de que tanto necessitava. Isso provavelmente teria sido desastroso para a Sociedade.

Depois da refeição, ficaram ainda algum tempo no bar. Os dois homens, de vez em quando, falavam sobre os amigos que tinham em comum, mas Lawson, cortesmente, cuidava para que Ivory não ficasse de fora. Após algum tempo, ele consultou o relógio, dando a entender que já era hora de irem embora. Prontamente ela foi em busca do seu casaco, constatando que, apesar de Lawson não estar muito contente, o jantar com Jan havia sido bastante agradável.

Quando voltou ao bar, os dois já estavam em pé, esperando por ela. Caminharam até a porta do saguão, onde Lawson, com seu jeito autoritário, fez com que ela vestisse o blazer, sem dar-lhe tempo de contestar.

Enquanto se despediam, Jan mencionou que visitaria Londres dentro de poucas semanas e, voltando-se para Ivory, perguntou: — Você estará livre amanhã à noite?

O fato da pergunta ter sido totalmente inesperada deixou-a sem saber o que responder. Efetivamente, notara, durante o jantar, que Jan havia gostado dela, assim como ela dele. Contudo, visto que estava sob a ameaça de ser despedida caso desobedecesse alguma ordem de Lawson, olhou para o patrão esperando que ele dissesse se estaria livre ou não.

Percebendo a hesitação, Jan insistiu no convite, falando discretamente para Lawson: — Você não pode esperar que Ivory trabalhe toda noite, meu caro. Pelos velhos tempos, tenha piedade de um pobre solteirão e deixe a moça livre amanhã.

— Pela nossa amizade, eu deixaria — Lawson disse, com um brilho divertido no olhar. — Mas acontece que Ivory e eu vamos viajar para Londres amanhã, logo depois da minha reunião.

Ivory arregalou os olhos. Era a primeira vez que ouvia dizer que iriam embora no dia seguinte. Confusa, observou um e outro, tentando compreender o que estaria acontecendo. Tinha a nítida impressão de que os dois disputavam alguma coisa.

Foi Jan quem cedeu primeiro. Apesar de decepcionado, não iria desistir tão facilmente.

— Talvez eu tenha a sorte de vê-la quando for à Inglaterra.

— Seria ótimo. — Ivory respondeu, sentindo-se repentinamente feliz. Pela primeira vez, em seis meses, tinha vontade de sair na companhia de um homem.

Talvez eu esteja quase curada de Michael, pensou, animada porque, finalmente, estava começando a vibrar outra vez.

O trajeto de táxi, até o hotel, foi feito em total silêncio. Ivory não se importaria se nunca mais falasse com Lawson Alexander. Sabia que não havia feito nada de errado e fosse o que fosse que o estivesse incomodando era problema dele. Que resolvesse sozinho! Ela é que não iria iniciar conversa, só para lhe dar a oportunidade de repreendê-la!

Os bons modos fizeram-na esperar, enquanto ele pagava o táxi, e deixar que ele abrisse a porta para ela passar. Murmurou um suave "obrigada" e caminhou ao lado dele até o elevador. Foi então que Lawson rompeu o silêncio entre eles.

— Suponho que você esteja a ponto de quebrar seu regime de seis meses!

Ele só poderia estar se referindo ao fato dela não ter nenhum namorado. Isso, ela mesma havia contado. O resto, que estava sozinha desde que saíra de Luton, ele deduzira. Muito astutamente, aliás.

— Tem alguma objeção? — Quis dar às suas palavras um tom sarcástico, porém, só conseguiu se sentir como uma menina malcriada. Foi então que lhe passou pela cabeça que Lawson devia estar imaginando que ela tentara conquistar o seu amigo. À saída do elevador, encarou-o com firmeza: — Você acha que fui excessivamente amável com o seu amigo, não é mesmo? — Estava muito aborrecida com aquela situação. Mas, por outro lado, por que ficaria aborrecida com o que Lawson pudesse pensar? Afinal, não simpatizava nada com ele! O pior era que, mesmo assim, a raiva a sufocava. — Na sua opinião, eu deveria ter-me negado a encontrar com ele em Londres, verdade?

— Minha cara srta. Dutton, o que faz ou deixa de fazer em sua vida particular não me interessa. Depois, não é todo dia que uma garota tem a oportunidade de fisgar um milionário.

Lawson disse com ar provocante e ficou observando as faíscas de raiva que iluminavam os olhos dela.

— Eu não sabia... — Ivory começou a se defender. Contudo, a insolência dele havia passado dos limites. Deu um suspiro profundo e gritou: — Ora, seu... seu... esnobe! — Foi a pior ofensa que conseguiu encontrar naquele momento. E, sem esperar para ver a reação dele, correu para o quarto. Era fugir ou permanecer no lugar e dar-lhe um chute na canela, por sinal, coisa que ele estava merecendo desde que a apresentara a Jan.

Só quando chegou à porta do quarto foi que se lembrou de que Lawson guardara a chave consigo. Ficou parada ali, furiosa. Não ia voltar e pedir-lhe a chave. Jamais! Chamaria a portaria do hotel, se fosse necessário.

— Com licença — disse a voz familiar atrás dela.

Sem uma palavra, Ivory afastou-se, permitindo que ele colocasse a chave na fechadura. Assim que viu a porta aberta, quis passar e entrar no quarto, ignorando-o totalmente. Contudo, Lawson conservava a mão na maçaneta e, como não queria ter nenhum contato com ele, foi forçada a esperar.

— Então você acha que eu sou esnobe, não? — ele perguntou friamente, fitando-a com o seu olhar escuro. O gelo em sua voz mostrava que não ficara nada contente com a classificação que recebera. — Visto que estou na mesma situação financeira que o meu amigo, talvez seja bom eu provar que acredito que todos nós somos iguais.

Ivory não gostou do modo com que ele a encarou. E muito menos da maneira com que as mãos dele a puxaram. Houve um breve momento em que seus olhos se fecharam e ela, horrorizada, respirou com dificuldade, diante da percepção do que ele ia fazer. Lawson quase a carregou para dentro do quarto, antes de beijá-la com toda a violência.

Ivory debateu-se selvagememente, sem conseguir, no entanto, soltar-se daqueles braços musculosos. Quando finalmente o beijo terminou, o olhar que recebeu foi o mais gélido possível.

Recuou. Uma vez livre, percebeu o quanto estava tremendo. Suas pernas mal a sustentavam, fazendo-a desejar com urgência uma cadeira. Entretanto, temia demais o próximo movimento de Lawson, para deixá-lo tomar conhecimento de sua fraqueza.

— Deus do céu, não me olhe desse jeito, garota! — ele gritou, ao ver a palidez de sua face e seu olhar horrorizado. — Não vou violentá-la! Diabos, não era minha intenção assustá-la, apenas...

— Dar-me uma lição — ela conseguiu completar, satisfeita porque sua voz saiu firme. — Nunca mais devo chamar o chefe da Sociedade Alexander de esnobe, não é? Ensina suas lições de uma maneira bastante árdua, sr. Alexander. Eu me lembrarei disso no futuro.

Não importava se, a partir do dia seguinte, não houvesse mais nenhum contato entre eles. Seguramente, quando chegassem a Londres, ela voltaria a ser uma secretária do Departamento de Estatísticas, ele continuaria como o chefe todo-poderoso e seus caminhos nunca mais se cruzariam. Mantendo-se vigilante, notou no rosto de Lawson uma expressão de teimosia.

— É inútil tentar conversar com você agora.

— É verdade. Você se importaria de sair do meu quarto? Suponho que a aula tenha acabado — ela retrucou, petulante.

Diante daquelas palavras, Lawson teve ímpetos de agarrá-la e dar-lhe outra lição. Controlou-se, porém, e apenas ordenou: — Esteja no meu quarto amanhã às nove em ponto.

Depois, afastando os olhos dela pela primeira vez, desde que a havia soltado, continuou: — E não perca o sono pelo fato de ter sido beijada após seis meses de jejum. Se não estivesse gelada por dentro, quem sabe, teríamos até nos divertido! — Com essa observação desagradável, ele saiu, batendo a porta.

Ivory sentiu as lágrimas escorrerem por suas faces. Odiava aquele homem. Oh, Deus! Como o odiava! Chorou copiosamente, até que foi, pouco a pouco, se acalmando.

Desanimada, sentou-se na beira da cama e enxugou os olhos. Como ele ousara beijá-la daquele jeito? Quem ele achava que era? E, ainda por cima, dizer que ela estava gelada por dentro! Que insulto! Jamais corresponderia a um beijo tão indesejado!

Levantou-se, vestiu a camisola e foi para a cama. Algumas lágrimas ainda teimavam em cair. Tentou se refazer. Não havia chorado desse modo desde que Michael rompera o noivado.

Pensou em Michael durante algum tempo. Com ele sim havia passado momentos maravilhosos, até o momento do desfecho final. Involuntariamente, vieram-lhe à memória as imagens da última vez em que o havia visto. Nem parecia a mesma pessoa por quem tinha se apaixonado. Friamente, ele comunicara que a lua-de-mel que haviam planejado nunca iria se realizar. Porque não combinavam sexualmente. Porque duvidava que ela tivesse ardor suficiente para ser bem-sucedida nessa parte da relação a dois. Ivory ainda tentou argumentar, dizendo que o fato de se negar a dormir com ele não significava que, uma vez casado, o amor seria menos ardente que o de todo mundo. Mas foi em vão. O motivo da recusa a uma relação sexual antes do casamento era a educação rígida que havia recebido.

Sua mãe enviuvara quando ela ainda era um bebê e, por isto, cercou-a de cuidados, impondo-lhe uma moral bastante severa. Consequentemente, Ivory sempre fora uma pessoa muito reservada.

Deu um longo suspiro. Lawson Alexander havia acertado: estava gelada por dentro. Fez um esforço para visualizar o rosto de Michael. Contudo, para seu desespero, a única imagem que se apresentou foi a de seu patrão, fitando-a com muita raiva.

CAPÍTULO IV

Foi com grande temor que Ivory bateu à porta de Alexander às nove horas da manhã seguinte. Desde que acordara, estivera se preparando para aquele momento, porém, quando ouviu a voz dele ordenando que entrasse, toda a coragem acumulada desapareceu. Teve que fazer um grande esforço para girar a maçaneta e entrar. Não se lembrava muito bem do que lhe dissera na noite anterior, mas estivera furiosa, e, portanto, poderia ter dito qualquer coisa. A sala encontrava-se vazia, embora a porta do quarto estivesse entreaberta. Isso deu-lhe alguns segundos a mais para recuperar o controle, antes que Lawson aparecesse.

No instante em que entrou no quarto, ele examinou-a detalhadamente, deixando Ivory incapaz de esboçar qualquer gesto. Sua intenção de ir ali, dizer-lhe um frio "bom-dia" e dar-lhe as costas quando fosse para a escrivaninha, fracassou por completo.

— Você esteve chorando, Ivory? — foi a primeira coisa que ele perguntou.

Droga!, ela xingou baixinho, pois estava certa de haver conseguido disfarçar esse fato. Provavelmente, teria ocultado o choro frente a qualquer outra pessoa, exceto diante de alguém tão perspicaz como Lawson Alexander.

— Minhas lágrimas não têm a ver só com você — disse sem pensar, arrependendo-se em seguida, já que essa era a última coisa que queria que ele soubesse.

— Parece que o fato de tê-la beijado chocou-a mais do que eu pretendia — Lawson falou mais para si mesmo e depois confirmou claramente: — Suponho que também tenha chorado por causa do seu amor perdido.

Ivory nunca havia encontrado alguém que tirasse conclusões tão rapidamente e chegasse a respostas tão certas, como ele fazia.

— Isso mesmo — concordou desafiadoramente, começando a ficar brava. — E já que quer saber, eu estava chorando por causa de... — Sua voz fraquejou, antes que pudesse mencionar o nome de Michael.

— Você está perdendo tempo. Se ainda deseja tanto esse sujeito, por que o abandonou?

A indagação confundiu-a por alguns minutos; Lawson pensava que ela havia deixado Michael! Não queria contar seus problemas para ele, contudo, uma mistura de honestidade e compulsão, diante daquele olhar fixo, forçou-a a confessar:

— Está errado. Eu é que fui abandonada.

— Verdade? — A revelação causou-lhe grande surpresa. — O que há de errado com esse sujeito?

— Não há nada de errado com Michael. — Ela tentou defender o ex-noivo e acabou dizendo seu nome, sem perceber.

— Está insinuando que há algo de errado com você? Ora, ora, gostaria de saber o que é.

A conversa já estava indo longe demais! Ivory fez menção de retrucar, porém, não teve chance. Lawson continuou, com voz suave.

— Você é uma bela jovem. E mais, parece ter tudo no lugar certo. — Seus olhos percorreram o corpo dela, demorando-se mais nos seios e nos quadris. Naquele momento, Ivory desejou estar usando o vestido azul e o blazer, ao invés da blusa de seda e do jeans. Sentiu o rubor subir às suas faces e ficou irritada, porque ele não perderia um mínimo detalhe.

— Posso começar o trabalho? — perguntou de maneira áspera. Lawson Alexander era extremamente astuto. Se não tomasse uma providência, em pouco tempo ele a faria perder a calma e ela acabaria se expondo demais. — Pensei que fosse se desculpar ao invés de fazer esse... esse interrogatório a respeito da minha vida amorosa.

— Ou falta de vida amorosa — ele corrigiu rapidamente. — Como posso me desculpar por tê-la beijado, se você ainda acha que sou um esnobe?

— Está bem, não penso mais que você seja um esnobe. — Ivory reconsiderou, esperando, com isso, pôr um fim àquela conversa tola.

— Ah, não? Diga-me, por favor, que luz reveladora baixou sobre você para fazê-la mudar de ideia? Não deve ter sido apenas por causa do meu beijo.

— Não seja engraçadinho — ela retrucou atrevidamente, esquecendo-se, por um momento, de que ele era o seu patrão. Depois, tentou consertar a situação: — É que um esnobe não me teria feito usar àquele blazer simples e me levado para um restaurante tão chique. Além disso, um esnobe... bem, nunca teria apresentado uma secretária a um de seus amigos mais íntimos.

Ivory ficou sem jeito, mas satisfeita por ter desabafado. Então, novamente procurou acabar com aquela conversa excessivamente embaraçosa.

— Posso trabalhar agora?

Ele ignorou a pergunta, porém, afirmou misteriosamente: — Acho bom mandar examinar a cabeça desse Michael.

Diante da insistência em torno de assunto tão ingrato, Ivory resolveu agir. Abriu a máquina de escrever e, sem esperar que Lawson dissesse algo mais, retomou o trabalho do dia anterior. Vendo-a tão compenetrada na datilografia, Lawson apanhou a valise e saiu para a reunião das dez horas. Ivory respirou, aliviada. O patrão era um homem realmente perturbador. Mal podia acreditar que havia discutido a respeito de Michael com ele. Nem para a sua própria mãe ela tinha conseguido contar o motivo pelo qual Michael a abandonara. Se não tivesse colocado um ponto final às perguntas de Lawson, certamente terminaria por revelar tudo a ele. Não tardou muito em concluir o trabalho. Então foi até o restaurante do hotel, almoçou e se dirigiu ao seu próprio quarto. No começo da tarde,

Lawson bateu à sua porta, em busca da chave da suíte, que ela esquecera na bolsa. Abriu a porta guardando as devidas distâncias.

— Deixei tudo pronto na sua escrivaninha. Ah, já sei por que está aqui. Acabo de descobrir que fiquei com sua chave. Um instante, que vou buscá-la. — No momento em que ia entregá-la, o telefone tocou, fazendo-a hesitar.

— Pode atender. Eu espero — Ele parecia não ter pressa nenhuma.

— É melhor você entrar então. — Talvez ele tivesse mais algumas instruções a lhe dar e não seria educado deixá-lo esperando no corredor.

Atendeu ao chamado, acreditando ser de alguém do hotel, embora não tivesse a menor ideia do que poderiam querer com ela. Contudo, a voz que escutou foi a de Jan Hansen.

— Oi, Jan, como vai? — exclamou surpresa e feliz. Pelo canto do olho observou que Lawson enrijeceu, ao ouvir o nome do amigo, e ficou torcendo para que não tivessem outra briga quando desligasse o telefone. Já tinha notado, sem conseguir explicar porque, que ele não gostava que fosse amável com Jan.

— Ivory, eu queria apenas desejar-lhe uma boa viagem.

— Obrigada, Jan! Foi muita gentileza sua ter ligado.

— É um prazer. Almocei com Lawson e ele me disse que partirão hoje à tarde. Não vai esquecer a promessa de jantar comigo quando eu for a Londres, vai?

Ela nem se lembrava de ter prometido jantar com ele, porém, não havia nenhuma razão para que deixasse de fazê-lo.

— Estarei esperando por você, Jan.

— Ainda não tenho certeza do dia em que irei. Poderia me dar o número do seu telefone? Prefiro ligar para a sua casa e não para o escritório.

Ivory estava de costas para Lawson, mas, quando disse o número do telefone, ouviu um movimento impaciente atrás de si e achou melhor acabar logo com a conversa, enquanto o patrão ainda estava se contendo. Despediu-se cortesmente e desligou o telefone.

— Era Jan.

— Deu para perceber. Alguma novidade? — Em seguida, sem esperar resposta, continuou: — Esteja pronta em uma hora. Vamos partir hoje à tarde.

— Foi o que Jan me disse. — Novamente, arrependeu-se de suas palavras, pois Lawson fitou-a de modo meio impaciente, meio zangado, e estendeu-lhe a mão. Sem entender, ela ficou parada, na expectativa de saber o que viria pela frente.

— A chave — ele lembrou-a. — Talvez agora possa me dar a chave. A não ser que tenha ficado muito abalada com o telefonema não sabia mais onde a colocou.

De fato, Ivory demorou alguns minutos para encontrá-la.

Tinha a chave na mão, enquanto falava ao telefone. Deveria ter caído em qualquer lugar. Depois de muito procurar, encontrou-a sobre a cama.

— Aqui está. Estarei pronta em uma hora. — Entregou-lhe a chave e não ficou nada surpresa quando ele saiu sem dizer uma palavra.

O vôo para Londres foi tranquilo. Logo que entraram no avião, Lawson pegou alguns papéis de sua valise e se esqueceu completamente de Ivory. Não que ela quisesse conversar com ele. Mal podia esperar que o vôo acabasse e, conseqüentemente, o fim de sua breve, embora inesquecível, relação direta com Lawson. Esperava separar-se dele no aeroporto de Londres, porém, quando viu o motorista uniformizado caminhando até eles, para em seguida pegar as bagagens, não fez nenhuma objeção.

Apesar de ficar constrangida por ser levada em casa pelo patrão, agradeceu gentilmente, assim que o motorista lhe abriu a porta do carro. Durante o caminho, Lawson continuou entretido com seus papéis, deixando-a livre para pensar nas emoções violentas que ele lhe despertava. Que estranho poder exercia! Nunca havia sentido tanta vontade de bater em alguém como naqueles dias em Amsterdam.

Logo o Rolls Royce chegou à cidade, passando pelos bairros que lhe eram familiares. Diante do seu movimento involuntário, no sentido de orientar o motorista, percebeu que Lawson não estava tão envolvido nos cálculos como tinha dado a entender. Ele fitava-a inquisitivamente.

— Eu... eu pensei que o motorista pudesse querer saber como chegar até minha casa — explicou, gaguejando por causa da súbita atenção de Lawson.

— Está certo. George, a srta. Dutton lhe dirá onde virar.

Ivory indicou as direções a George e rapidamente o Rolls Royce estacionou em frente ao casarão de estilo vitoriano, onde ela e Mandy alugavam um apartamento.

O motorista ajudou-a a descer do carro e qual não foi o seu espanto ao encontrar Lawson parado a seu lado na calçada. Não disse nada. Tinha chegado à conclusão de que gostaria de trabalhar para ele, apesar de todas as cenas desagradáveis. Seus sentimentos em relação ao chefe estavam confusos. Era melhor nem pensar. Estendeu-a mão para apanhar a mala, contudo, Lawson foi mais ágil.

— Eu carrego isso para você.

Ivory avistou o velho Phillips, o inquilino do térreo, em seu lugar de costume, perto da janela. Tentou disfarçar o embaraço, enquanto sorria e acenava para cumprimentá-lo. Não havia nada que pudesse fazer a não ser preceder o patrão até a porta da frente, se não quisesse que o sr. Phillips e George presenciassem uma discussão.

Será que Lawson estava interessado em conhecer o seu apartamento? Pura curiosidade? Excesso de controle? Reprovou-se por sempre procurar más intenções no chefe. Ele podia ser um bruto muitas vezes, mas tinha lá seus instintos cavalheirescos também.

Ao abrir a porta do apartamento, contemplou a sala limpa, arrumada e bastante familiar. Teve uma sensação de conforto, sentiu-se feliz por estar de volta à sua casa.

— Obrigada por ter trazido minha mala até aqui.

Lawson virou-se, encarou-a com uma expressão enigmática e respondeu:

— Obrigado por ter ido à Holanda tão às pressas. Como Jan disse, foi sorte minha você ter um passaporte.

— Acho que foi mesmo. Apesar de tudo. — Viu um sorriso rápido iluminar o rosto do patrão.

— Amanhã tire o dia para descansar. Você merece.

— Não é necessário. Quase não fiz nada hoje.

Então, ambos ficaram calados. Obviamente, ele não fizera caso da sua recusa, porém, daquela vez, não o obedeceria. Estava pronta para se despedir, quando escutou a seguinte observação:

— Se viajar para o estrangeiro outra vez, tome o cuidado de verificar no quarto de quem vai dormir. Pode ser que o seu próximo companheiro não seja tão controlado quanto eu!

Sua vontade foi de bater-lhe a porta na cara. Ao invés disso, limitou-se a vê-lo ir embora. Poderia jurar que ele estava rindo!

No dia seguinte, voltou para os seus deveres no Departamento de Estatísticas. O sr. Fletcher não se mostrou surpreso ao encontrá-la e nem comentou sobre o tempo que ela tinha ficado fora. Afinal, estivera ausente somente alguns dias, embora tivesse a impressão de haver passado um mês em Amsterdam.

— Você se divertiu?

— Passei a maior parte do tempo trabalhando.

— Oh, claro que sim. — O sr. Fletcher concordou apressadamente.

Ele era um bom chefe e se esforçava para não aborrecer ninguém, apesar de que, se necessário, sabia repreender severamente quem merecesse.

— Mas tenho certeza de que o sr. Alexander cuidou para que você não se sentisse perdida, estando longe de casa.

Ivory achou melhor não contar ao sr. Fletcher que Lawson prezava tanto o bem-estar de seus funcionários, que havia zelado demais por ela... inclusive à noite. Jamais diria que até ameaçara despedi-la, caso não concordasse em jantar com ele.

— Jantei com ele uma ou duas vezes...

— Ainda bem. É muito aborrecido permanecer sozinho num ambiente novo, onde não se conhece ninguém.

Depois, cumprindo parte de suas funções, continuou: — Pegue uma ficha de despesas no Departamento de Finanças. Se tiver qualquer problema para preenchê-la, fale comigo, que lhe darei uma mão.

Ivory foi buscar a ficha e explicou ao funcionário, que a atendeu, que havia estado na Holanda, no lugar da Trapalhona Williams. Errou e teve que voltar para pegar outra ficha.

— Eu deveria ter dado duas para você — desculpou-se o jovem. — A Trapalhona sempre faz mais seis tentativas, antes de conseguir a soma certa.

Ivory completou a segunda ficha sem um único erro. No espaço destinado à lista de compras, escreveu "Diversos", em vez de calcinhas, sutiã e blusa. Se tivesse feito as compras com seu próprio dinheiro inglês, não seria obrigada a prestar contas daquilo tudo. No entanto, precisava devolver o dinheiro holandês, pois havia gasto menos do que a quantia que Lawson lhe havia dado. Aconteceu, porém, que o jovem funcionário não quis recebê-lo.

— Mas o sr. Alexander me deu esse dinheiro como um... empréstimo. Ele disse que o declararia em sua ficha de despesas.

— Para mim, é novidade o sr. Alexander fazer uma ficha de despesas. Mesmo assim, não posso receber, pois esse dinheiro não saiu do meu caixa.

De nada adiantaria discutir com o rapaz. O caso era que Lawson Alexander teria aquela quantia de volta, mesmo que ela tivesse que devolvê-la pessoalmente. Não permitiria que ele pagasse, com dinheiro do seu bolso, pelas coisas que tinha comprado.

— Só mais uma coisa. Preciso corrigir um detalhe em minha ficha. — O funcionário devolveu-a e ela riscou o item "Diversos", entregando-a em seguida.

Tendo passado uma boa parte da manhã lidando com suas despesas, Ivory comeu apenas um sanduíche na hora do almoço. Havia reunido toda a quantia gasta, até o último centavo, e colocado o dinheiro num envelope. Parou para pensar por alguns momentos. Não queria ver Lawson Alexander e não poderia simplesmente deixar o envelope para ele sem nenhuma explicação. Então, pegando uma folha timbrada com o nome da firma, escreveu claramente: "O Departamento de Finanças recusa-se a receber o seu dinheiro. Eu também". E assinou, muito satisfeita com o que havia feito. Na esperança de que Lawson tivesse saído para almoçar fora, subiu as escadas que davam no escritório dele, localizado no último andar do edifício. Era a primeira vez que ia àquele andar e, para sua dificuldade, todas as portas eram iguais. Qual seria a dele? Ficou satisfeita quando uma jovem grávida apareceu, carregando uma sacola de compras.

— Estou procurando o escritório do sr. Alexander — explicou, aproximando-se dela.

— Eu trabalho para ele — a jovem informou, andando pelo corredor, para lhe indicar o lugar. Ivory seguiu-a até a sala e esperou que guardasse a sacola de compras num armário.

— Sou Ivory Dutton, do Departamento de Estatísticas — apresentou-se.

— Oh, você é a secretária que foi para Amsterdam. Acredito que o sr. Alexander esteja aí dentro. Queria conversar com ele?

— Não, não. Não é necessário — apressou-se em dizer. Nunca teria imaginado que seria tão fácil vê-lo. Escrever-lhe um bilhete curto e direto era bem diferente do que devolver-lhe o dinheiro pessoalmente. Não que estivesse com medo, porém, queria evitar cenas embaraçosas. O dinheiro pertencia a ele e ponto final. Não estava disposta a discutir. Pegou o envelope dentro da bolsa e o colocou sobre a mesa da garota.

— Você poderia entregar-lhe isto?

— Claro que sim.

Quando o ponteiro do relógio bateu cinco horas, Ivory soltou um suspiro de alívio. Durante a tarde toda tinha ficado à espera de um chamado para se apresentar ao último andar. Voltando para casa sorriu, contente. Lawson não ia se incomodar com o seu envelope. Devia ter coisas mais importantes para fazer na vida.

Mandy chegou logo depois das sete e Ivory ficou feliz ao vê-la. Nunca havia encontrado ninguém com um senso de humor tão grande quanto o da sua companheira de apartamento.

— Paz, finalmente, paz! — Mandy exclamou dramaticamente, enquanto colocava a mala no chão e fechava a porta. — Sinceramente, aquelas crianças são um terror! Você não aguentaria um dia com elas.

— Vá descansar um pouco. Pode ficar tranquila que já tenho uma torta de frango quase pronta no forno. Comeremos dentro de quinze minutos.

Ivory retornou à cozinha, com o pensamento na amiga. A personalidade vibrante dela seria de grande valia, para ajudá-la a esquecer tudo sobre Lawson Alexander. As duas haviam se conhecido quando ainda moravam em Luton e Mandy era a única que conhecia a fundo os detalhes de seu noivado desfeito. Desde que moravam juntas, ela fazia o possível para Ivory aceitar os convites que recebia para sair.

Assim que o jantar foi servido, sentaram-se à mesa, muito animadas. Mandy quis saber o que Ivory havia feito durante a semana. Contudo, sem esperar pela resposta, foi logo dizendo:

— Está claro que você não quer saber de homens por enquanto. Mas, sinceramente, querida, não pode continuar assim, passando noites fechada neste apartamento, ou indo ao cinema comigo de vez em quando. Nunca vai esquecer Michael, se recusar todos os convites que recebe para sair. Aquele tal de Alan Brown, por exemplo, convidou-a várias vezes...

— Na verdade, fui para Amsterdam na segunda-feira e fiquei por lá alguns dias. — Ivory interrompeu-a, consciente, porém, de que Mandy só queria ajudar. O problema era que já escutara aquele discurso mil vezes.

— O que... o que você disse? — Mandy estava atônita.

— Fui para Amsterdam na segunda-feira e voltei ontem. — Então, ela contou tudo para a amiga, exceto, é óbvio, a maneira bruta com que Lawson Alexander a havia beijado.

— Você quer dizer que um Rolls Royce estacionou na frente de nossa casa? Gostaria de saber o que o velho Phillips achou disso. Ele estava a postos na janela, não estava? — Ivory moveu a cabeça afirmativamente. — E ainda por cima com um motorista? Conte logo como foi!

— Foi, digamos, agradável.

— E esse tal de Lawson Alexander realmente subiu até o nosso apartamento? — Mandy olhou ao redor da sala. Seus olhos faziam a mesma inspeção que Ivory sentiu-se forçada a fazer, quando convidou Lawson para entrar.

As duas ficaram em silêncio alguns segundos. Mas logo Mandy estava transbordando de perguntas outra vez: — Imagine acordar e encontrar um homem estranho na outra cama! Aposto que você quase morreu de susto. Como é a aparência dele? É magro ou gordo? Quantos anos tem? E muito feio?

— Bem... de certa forma, ele é bastante atraente. — Ivory respondeu com dificuldade, enquanto observava o ar de euforia da amiga.

— Quantos anos você diria que ele tem? — Mandy repetiu a pergunta.

— Uns trinta e cinco — disse e corou. Talvez porque contar sua história a Mandy tornava-a viva novamente e fazia com que experimentasse outra vez aqueles sentimentos perturbadores que Lawson Alexander lhe despertava. Surpreendeu um olhar malicioso na amiga.

— Não fique imaginando coisas, Mandy. Fui encontrá-lo estritamente a negócios. Se está pensando que aconteceu alguma coisa, pode esquecer o assunto. Não aconteceu nada. Para dizer a verdade, o sr. Alexander é o homem mais abominável que já conheci!

Ivory não soube explicar por que deu tanta ênfase a essas palavras. Não era a si mesma que tinha que convencer e sim a Mandy. Percebeu, porém, que não havia modo de convencê-la. Assim, começou a contar sobre Jan Hansen, fazendo a amiga arregalar os olhos de espanto. Depois de um longo tempo, foram para a cama, exaustas.

Ivory adaptou-se rapidamente à rotina de seu trabalho. Três semanas passaram voando, sem que ela percebesse. O que acontecera em Amsterdam e os sentimentos confusos em relação a Lawson não existiam mais. Entretanto, gradualmente, enquanto o tempo corria, começou a perceber que algo estava diferente.

No começo, não conseguia explicar exatamente o que era. Estava tudo muito nebuloso. O que significava aquela sensação de alegria, liberdade e despreocupação? Nada de especial havia acontecido. Além da viagem a Amsterdam, é claro. Todavia, intencionalmente, descartava-se de qualquer lembrança que tivesse a ver com esse fato.

Numa determinada noite, Mandy saiu com Adrian, seu namorado, e Ivory ficou só no apartamento. Sentou-se no sofá, procurando refletir sobre o que havia gerado seu novo estado de espírito. Tinha chegado até a aceitar o convite de Alan Brown para ir a uma festa. Antigamente, nem mesmo consideraria a questão. Não, desde que Michael... Michael... Era isso! Finalmente havia conseguido livrar-se das recordações do ex-noivo!

Tentou se lembrar da última vez em que havia pensado nele. Descobriu, sobressaltada, que fora naquela noite em que voltara para o hotel com Lawson Alexander. Reconheceu, inclusive, que a atitude rude do patrão tinha, de certa forma, ajudado a sua cura. Oh, ela não gostava dele, principalmente das tiradas sarcásticas, sabia disso. Contudo, era como se aquele contato tivesse cortado o vínculo que a prendia a Michael. Naquela noite em que havia chorado no hotel, Lawson sugerira que o beijo dele tinha despertado algo. Só agora era capaz de admitir que ele estava certo.

O toque do telefone interrompeu seus pensamentos. Quem poderia ser? Não devia ser sua mãe, porque havia telefonado no dia anterior e, além disso, ela e o marido tinham ido a Bristol e ficariam lá uma semana ou mais.

Imaginando que o telefone fosse para Mandy, ficou surpresa e feliz ao ouvir a voz de Jan Hansen dizendo: — Oi, é você, Ivory?

— Oi, Jan. Que bom que telefonou!

Lembrou-se de que ele prometera telefonar quando estivesse em Londres, porém, com o passar das semanas, deduzira que ele mudara de ideia. Conversaram durante alguns minutos, antes que Jan perguntasse:

— Você estaria livre para jantar comigo amanhã à noite? Sei que o convite é de última hora, mas vou ficar em Londres apenas alguns dias.

— Seria um prazer, Jan. — Então, ela percebeu como era fácil marcar um encontro para sair, mesmo que não fosse com Michael.

Quando Mandy chegou, Ivory estava no quarto examinando o seu guarda-roupa.

— O que está acontecendo? — A amiga estranhou, ao ver três vestidos pendurados na porta.

— Vou jantar fora amanhã, Mandy. Jan, o holandês sobre o qual lhe falei, telefonou. Estou sem saber o que devo usar.

As duas pararam para analisar os vestidos. Mandy achava que o mais bonito era o rosa em tons de lilás e roxo, comprado em Amsterdam.

— Não sei, Mandy, o rosa eu já usei, quando o conheci...

— Ah, tenho uma ideia. Posso comprar algo novo, amanhã na hora do almoço. Afinal, acabo de receber um bônus no meu último pagamento. — Ao encontrar aquela quantia extra no seu cheque, ficou sem entender nada. Depois, recordou-se que Lawson fizera referência a um bônus de viagem e concluiu que ele mandara incluí-lo no seu pagamento.

CAPÍTULO V

No dia seguinte, abriu mão de seu almoço e saiu pelas lojas, procurando algo diferente para vestir. Depois de muito andar, encontrou um vestido, que lhe caiu maravilhosamente. Era verde-água, em linha de algodão, com mangas trabalhadas e um profundo decote nas costas. Marcava delicadamente a sua silhueta esbelta, realçando-lhe os contornos femininos.

Jan foi apanhá-la às oito horas em ponto e os olhos dele se iluminaram, quando a contemplou. Depois de apresentá-lo a Mandy, apanhou um casaco e saíram.

— Reservei uma mesa no Fenwick — Jan contou, durante o caminho, e Ivory ficou feliz por estar usando um vestido elegante e sofisticado, que combinava bem com o requinte do restaurante.

A noite seguia bastante agradável. Ivory notou que apreciava a companhia de Jan muito mais do que imaginara. Terminado o jantar, em meio a uma conversa que fluía com toda a naturalidade, ele sugeriu que fossem até o bar.

Ali a alegria de Ivory acabou. A primeira pessoa que avistou, assim que entraram naquele ambiente aconchegante, foi Lawson Alexander. Ele viu-os também, contudo, sua expressão não se alterou.

Ivory sentiu a mão de Jan apertar seu braço.

— Algum problema? — ele perguntou, ao observar algo diferente nela.

— Não... não, está tudo bem.

Nisso, Jan também avistou Lawson e exclamou: — Ora, que sorte! — Imediatamente conduziu Ivory pelo braço em direção ao amigo.

Lawson levantou-se, quando eles se aproximaram, e cumprimentou-os formalmente.

— Tenho tentado falar com você desde ontem, Lawson — comunicou o holandês, enquanto Ivory observava a bela jovem que se encontrava na companhia de seu patrão.

— Estive fora do país durante uma semana. Voltei hoje. — Então, Lawson virou-se para a moça: — Louise, permita que eu lhe apresente Ivory Dutton e Jan Hansen.

Depois que as apresentações foram feitas, convidou-os a se sentarem. Ivory desejou desesperadamente que Jan recusasse, mas não pôde fazer nada a não ser concordar, ao vê-lo sorrir, feliz, diante da ideia.

Lawson indicou a Ivory o banco ao lado de Louise, forçando Jan a sentar-se do outro lado da moça. Ignorou por completo o fato de o holandês desejar acomodar-se ao lado de sua convidada daquela noite. Depois, chamou o garçom e perguntou a Ivory o que gostaria de beber.

— Um Martini, por favor — ela respondeu apressadamente, invadida outra vez por aquela sensação perturbadora que a presença de Lawson Alexander sempre lhe causava.

— Quando foi que chegou Jan? Ontem? Vai ficar muitos dias? — Lawson praticamente submeteu o amigo a um interrogatório.

— Concluí hoje os negócios que vim fazer. Tenho que estar de volta à Holanda na segunda-feira de manhã.

As bebidas chegaram e a conversa versou sobre assuntos gerais. Louise contou a Jan que ela e Lawson haviam ido ao teatro. E, enquanto comentava algumas partes da peça, Lawson virou-se na direção de Ivory.

— Não está gostando do Martini? Ainda não tomou quase nada.

Com certeza, ele não se esquecera de que ela havia pedido sherry nas duas ocasiões em que jantaram juntos.

— Está ótimo, obrigada — respondeu, tentando parecer calma, apesar de sentir-se observada. — Eu não bebo muito.

— Quer pedir outra bebida?

Ivory ficou sem jeito. A qualquer momento teria a atenção de todos voltada para ela.

— Não, obrigada sr. Alexander. O Martini está ótimo. — Notou que um sorriso iluminou o rosto dele.

— Sendo esta uma ocasião social, e visto que em Amsterdam sempre me tratou de você, vamos deixar esse sr. Alexander de lado, está bem?

— Como quiser. — Ivory desviou o olhar para Louise e, constatando que a moça ainda estava entretida falando a respeito da peça com Jan, achou que aquela era uma boa oportunidade para esclarecer algo que não parava de incomodá-la.

— Você apresentou o vestido que comprei em Amsterdam na sua ficha de despesas? — indagou baixinho, de repente, e sentiu-se enrubescer, quando Lawson correu os olhos não apenas pela sua face, mas também pelo vestido que cobria o seu corpo.

— O que a faz pensar o contrário?

— O... o funcionário no Departamento de Finanças disse que você não faz relatórios de despesas. — Se esperava desconcertá-lo com sua pergunta direta, estava bem enganada.

— E isso a incomoda?

— É claro que me incomoda.

— E o que fará se eu disser que não o apresentei? — ele desafiou, irritado. — Colocará o dinheiro num envelope e o deixará com uma das minhas secretárias?

Fitaram-se como dois inimigos. Algo nos olhos dele demonstrou que ficara profundamente irritado com a maneira pela qual Ivory tinha devolvido o dinheiro. O bilhete não foi sequer mencionado. Então, subitamente, ele esclareceu:

— Fique tranquila, srta. Dutton. Temos nossa própria seção de finanças na diretoria.

Ivory resolveu dar o caso por encerrado. Não iria subir ao último andar e pedir que ele provasse o que afirmara. Não teria cabimento!

— Quer beber mais alguma coisa, Ivory? — Jan interrompeu os seus pensamentos. Ela recusou com um sorriso, e ele continuou: — Se é assim, acho que podemos ir embora. Foi bom tê-la conhecido, Louise.

Um pouco do prazer que Ivory sentira durante o jantar com Jan retornou no trajeto de volta à sua casa. Diante da porta do apartamento, virou-se para agradecer pela noite e sentiu as mãos dele em seu ombro. Quando viu-o inclinar-se para dar-lhe um beijo de boa noite, virou o rosto.

— Não, por favor...

Jan levantou a cabeça instantaneamente.

— É muito cedo, Ivory?

— Sim, é muito cedo.

Ele aceitou a recusa sem argumentar, o que aumentou a estima que Ivory tinha por ele. Então, perguntou se poderia vê-la novamente.

Saiu com Jan nas três noites seguintes. Na segunda-feira de manhã, quando chegou ao trabalho, cansada e bocejando, achou até bom que ele estivesse voltando para a Holanda. Simplesmente não aguentaria outra noite, pois não estava acostumada a uma vida noturna tão intensa.

Às três horas da tarde, percebeu que andava consultando em demasia o relógio. Duas horas mais e iria para casa descansar. Estava com um pouco de dor de cabeça, problema que sua cama confortável e uma aspirina iriam resolver facilmente.

Concentrada em seu trabalho, nem notou que Timmy, o office-boy, informara-a de alguma coisa.

— Sinto muito, Timmy. O que você disse?

— Que o sr. Fletcher quer vê-la, agora.

Ivory deixou sua mesa, torcendo para que o sr. Fletcher não lhe pedisse para fazer hora extra. Entretanto, quando ele explicou o que era, constatou que preferiria mil vezes ficar trabalhando até a meia-noite.

— Ivory, você poderia ir até o escritório do sr. Alexander?

— Até o escritório do sr. Alexander?

Não entendeu nada. Se houvesse alguma mensagem a ser encaminhada, Timmy certamente seria a pessoa indicada para fazê-lo.

— Isso mesmo. Ele quer vê-la imediatamente.

— Quer me ver? — Sabia que não deveria argumentar, porém, iria a qualquer outro lugar do mundo de bom grado, menos ao quarto andar.

O sr. Fletcher encarou-a, como se compreendesse o seu constrangimento. Não era sempre que um funcionário era chamado à diretoria.

— Sim, Ivory. Quer vê-la agora mesmo. E não seria bom deixá-lo esperando.

Ela tentou ao máximo se controlar. Não tinha outra saída, a não ser fazer o que o sr. Fletcher dizia. No elevador, ficou pensando o que o patrão desejaria dela. Talvez ele pretendesse repreendê-la por causa do bilhete malcriado. Então, por que não o fizera no bar do restaurante? Jan e Louise jamais escutariam, uma vez que não estavam prestando atenção à conversa dos dois.

Quando saiu do elevador, notou que a dor de cabeça havia piorado.

— Oi — disse a jovem grávida, assim que Ivory entrou na sala. — Pode ir por aquela porta. A sra. Stavely está esperando por você.

Mais confusa do que nunca, Ivory sorriu e dirigiu-se para o outro escritório. A senhora de cabelos grisalhos, com ar delicado, logo indagou: — Srta. Dutton?

— Sim.

— Eu sou a sra. Stavely, secretária do sr. Alexander. Sente-se um pouco. Ele irá recebê-la às quatro horas.

Ivory sentou-se e ficou observando a sra. Stavely, que retornara ao seu trabalho. Faltavam cinco minutos para as quatro. Então, trinta segundos antes da hora marcada, viu-a apertar o botão do interfone e escutou a voz de Lawson:

— Sim? — Ao que a sra. Stavely respondeu: — A srta. Dutton está aqui.

— Faça-a entrar.

Ivory levantou-se, a um sinal da sra. Stavely e caminhou em direção à porta fechada.

O escritório de Lawson era maior do que os outros dois e também muito bem decorado e confortável. Com toda certeza, naquele ambiente agradável, altos negócios eram fechados.

Lawson, muito elegante em seu terno cinza-escuro, que contrastava com a camisa branca, pediu a Ivory que se acomodasse numa cadeira próxima a dele. Ela intuiu que aquele era o lugar que a sra. Stavely ocupava, quando o chefe a requisitava para tomar nota de algum ditado.

Desejou que a cadeira estivesse mais longe da janela, no momento em que Lawson comentou: — Você parece cansada.

— Estou com dor de cabeça.

Um começo não muito promissor, ela pensou. No entanto, se ele se tornasse agressivo, não iria ficar calada.

— Muitas noitadas?

— Provavelmente.

Lawson não tinha nada a ver com a sua vida particular e ela, por sua vez, não tinha nada a esconder. Contudo, o olhar frio que recebeu demonstrou que ele não gostou da resposta.

— Acho que foi bom Jan ter voltado para a Holanda — disse abruptamente.

— Por quê? E quem disse que Jan foi o responsável pelas noitadas?

— Tenho certeza de que foi ele. A menos que, de repente, você tenha mudado drasticamente. Na Holanda, dava a impressão de não querer saber de homens. Não posso imaginar uma garota do seu tipo saindo com dois homens ao mesmo tempo.

Garota do seu tipo! Só porque passara três dias com ele em Amsterdam, a negócios, ele deduzia que sabia tudo a seu respeito! Entretanto, no fundo, Ivory admitia que ele tinha razão. Não estava nela sair com mais de um homem ao mesmo tempo. Apesar disso, a arrogância dele irritava.

— O que eu faço da minha vida particular é problema meu e de mais ninguém!

— Sem dúvida, srta. Dutton. Contudo, torna-se problema da Sociedade Alexander, se a impede de cumprir o seu trabalho apropriadamente.

— Impede de cumprir o meu trabalho apropriadamente? — ela repetiu, numa voz entrecortada. Céus, embora naquele dia não se sentisse muito bem, isso em nada prejudicara o rendimento do seu trabalho! Além do mais, se algo tivesse saído errado, o próprio sr. Fletcher se encarregaria de dizer-lhe. Ivory negava-se a acreditar que ele a mandasse para Lawson Alexander, a fim de levar uma repreensão.

— É por isso que estou aqui? Por causa de algum problema em meu trabalho?

Lawson examinou-a demoradamente, antes de responder. Se é essa a razão, Ivory pensou, que ele fale logo. Sua maior vontade era fugir dali e se refugiar no sossego de sua casa.

— Tenho muita confiança na habilidade do sr. Fletcher em dirigir o departamento — Lawson afirmou.

Então não era para ser repreendida que estava ali!

— Na verdade — ele prosseguiu —, não tenho ouvido nada dele, a não ser relatórios extremamente favoráveis, a você.

Intimamente, Ivory ficou perguntando se ele receberia relatórios sobre todas as secretárias do edifício. Custava a crer que um homem naquela posição quisesse ser incomodado com assuntos tão banais.

— Depois de ver o esplêndido trabalho que fez em Amsterdam, decidi que você se adaptaria perfeitamente. Falei antes com o sr. Fletcher, é claro, por cortesia.

Ivory sentiu-se orgulhosa, por Lawson ter dito que gostara de seu trabalho. Por outro lado, continuava completamente no escuro, quanto ao que ele ainda tinha a dizer.

— Sinto muito, mas não estou entendendo nada. — Talvez a dor de cabeça estivesse atrapalhando o seu raciocínio. — Você conversou com o sr. Fletcher antes de falar comigo... sobre o quê?

— Eu ainda não disse? Que descuido o meu! É simples: quero que você seja a minha secretária júnior.

— O quê? — O choque que Ivory levou foi muito grande.

— Quero que você seja a minha secretária júnior. Qual é o problema? A ideia não lhe agrada?

Ele examinou sua expressão de perplexidade por alguns momentos e depois explicou suavemente: — Se isso faz com que se sinta melhor, saiba que trabalhará a maior parte do tempo com a sra. Stavely.

— Eu... eu...

— Não precisa me dar a resposta agora. Pense no assunto hoje à noite. Amanhã de manhã pode dizer à sra. Stavely o que decidiu. Jenny sairá de licença dentro de algumas semanas, para ter o bebê. Por isso, gostaria que alguém comesçasse imediatamente, a fim de manter as coisas correndo na rotina habitual.

Lawson parou por um momento e em seguida acrescentou: — É um trabalho mais desafiante do que o que você está fazendo agora e, naturalmente, haverá um aumento substancial de salário.

Ivory tentava pôr em ordem seus pensamentos, porém, sem nenhum êxito. Tinha ido até lá esperando ouvir qualquer coisa, menos o que Lawson acabava de dizer. Sabia, ou imaginava saber, que não desejava trabalhar para ele. Entretanto, a ideia de uma

atividade mais estimulante exercia bastante atração sobre ela. Nunca conseguira se entusiasmar muito com o Departamento de Estatísticas, mesmo achando ótimo trabalhar para o sr. Fletcher.

Então, percebeu que sua entrevista com Lawson estava acabada e levantou-se.

— Sua cabeça está doendo, não está? — Lawson perguntou, num tom surpreendentemente solidário. — Já tomou algum remédio?

— Vou tomar quando chegar em casa.

Lawson não expressou o que pensava de mulheres que eram incapazes de tomar uma medida preventiva; seus olhos, no entanto, disseram tudo.

— Eu já estava de saída. Vá buscar suas coisas que a levarei para casa.

— O sr. Fletcher... — ela ainda tentou protestar. Só que a ideia de ir para casa e deitar agradou-a de imediato.

— Vá pegar suas coisas — Lawson repetiu, como se não tivesse dado conta do que Ivory tentara dizer. — Estarei no meu carro dentro de cinco minutos.

Naturalmente, ela foi até o escritório do sr. Fletcher para comunicar que estava indo para casa. Chegando lá, descobriu que a sra. Stavely já havia telefonado, dando a notícia.

— Espero que esteja melhor amanhã. Suponho que a notícia tenha sido demais para você. É um grande orgulho para o Departamento de Estatísticas que uma de nossas secretárias seja promovida a secretária do sr. Alexander.

Ele parecia radiante e Ivory não teve coragem de dizer que ainda não havia decidido. O sr. Fletcher não demonstrava nenhum ressentimento por ficar sem uma de suas secretárias.

Não era o Rolls Royce que estava esperando do lado de fora, como Ivory tinha imaginado. Lawson encontrava-se em pé, ao lado de um Aston Martin. Ajudou-a a entrar no carro e partiram. Já diante do casarão, ele insistiu em acompanhá-la até a porta. Confusa, Ivory achou exagerada a maneira como estava sendo tratada. Afinal de contas, sentia apenas uma dor de cabeça. No entanto, Lawson não só foi até a porta, como teimou em entrar no apartamento.

— Onde você guarda a aspirina?

Ivory surpreendeu-se com a pergunta e mais ainda com a própria resposta:

— No armário do banheiro.

Lawson esperou pacientemente, ao lado de Ivory, que ela tomasse a aspirina; depois recolocou o vidro no armário do banheiro.

— Você deveria se deitar e deixar o remédio fazer efeito — recomendou.

— É o que pretendo fazer.

Sua cabeça estava doendo demais para perceber que era a primeira vez que concordava com o patrão.

Ele já estava prestes a sair, quando ela resolveu perguntar algo que lhe parecia muito importante. Não entendia por que ele a queria como secretária, uma vez que havia outras, mais experientes, que ele poderia escolher.

— Por que eu?

Um pequeno sorriso iluminou o rosto dele.

— Quem mais poderia entender a minha letra?

Em seguida, Lawson foi embora, com uma expressão bem-humorada.

Algumas horas mais tarde, quando Mandy chegou, Ivory sentisse bem melhor, pois conseguira dormir um pouco.

— Desculpe não ter preparado nada para o jantar, Mandy. Saí do serviço mais cedo, com uma dor de cabeça terrível, e vim dormir.

— Tudo bem, não se preocupe. A dor de cabeça passou?

Ivory garantiu que já se encontrava em perfeitas condições, contudo, a amiga não pôde acreditar. Observando-a atentamente, localizou umas ruguinhas estranhas em sua testa.

— A dor de cabeça pode ter passado, mas algo está incomodando você. Que tal comprarmos alguma coisa pronta para nos livrarmos da cozinha? Depois, se quiser uma confidente imparcial, pode me contar o que é que a está preocupando.

Enquanto comiam, Ivory informou à amiga sobre a oferta inesperada que recebera de Lawson Alexander. Só que ficou na dúvida quanto à imparcialidade de Mandy, ao ouvi-la comentar: — Isso é ótimo! Não posso entender por que você está hesitando.

— É que não sei se gosto dele — Ivory falou e, percebendo que a outra esperava algo mais, moveu-se toda sem jeito na cadeira, murmurando:

— De certa forma, acho Lawson muito... perturbador.

Não ia adiantar explicar a Mandy o que sentia sempre que se encontrava diante do patrão.

— Ele é tão... eu não sei... Bem, ele consegue ser extremamente rude! E faz tudo para me irritar.

— Creio que não terá muito contato com o sr. Alexander. Ele não disse que você trabalhará a maior parte do tempo com a sra. Stavely? Então, por que recusar? Além disso, não dá para rejeitar um aumento de salário, verdade?

Ivory dormiu cedo, naquela noite.

No dia seguinte, foi para o escritório sentindo-se confusa, imaginando como poderia recusar a oferta. Será que o sr. Fletcher iria aceitá-la de volta, caso não se adaptasse à nova função? No seu íntimo, porém, estava certa de que seu desempenho poderia ser satisfatório. E até muito bom, se realmente decidisse aceitar o cargo.

O sr. Fletcher, sempre um dos primeiros a chegar no escritório, foi até a mesa de Ivory.

— Bom dia, sente-se melhor hoje? Não vai ficar conosco por muito mais tempo, hein?

Sem esperar resposta, ele virou-se para conversar com uma das outras garotas. Ivory não teve chance de dizer coisa alguma.

O trabalho, naquela manhã, seguia mais desestimulante do que de costume. A palavra "desafio" parecia estar impressa em cada folha que colocava na máquina de escrever. Às onze e trinta, descobriu que Lawson Alexander vencera a parada. Seria sua secretária júnior, mas não iria ficar calada diante dos comentários malcriados dele. Se o chefe supremo da Sociedade Alexander andava buscando uma garota que concordasse com tudo o que ele dissesse ou fizesse, decididamente havia escolhido errado!

Antes que resolvesse mudar de ideia, Ivory subiu até o quarto andar, para comunicar à sra. Stavely a sua decisão. Assim que entrou no escritório, Jenny encaminhou-a até a sra. Stavely, que a aguardava.

— Veio me informar sobre a sua decisão? — ela foi logo perguntando.

— Sim. Pensei bem e resolvi aceitar o novo cargo.

— Ótimo, fico muito contente. — A sra. Stavely sorriu afetuosamente, indo, em seguida, direto ao assunto: — Jenny quer sair no final do mês. Se você puder vir já na segunda-feira, farei a transferência com o sr. Fletcher.

Quando a sra. Stavely falou sobre o novo salário, Ivory arregalou os olhos e, diante disso, a secretária chefe acrescentou: — Procure desempenhar-se da melhor maneira possível. O sr. Alexander é bastante exigente no que diz respeito ao trabalho. Mas, se fizer bem o seu serviço, verá que ele é um homem maravilhoso.

Ivory duvidava disso, porém, achou melhor não falar nada.

Apenas perguntou: — Devo vir direto para cá na segunda-feira?

— Exatamente. Jenny lhe mostrará o serviço. Vamos falar com ela?

Jenny Cutbert recebeu sua sucessora com tanta amabilidade, que fez Ivory desejar que ela não estivesse saindo. Seria muito agradável trabalhar com ela. Por outro lado, se não fosse pela chegada do bebê, não teria surgido a oportunidade de sair do Departamento de Estatísticas.

Depois de um fim de semana calmo, Ivory arrumou-se cuidadosamente na segunda-feira. Vestiu uma saia vermelha, ampla, uma blusa branca e lançou mão de detalhes como uma echarpe e um cinto em tom contrastante. Então, observando-se no espelho, sentiu-se satisfeita. Estava muito elegante. E também um pouco nervosa. Só desejava estar à altura de seu novo trabalho.

Quando chegou à sala que iria dividir com Jenny durante as semanas seguintes, ficou um tanto insegura. A secretária não estava lá e esse fato inesperado deixou-a sem saber o que fazer. Entretanto, logo a sra. Stavely apareceu e, sorrindo cordialmente, comunicou: — Receio que vamos ter que trabalhar juntas desde agora. Jenny foi ao médico na sexta-feira, depois que saiu daqui, e recebeu ordens expressas de repousar o máximo possível, até o bebê nascer. Diante disso, o sr. Alexander dispensou-a imediatamente.

CAPÍTULO VI

— Quer dizer que Jenny não vai estar aqui para me ensinar o serviço?

— Receio que não, pois o sr. Alexander insiste em que ela obedeça às ordens do médico. Mas, não se preocupe, nós daremos um jeito.

Durante todo o dia, Ivory procurou não importunar em demasia a secretária-chefe. Felizmente, Lawson estava viajando, o que possibilitou que a sra. Stavely dispusesse de mais tempo para orientá-la.

Ivory achou o novo serviço bem diferente do que fazia no Departamento de Estatísticas. Era muito mais estimulante entrar em contato com aquele mundo em que tramitavam os grandes negócios. Ao final de uma semana, estava até espantada com o tempo que conseguira permanecer na monotonia de sua função anterior. Entretanto, apesar de entusiasmada, sentia-se insegura e nervosa. Se o seu trabalho não agradasse a Lawson Alexander, ele não teria nenhum escrúpulo em mandá-la de volta ao sr. Fletcher. E isso era algo que não poderia suportar.

A insegurança de Ivory tinha um certo fundamento: nunca apresentaria, em uma semana, o mesmo rendimento de Jenny, que trabalhava ali há cinco anos.

Entretida em seus pensamentos, nem se deu conta de que a sra. Stavely entrara na sala.

— Algum problema? — ela perguntou.

— Estava imaginando se ajudei em alguma coisa, nesta semana — Ivory respondeu depressa, sem ocultar o nervosismo.

— É claro que sim! O sr. Alexander afirmou que você é muito eficiente e ele tem razão. Não se preocupe com o fato de não ter realizado o mesmo que Jenny. Garanto-lhe que em duas semanas estará perfeita. Depois, vai até achar graça de seus temores.

Ivory foi para casa feliz. Talvez a sra. Stavely estivesse certa. Afinal de contas, toda fase de aprendizado obedece a um processo gradativo. Já sabia mais a respeito do serviço do que quando o iniciara.

Mandy chegou mais tarde e logo quis saber como havia sido a primeira semana:

— Que tal trabalhar com o bicho-papão? Aposto que ele não é tão mau quanto você imaginou.

— Não posso dizer nada ainda, pois Lawson esteve viajando. Ficarei sabendo na segunda-feira. A sra. Stavely me contou que ele sempre volta para Londres no fim de semana. Provavelmente, gosta de passar o sábado e o domingo com o seu harém.

Assim que pronunciou essas palavras, reprovou-se por estar sendo injusta. Na verdade, só conhecia duas mulheres com quem Lawson se relacionava.

— Harém? Que interessante! Conte-me o que você descobriu.

— Não descobri nada. Mas há um boato de que ele gosta muito de se divertir.

Como não havia mais nada de interessante a respeito de Lawson Alexander, Mandy levantou-se e disse: — Bem, é melhor eu me arrumar. Adrian logo virá me buscar.

Pouco depois que Mandy saiu, o telefone tocou e, para surpresa de Ivory, era Jan.

— Você está em Londres, novamente? — Ele não havia dito que voltaria tão depressa.

— Não, infelizmente não. — A voz soou pesarosa. — Continuo na Holanda. Mas, se não tivesse tantos compromissos, era em Londres que eu gostaria de estar neste momento.

Juntos, haviam se dado muito bem. Só que Ivory não esperava que ele ligasse tão cedo. Talvez o motivo do telefonema não fosse apenas um bate-papo. Então perguntou: — Esteve tentando entrar em contato com Lawson?

— Ora, por que eu deveria querer entrar em contato com aquele fanfarrão? — Havia um tom de brincadeira na voz de Jan, que a fez sorrir.

— Ele passou a semana toda na Dinamarca. Por isso, pensei que...

No entanto, Jan havia ligado só para conversar mesmo. Os minutos foram correndo e ele parecia não ter pressa de desligar. Daí, Ivory recordou-se de que, na situação financeira dele, o custo do telefonema não significava nada.

Contou que havia sido promovida e recebeu cumprimentos sinceros.

— Bem, já que você pode ver Lawson mais facilmente do que eu, vou me aproveitar dessa situação. Seria possível lhe dar um recado? Participarei de um congresso neste fim de semana e não sei se terei tempo de lhe telefonar. Por favor, diga a ele que encontrei o livro que andava procurando.

— Livro? — repetiu Ivory, na dúvida quanto ao que ouvira.

— Sim, livro. Lawson tem uma coleção de livros raros e estava louco por esse livro que encontrei.

A conversa com Jan durou cerca de vinte minutos. Assim que ele desligou, Ivory anotou o recado numa folha de papel e colocou dentro da bolsa, para não esquecer de transmiti-lo a Lawson. Como gostava muito de livros, adoraria ver a coleção que ele possuía. Isso, porém, nunca iria acontecer. Não restava a menor dúvida!

Jan dissera que logo iria visitá-la. E também que telefonaria outra vez... Na verdade, o interesse do rapaz deixou-a um pouco apreensiva.

Lawson já estava no escritório, quando ela chegou, na segunda-feira. Soube que ele se encontrava lá, antes mesmo da sra. Stavely lhe contar. Foi esquisito, mas Ivory teve a nítida impressão de sentir no ar algo diferente. Uma espécie de atmosfera de urgência envolvendo tudo.

A porta entre o escritório dela e o da sra. Stavely ficava sempre aberta; a de Lawson, contudo, permanecia fechada. Portanto, não podia vê-lo. Num determinado momento, estando na sala da secretária-chefe, ouviu a voz do patrão pelo interfone:

— Por favor, sra. Stavely, poderia vir até aqui?

E foi só. Não conseguiu encontrar-se com ele. Havia outra porta no escritório de Alexander que dava diretamente no corredor e, sem dúvida, ele a usaria, quando saísse para almoçar. Dessa forma, seria difícil cruzar com ele.

Ivory ficou então torcendo para que ele fosse até o escritório da sra. Stavely. Assim, daria o recado de Jan, sem ter que pedir para entrar na sala dele. Ela estava aflita, pois não sabia se aquela informação era muito importante. Todavia, apesar da sua aflição, nada aconteceu. Ele não apareceu e ela não entrou no escritório dele.

Após uma manhã de agonia, Ivory saiu para almoçar e, ao voltar, observou que a porta de Lawson continuava fechada. Ela tinha que dar o recado. Faria isso naquele momento, ou passaria a tarde inteira em brasas, esperando pela chance de vê-lo, tal como ocorrera pela manhã. Olhou para o interfone e estava prestes a apertar o botão, quando sua garganta secou. Isso é ridículo, afirmou para si mesma. Contudo, ridículo ou não, teria que ser feito.

— Você quer falar com o sr. Alexander? — A sra. Stavely havia entrado na sala e notara a indecisão de Ivory.

— Tenho um recado para ele. Pensei que poderia transmiti-lo pelo interfone.

— Se for pessoal, é melhor entrar e falar diretamente com o sr. Alexander, querida.

— E ele não se importará? Quero dizer, pode ser que esteja no meio de alguma coisa importante...

— O sr. Alexander é capaz de concentrar-se em diversas coisas ao mesmo tempo. Não se preocupe.

Então, relutante, Ivory tirou a mão do aparelho.

— Se eu fosse você, iria agora mesmo. Ele está esperando por algumas pessoas, que virão às três horas.

Ivory sorriu para ela e depois caminhou na direção do escritório. Bateu à porta e Lawson pediu que entrasse.

— Não há necessidade de bater toda vez que quiser entrar — ele afirmou, sem desviar o olhar do seu trabalho.

Ivory ficou intrigada com o fato de ele saber que ela estava ali. Depois, lembrou-se de que a sra. Stavely não teria deixado nenhuma visita inesperada, passar pela porta. Já havia preparado o seu pequeno discurso, porém, no instante em que Lawson a encarou, esqueceu-se de tudo.

— Eu... eu vim falar com você, porque... — e parou, desanimada com o ríspido olhar dele.

— Se veio dizer que quer voltar para o Departamento de Estatísticas, pode desistir!

— Por que é que eu iria querer... — Nisso, ocorreu-lhe que Lawson deveria estar imaginando que ela não conseguia acompanhar o ritmo do trabalho. — Admito que tudo me parece um pouco confuso no momento. Mas nem penso em voltar ao meu antigo serviço.

Lawson olhou-a por um momento e, notando então que ela ainda estava em pé, indicou-lhe uma cadeira.

— Você está gostando do que tem feito até agora?

— Acho o meu trabalho desafiador e gratificante. Estou contente com ele.

— Você estava sendo desperdiçada, trabalhando para o sr. Fletcher.

Estranhamente, isso não soou como um elogio. Lawson colocou a caneta sobre a mesa e encostou-se na cadeira.

— Tudo se ajeitará, não fique ansiosa. Sinta-se à vontade para perguntar à sra. Stavely ou a mim qualquer coisa que não entenda.

Ele consegue ser bem amável quando quer, Ivory pensou, antes de expressar um calmo "muito obrigada". Depois, resolveu que era melhor contar logo o motivo de sua presença ali.

— Jan me pediu para lhe dar um recado.

— Jan? Você o tem visto?

Outra vez aquela expressão dura no semblante de Lawson. Entretanto, Ivory ignorou-a. Assim que ele soubesse que Jan havia encontrado o livro que tanto buscava, a dureza logo desapareceria.

— Não, não o tenho visto. Ele me telefonou na segunda-feira.

— Da Holanda?

— Sim, da Holanda.

Sabia que estava correndo o risco de ficar irritada e desejou que ele deixasse de fazer perguntas.

— Ele disse quando viria novamente a Londres?

— Disse que viria brevemente.

— Entendo... E, sem dúvida, você o verá outra vez.

— Você tem alguma objeção? — Ela já não aguentava mais o interrogatório.

— Minha querida srta. Dutton, você pode fazer o que bem entender, não é da minha conta. Contanto que o resultado das noites mal dormidas não afete o funcionamento deste escritório. Não gostaria que se tornasse um hábito levá-la para casa com dor de cabeça.

Ao ouvir isso, Ivory levantou-se, indignada.

— Em primeiro lugar, nunca lhe pedi para me levar para casa. Você insistiu para que eu fosse embora, naquele dia. Poderia muito bem ter trabalhado até as cinco horas.

Estava zangada demais para notar o ar de admiração no rosto de Lawson, ao perceber as faíscas de raiva saindo dos olhos dela.

— Se me lembro bem, você mal conseguia manter a cabeça levantada — ele ponderou calmamente, o que a irritou ainda mais. — Não me restou outra saída, senão levá-la para casa.

A prepotência dele passava dos limites. Furiosa, Ivory deu-lhe as costas e dirigiu-se para a saída.

— Acho que você disse que tinha um recado para mim. Sabe, Ivory, você é realmente encantadora, quando fica zangada.

Ivory parou no meio da sala e, disposta a não mais aceitar provocação, falou bruscamente: — Jan encontrou o livro que você queria.

Se Lawson ficou satisfeito com o recado, nada demonstrou. Seus olhos revelaram apenas um brilho estranho. Irônico talvez.

No final daquela semana, Ivory começou a se adaptar melhor ao trabalho que havia assumido e, na terceira semana, já dominava suas tarefas quase que completamente. Assim, a porta entre o seu escritório e o da sra. Stavely permanecia fechada, pois não havia mais necessidade de consultar a secretária-chefe a toda hora. Na maioria das vezes, conseguia encontrar respostas às suas dúvidas sem dificuldade.

Tinha completado quatro semanas ali, quando a sra. Stavely chamou-a, para lhe contar que Jenny havia tido o bebê.

— Foi prematuro, mas os dois estão bem. É um garotinho.

Estavam tão entretidas falando sobre bebês, que nem repararam na chegada de Lawson. Então, depois de observá-las por alguns segundos, ele perguntou:

— Posso interromper a conversa? Sra. Stavely, talvez consiga me dizer onde colocou o fichário da Lux Companhia de Mineração?

Ivory percebeu o olhar levemente sarcástico que ele lhe lançou, porém, manteve a calma. Quanto à sra. Stavely, não notou nada. Retirou o fichário do arquivo e entregou-o, com um sorriso.

— Eu estava contando sobre o bebê de Jenny. Ivory dizia que não se importaria com o sexo de seu bebê, desde que ele fosse saudável.

Ivory sentiu-se enrubescer. Lawson não poderia tê-la fitado de maneira mais cínica!

— Nós estávamos apenas conversando hipoteticamente — murmurou, toda sem graça.

— Disso não tenho a menor dúvida! Ou estou errado, srta. Dutton? — Lawson retrucou, num tom brincalhão.

No entanto, essa brincadeira machucou-a muito. Então, repentinamente, sentindo-se sufocada, ela correu para a sua própria sala. Nem notou que Lawson a seguiu, testemunhado as lágrimas que tentava evitar, até que ele indagou gentilmente: — Como é, vai me dizer que palavras minhas fizeram você chorar?

— Não!

— Se você não quiser me contar, tudo bem — Lawson tirou-lhe das mãos uma folha de papel, que ela ia colocar na máquina. — Mas não fique magoada com o que quer que eu tenha dito. Sabe que não a ofendi propositadamente. Escute, por que não vai até a cantina e toma alguma coisa? Vocês, mulheres, sempre acreditam que chá é um santo remédio para todos os males, não é mesmo?

Ivory achou melhor fazer o que ele sugeriu. Sem argumentar, pegou sua bolsa e saiu da sala.

Como Lawson é estranho, pensou, enquanto tomava o chá. Acabava de perceber uma sensibilidade inesperada nele. Muitos homens nem teriam reparado que ela ficara aborrecida. Seu chefe era mesmo perspicaz!

Ele não estava por perto, quando ela retornou ao escritório. Se possível, desejava terminar o dia sem vê-lo novamente. Teve sorte, pois, quando levou alguns papéis para a sra. Stavely, descobriu que Lawson havia ido embora.

Ao chegar em casa, sentiu-se feliz por ser sexta-feira. Iria descansar ao máximo no seu fim de semana. Despediu-se de Mandy, que ia visitar os pais de Adrian, e foi ao banheiro, com a intenção de lavar a cabeça. Contudo, antes que pudesse ligar o chuveiro, a campainha tocou. Ao abrir a porta, levou o maior susto. Ali estava Jan, todo sorridente.

— Você não vai ficar zangada por eu ter vindo, verdade?

— Mas é claro que não! Venha, entre!

Uma vez dentro do apartamento, Jan fitou-a por um longo tempo, evidentemente encantado.

— Você está tão bonita!

Ivory considerou o elogio um exagero, pois não tinha um pinga de maquiagem no rosto e usava uma calça jeans e uma camiseta bem velhas.

— Sei que deveria ter telefonado, antes de vir para cá. Acontece, porém, que não houve jeito. Estive em reunião até as três da tarde e só então descobri que viria a Londres. E aqui estou. Recém-chegado do aeroporto.

— Quer dizer que acabou de chegar?

Não tinha muita certeza de estar feliz por Jan ter ido diretamente ao seu apartamento. Isso indicava que desejava muito vê-la e, no fundo, ela não estava pronta para qualquer tipo de envolvimento com ele.

— Você se importa por eu ter vindo do aeroporto para cá? — Jan perguntou e seu sorriso desapareceu, tornando sua face tão sombria, que Ivory não teve coragem de fazer qualquer objeção.

— Evidentemente que não — ela deu um sorriso meio forçado e procurou mudar de assunto: — Se você saiu às três horas da reunião e veio direto para cá, não deve ter comido nada. Posso lhe oferecer...

— Eu estava torcendo para que você aceitasse jantar comigo.

Jan quis que Ivory passasse o sábado e o domingo inteiros com ele, mas, apesar de ela gostar de sua companhia, disse que só poderia sair com ele à noite.

Quando Jan a levou para casa, no sábado à noite, convidou-a outra vez para passar o domingo com ele.

— Não quer mesmo sair comigo amanhã, durante o dia? Poderíamos passear no campo ou fazer qualquer outra coisa que você desejasse.

— Sinto muito, Jan — Ivory desculpou-se, sentindo-se incapaz de ceder. — Tenho muitas coisas para fazer amanhã. Vamos deixar como estava programado. Nos vemos às sete horas da noite, está bem?

— Se é assim que você quer, não vou insistir. Lawson sabe que estou em Londres e me convidou para almoçar com ele, amanhã. Vou aceitar o convite então.

Ivory estava pronta, no momento em que Jan chegou na noite seguinte e, lembrando-se de que ele almoçara com Lawson, decidiu não voltar muito tarde para casa. Provavelmente ele tinha contado a Lawson que havia passado o fim de semana com ela e não estava disposta a ver seu patrão irritado, caso tivesse outra dor de cabeça.

Depois do jantar à luz de velas, num restaurante pequeno mas muito chique, perguntou se ele se importava de irem embora.

— Você está aborrecida com alguma coisa?

— Não, não é isso. Desculpe, Jan, eu não queria ser rude. Adorei o jantar, só que trabalho amanhã cedo e preciso estar com os olhos bem abertos, quando acordar.

Teve um sentimento de culpa pelo que acabara de dizer. Afinal, Jan havia tido a gentileza de levá-la para jantar as últimas três noites, ao invés de passearem durante o dia, porque ela quisera assim. Diante disso, sentiu-se na obrigação de explicar-lhe o efeito prejudicial que as noites anteriores lhe haviam causado.

— Quer dizer que Lawson levou-a até em casa? — Jan perguntou, quando ela mencionou que não gostaria que o patrão tivesse que levá-la para casa outra vez.

— Exatamente. Ele foi muito atencioso. — Tinha raiva de admitir, contudo, isso era verdade.

— Ah, agora compreendo a que ele se referiu, hoje à tarde. Assim que contei que você iria jantar comigo, Lawson ficou muito sério e recomendou que eu cuidasse bem de você.

Ivory pensou bastante na observação de Lawson, enquanto Jan a levava para casa. Por que ele havia dito aquilo? Certamente estava cuidando de seus próprios interesses, ela concluiu. Nisso, Jan estacionou em frente ao casarão e acompanhou-a até a porta.

— Como você disse que precisa dormir cedo, é melhor eu não entrar. Volto para a Holanda amanhã de manhã — disse e passou os braços ao redor dos ombros dela. Da primeira vez em que Jan tentou beijá-la, Ivory recusou. Entretanto, sabia que esse relacionamento não poderia ficar estático por muito tempo. Por isso, deixou-se beijar dessa vez. Depois, ficou decepcionada. O beijo de Jan tinha sido de Lawson. Mas por que a comparação?

Confusa, mexeu-se nos braços do rapaz e ele a soltou imediatamente. Em seguida, fitou-a de maneira apaixonada e exclamou: — Minha querida Ivory, vou embora já! Caso contrário, você não irá para a cama cedo, como pretende.

Ela desviou o olhar e despediu-se dele, recebendo um beijo leve na face.

Na manhã seguinte, sentiu-se um pouco cansada. Tinha ido deitar cedo, mas ficara tão preocupada com Jan, que não conseguira dormir direito. Não podia acreditar que aquele rico e sofisticado comerciante de diamantes pudesse estar apaixonado por ela. Impossível! No entanto, tudo indicava que sim.

Suspirando, levantou-se da cama e foi para a cozinha.

— Olá — cumprimentou Mandy, preparando algumas torradas. — O que você está fazendo em pé tão cedo? Quer torrada?

— Pode deixar que eu mesma faço, obrigada. Como foi com os pais de Adrian?

— O pai dele é um amor, mas a mãe é uma megera!

Ivory colocou algumas fatias de pão na torradeira e voltou-se para a amiga. Ela parecia bem contente, dando a entender que não havia ligado a mínima para a mãe de Adrian.

— Você não parece muito animada — Mandy observou. — Seus olhos estão vermelhos. Não me diga que passou o fim de semana todo lendo! Realmente, Ivory...

— Jan chegou na sexta-feira, logo depois que você saiu. Jantei com ele três noites seguidas. — Ivory virou-se de costas para pegar as torradas: uma boa desculpa para esconder sua inquietação.

— Então, o caso é sério?

— Ora, não é nada disso. — Ivory não tinha tempo para se abrir com a amiga, naquele momento.

Chegou ao escritório alguns minutos antes das nove e conseguiu apenas pendurar o casaco e guardar a bolsa na gaveta da mesa. O interfone tocou. Olhou para o aparelho e

percebeu que era Lawson quem a estava chamando. Efetivamente, ele controlava tudo! Apertou o botão e ouviu-o dizer:

— Venha até aqui por favor.

Ele desligou o interfone antes que ela pudesse responder qualquer coisa. Vai ser um daqueles dias, pensou, enquanto pegava o bloco de notas e um lápis.

Antes de entrar na sala, passou pelo escritório da sra. Stavely, para cumprimentá-la. A secretária estava ocupada, abrindo a correspondência endereçada diretamente a Lawson. Ao avistar Ivory, levantou a cabeça e sorriu de maneira enigmática.

— O sr. Alexander quer que eu vá até lá.

— Eu sei. — Algo na voz da sra. Stavely preveniu-a de que ele não estava de bom humor. — Se eu fosse você, não o deixaria esperando.

Um pouco aflita, Ivory entrou na sala do chefe e obedeceu instantaneamente ao pedido mudo para que se sentasse na cadeira ao lado dele. Procurando manter-se calma, ficou à espera de algo, com o papel e o lápis na mão.

— Vejo que andou por bares e restaurantes novamente, srta. Dutton.

— Eu...

Ela quase caiu na armadilha. Lawson estava de mau humor e queria descontar em alguém. Só que, daquela vez, não iria permitir que ele a usasse como alvo. Levantou então a cabeça e retrucou pausadamente.

— Pode dizer o que quiser, mas saiba que hoje não estou com dor de cabeça. Portanto, não tem do que reclamar.

Ele nada respondeu. Limitou-se a encará-la por alguns intermináveis minutos, deixando-a sem ação. Foi Ivory que decidiu, no auge de sua impaciência, quebrar o silêncio.

— Acredito que me chamou aqui por alguma razão. Certamente, para tomar nota de algum ditado.

— Na verdade, não.

O tom lacônico da resposta só serviu para aumentar as suas dúvidas: se não estava ali para fazer anotações, então para que seria?

CAPÍTULO VII

Quando Lawson se dignou a esclarecer para que a havia chamado, Ivory teve o maior trabalho do mundo para manter seu equilíbrio. E, no final, considerou que não tinha sido muito bem-sucedida.

— Você deve estar informada — ele começou, encarando-a fixamente — de que surgiram alguns problemas com a fábrica de Manchester. Despachei Brian Harrington para lá, na semana passada, pela experiência que ele tem em solucionar impasses graves. Mas parece que ele cometeu alguns erros e, embora eu não disponha de muito tempo no momento, a única maneira de evitar uma ação industrial é ir pessoalmente a Manchester.

A situação era bastante grave, já que a tranquila filial de Manchester estava ameaçando entrar em greve. Obviamente, seria de muita valia que o próprio presidente da Sociedade Alexander fosse até lá conversar com os empregados pessoalmente. Ivory não conseguia entender onde é que ela se encaixava nessa história toda. Esperava que

Lawson tivesse confiança suficiente no seu trabalho, para saber que ela faria o que estivesse ao seu alcance, a fim de ajudar a sra. Stavely a manter o escritório em ordem. Ele não teria com que se preocupar. Além das secretárias, contava também com uma eficiente equipe de gerência, apta a zelar pelo bom andamento do serviço.

— O que, exatamente, você quer que eu faça?

— Eu ainda não disse? Ora, quero que você vá comigo, é claro. — Encarou-a por alguns segundos e, se Ivory não soubesse do mau humor do patrão, teria jurado que estava se divertindo muito naquele instante.

— Por que eu? Por que não a sra. Stavely? Ela... — contestou e imediatamente resolveu ficar quieta, ao notar que Lawson não estava disposto a discutir o assunto.

— Só para esclarecê-la, Ivory, a sra. Stavely tem um marido semi-invalído e não poderia ir comigo de forma alguma.

Ela sentiu-se um pouco culpada. Fazia um mês que trabalhava com a sra. Stavely e desconhecia esse fato. Como a secretária-chefe nunca fazia referência ao marido, Ivory procurava não importuná-la com perguntas que poderiam aborrecê-la.

— A sra. Stavely não gosta de conversar sobre sua vida particular — Lawson explicou. — E ela pode ou não viajar, tanto faz. O fato é que não é a sra. Stavely que eu quero comigo. É você.

Frente à cara amarrada e ao tom impaciente do chefe, Ivory achou melhor nem indagar por quê.

— Qual é o motivo de sua hesitação, Ivory? Tenho certeza de que a sua vida pessoal não será afetada. Jan foi embora hoje de manhã, não foi?

Engolindo em seco, ela ignorou a provocação. Sua vida pessoal não interessava a seu patrão. E, já que ele sabia que Jan havia partido de manhã, não havia necessidade de confirmar nada.

— A que horas partiremos para Manchester? — perguntou, finalmente.

Ao vê-la concordar com a viagem, Lawson mostrou-se mais calmo e, de maneira totalmente formal, avisou que partiriam o mais rápido possível, tão logo terminasse de resolver algumas questões urgentes.

— Vá para casa e arrume sua mala — ordenou. — Irei buscá-la ao meio-dia.

Admitindo que seria perda de tempo argumentar com ele, Ivory preparou-se para sair.

— Quanto tempo ficaremos fora? — A pergunta pareceu-lhe bastante razoável.

— Não tenho a menor ideia. É melhor você telefonar e reservar as acomodações. — Foi a resposta lacônica que ele deu, antes de mergulhar nos papéis à sua frente.

A sra. Stavely disse-lhe o nome do hotel onde Lawson costumava de hospedar, quando ia para Manchester, e Ivory foi para a sua própria sala fazer o telefonema. Como ele havia ocupado uma suíte em Amsterdam, talvez desejasse o mesmo naquela viagem, considerou. Entretanto, ainda assim, ficou na dúvida. O problema era que o péssimo humor que ele demonstrara não a encorajava a nenhuma pergunta mais.

Tendo conseguido a ligação para o hotel, Ivory pediu o que queria e ficou esperando que a recepcionista fosse verificar as possibilidades. Pelo que a moça dissera, naquela semana havia uma série de conferências e congressos em Manchester, o que reduzia o número de vagas.

Enquanto aguardava a resposta da recepcionista, concentrou seus pensamentos no que teria de levar consigo. Não queria ser apanhada outra vez sem ter o que vestir, como em Amsterdam. Deveria levar também um vestido longo? E se Lawson determinasse que saíssem para jantar, com a promessa de despedi-la, caso não o obedecesse?

— Dois quartos, você pediu? Já estão marcados.

A recepcionista estava de volta e, para alívio de Ivory, com as reservas confirmadas.

— Sim, dois quartos. Só não posso assegurar-lhe o tempo que ficaremos hospedados aí.

Vencido o primeiro obstáculo, o melhor que tinha a fazer era ir para casa e estar pronta quando Lawson fosse buscá-la. Antes de sair, foi perguntar à sra. Stavely se havia algo que ainda pudesse fazer.

— Não, obrigada. — Ivory notou com admiração que, apesar de estar ocupada, a sra. Stavely conseguia manter seu ar de tranquilidade. — As coisas se acalmarão, por aqui, hoje à tarde. Se necessário, requisitarei uma datilografa. Vá para casa sossegada.

Ivory levou pouquíssimo tempo para arrumar a mala. Depois, vestiu um conjunto branco de calça comprida. A cor não era muito apropriada para viagem, porém, a roupa era prática e fácil de lavar. Além disso, caía-lhe muito bem, verificou, enquanto se observava no espelho.

Lawson Alexander costumava ser pontual. Faltavam vinte minutos para o meio-dia, quando ele chegou e, felizmente, Ivory já estava com tudo arrumado. Ele é mesmo competente, pensou, ao se recordar da pilha de trabalho sobre a mesa dele, a ser encaminhada.

— Entre — convidou, abrindo-lhe a porta. — Estou quase pronta, só falta escrever um bilhete para Mandy.

A conversa que desejava ter com a amiga, sobre Jan, teria que esperar até a volta. Mas não fazia mal, pois, devido à viagem a Manchester, sua ansiedade a respeito do holandês havia diminuído.

Deixou o bilhete para a amiga na mesa da cozinha, e, ao retornar à sala, sentiu-se detalhadamente analisada.

— Podemos ir? — Lawson indagou, pegando a mala.

Ivory ficou satisfeita, ao notar que um pouco da irritação dele tinha desaparecido e nem se importou quando ele sorriu, de um jeito um tanto irônico, por causa da mala pesada. Tinha que admitir que estava levando mais roupa do que provavelmente iria necessitar. Contudo, não queria ver-se frente à situação embaraçosa que vivera em Amsterdam, outra vez.

Durante boa parte da viagem, Lawson manteve-se na mais absoluta mudez. Parecia concentrado na estrada e dirigia em alta velocidade. Quanto a Ivory, nem ousou interrompê-lo, ficando levemente surpresa no instante em que ele avisou:

— Vamos virar no próximo entroncamento e parar em algum lugar para comer. Você deve estar com fome, não?

Com fome? Embora nada tivesse dito, há muito que seu estômago reclamava por algo que o acalmasse. Assim que avistou o restaurante escolhido por Lawson, a uns dois ou três quilômetros da estrada principal, Ivory suspirou aliviada.

A comida era deliciosa e, sem dúvida, do tipo que sua mãe denominaria caseira. Durante o cafezinho, Lawson, em meio a um cigarro, expôs as funções que havia programado para ela. Basicamente, iria apenas anotar ditados e datilográ-los.

— Não irei acompanhá-lo a nenhuma das reuniões?

— Prefiro você no cabelo liso — ele respondeu, explicando que essa era uma das gírias entre os homens de negócios. Depois, acrescentou que desejava poupá-la de coisas que fariam seu cabelo se arrepiar.

— Oh, não sou tão retraída assim. Tenho consciência de que, em determinadas reuniões, o ar às vezes pode ficar um pouco pesado. Mas estou certa de que posso aguentar.

— Acredito que pesadíssimo seja a palavra mais adequada para o ambiente que se formará, se o causador do problema for o cara que estou pensando. — Em seguida, Lawson fitou-a de maneira insinuante. — Está querendo me dizer que saiu da sua concha emocional? Isso foi obra de Jan?

Ivory arregalou os olhos. Será que havia entendido bem? Não era possível que Lawson estivesse imaginando que ela tivesse ido para a cama com Jan.

— Você não pode estar perguntando... — Encarou-o confusa, porém, aquele olhar sarcástico, fixo nela, confirmou sua desagradável suspeita.

Lawson, parecendo meio tenso, aguardava uma resposta. Então, Ivory ergueu a cabeça e com toda dignidade afirmou:

— Não sou diferente agora do que era em Amsterdam.

Viu-o apertar o cigarro entre os dedos e, com raiva, amassá-lo no cinzeiro. Por que se comportava sempre de maneira tão impertinente? Levantou-se e deixou-o sozinho. No toalete, mal pôde conter sua fúria. Concha emocional! Era o cúmulo que se intrometesse tanto em sua vida!

Lawson estava parado do lado de fora do carro, quando ela saiu. Olhou-o rapidamente e ignorou o seu gesto polido de abrir-lhe a porta. Nem mesmo conseguiu balbuciar um "muito obrigada".

Puseram-se na estrada novamente. Apesar de tensa, Ivory esperava que ele se desculpasse por tê-la abalado tanto. Todavia, as primeiras palavras dele demonstraram que era persistente demais. Com toda a calma do mundo, ele retomou o assunto.

— Você se sente presa a Michael?

Ivory ficou perplexa. Ele não apenas pretendia seguir com o interrogatório, como se recordava muito bem do nome do seu ex-noivo.

— Nem me lembro mais da existência de Michael — respondeu atordoada, olhando pela janela lateral. Duvidava que Lawson parasse por ali, porém, surpreendentemente, ele o fez, estabelecendo um pesado silêncio entre ambos, até o final da viagem. Algum tempo depois, estacionaram em frente ao hotel onde iriam se hospedar.

De má vontade, Ivory desceu do carro, precedendo Lawson quando ele recuou, para que ela entrasse primeiro no hotel. Depois, deixou que ele caminhasse, a passos largos, até a recepção, alcançando-o ali, no instante em que lhe entregavam as chaves, após o registro.

— Vamos — ele ordenou, pegando as malas.

la perguntar se não devia registrar-se também, mas foi forçada a segui-lo, já que ele a aguardava com a porta do elevador aberta. Subiram sem dizer palavra. Quando ele parou, com sua mala, diante de uma das inúmeras portas de um longo corredor, ela resolveu perguntar: — Pode me dar a chave do meu quarto agora?

Lawson nem lhe deu atenção. Abriu a porta do quarto e entrou, ainda com a mala na mão. Certamente, ele teria alguma instrução a comunicar. O caso era que lidar com aquele homem prepotente exigia uma enorme dose de paciência!

— Se não tem nenhuma ordem urgente a ser cumprida, o senhor acha que poderia me entregar a chave do meu quarto? — Ivory pediu novamente, com uma raiva incontida.

Nisso, um sorriso presunçoso despontou no rosto de Lawson que, sem se abalar, apontou duas portas, uma de cada lado da saleta.

— Escolha uma delas.

Ivory examinou ambas as entradas, sentindo um arrepio na espinha.

— O que você quer dizer com isso?

— Quero dizer, srta. Dutton, que, quando lhe pedi que reservasse as acomodações, não tinha nenhuma ideia de que você faria uma reserva tão íntima.

— Reserva íntima?

— Na verdade, imaginei até que você escolheria um quarto bem distante do meu. Se não fosse num outro andar, pelo menos do outro lado do corredor. Mas parece que eu estava errado. Você reservou uma suíte, que inclui dois quartos.

Em pânico, Ivory custou a entender o que havia acontecido. A escassez de vagas, quando da reserva, era a responsável por aquela situação constrangedora. Contudo, o tom arrogante e a expressão cínica com que Lawson se dirigira a ela, deixou-a exasperada.

— Está muito enganado, se pensa que fiz de propósito. Foi um engano e vou corrigi-lo agora mesmo! — Teria saído dali correndo, com mala e tudo, caso as mãos de Lawson não a detivessem.

— O hotel está completamente lotado. Eu perguntei, quando recebi só uma chave.

— Mas...

— Oh, não se preocupe com isso. Acho que a minha reputação pode aguentar.

— A sua reputação? — Ivory estava atônita, diante de tanta petulância. E a sua própria reputação, onde ficava? — Você tem certeza de que não há mais quartos disponíveis?

Os olhos de Lawson estreitaram-se à pergunta desnecessária; Ivory, porém, sustentou aquele olhar, até ouvir o patrão perguntar: — Qual é o problema? Acha que estou querendo seduzi-la? Você já passou a noite comigo em condições bem mais, digamos, promissoras e não lhe aconteceu nada, lembra-se?

Ivory estava prestes a argumentar que o fizera inocentemente, que jamais dividiria seu quarto com um desconhecido, quando percebeu que ele, dando a discussão por encerrada, abriu as portas dos quartos.

— Será muito bom estar perto de você... No caso, é claro, de eu precisar chamá-la rapidamente. Agora, decida-se por um dos quartos. Quero me trocar, antes de ir para a reunião.

— O da esquerda, tanto faz. — Frente à situação estabelecida, qualquer um dos quartos servia.

Lawson colocou a mala no aposento indicado e saiu, batendo a porta com toda a força. Ivory jogou-se na cama, desanimada. Se fosse obrigada a acompanhá-lo em outra viagem, a primeira coisa que faria seria reservar sua acomodação o mais longe possível da dele. De preferência em outro hotel.

Decidida a não vê-lo sair para a reunião, começou a desarrumar a mala. Estava satisfeita por não ter trazido o vestido rosa de Amsterdam, já que ele significava experiências que queria esquecer. Em seu lugar, selecionara um conjunto azulão, de calça e túnica de seda que, sem ser excessivamente formal, era adequado para jantares e realçava seus cabelos castanhos e a pele morena.

Estava acabando de pendurar suas roupas, quando escutou o som de uma porta se fechando. Sem pressa, deu continuidade à tarefa e só saiu do quarto ao ouvir uma batida na porta da sala.

Era um dos porteiros do hotel, que lhe trazia uma máquina de escrever.

— Por aqui — disse, abrindo-lhe bem a porta. Correu os olhos pela sala e observou que, além do conjunto de poltronas e mesinha de centro, havia uma escrivaninha próxima à janela.

— Coloque-a ali, por favor.

Assim que o rapaz foi embora, olhou para a máquina, considerando, satisfeita, que ela esclareceria, para o pessoal do hotel, que a acompanhante de Lawson Alexander estava ali a trabalho.

Em seguida, após examinar a máquina, sentiu-se inquieta. Não tinha a menor ideia sobre a hora em que Lawson voltaria e não estava disposta a ficar presa no quarto até ele chegar. Então decidiu sair e dar uma olhada no hotel. Foi até o salão e, mesmo sem estar com sede, pediu uma xícara de chá.

Levou a xícara aos lábios e, subitamente, quase derrubou todo o chá. Seu susto foi imenso, ao escutar aquela voz tão familiar.

— Ivory! Ivory Dutton! Que prazer vê-la por aqui!

Ergueu a cabeça, deparando-se com o homem que havia machucado seu coração há oito meses atrás, sorrindo e fitando-a como se ela tivesse aparecido por passe de mágica.

— Ora, Michael! — exclamou, dando-se conta de que, felizmente estava completamente livre de qualquer emoção ou pensamento doloroso com relação ao ex-noivo. Em seguida, viu-o acomodar-se ao seu lado.

— O que você está fazendo aqui? — Michael foi o primeiro a se recuperar da surpresa. — Perdi a sua pista, quando saiu de Luton!

— Estou aqui com meu patrão. Sou secretária numa firma de Londres.

— É, alguém me contou mesmo que você tinha ido morar em Londres.

Houve um silêncio breve e desconfortável. Ivory não soube o que dizer. Percebeu, pela primeira vez, como os olhos azuis dele eram pálidos e frios. Todas as dúvidas, que durante os meses de solidão tivera, desvaneceram-se por completo, ao enxergá-lo como realmente era: uma pessoa comum e nada mais! Sentindo-se leve, segura, perguntou de maneira casual: — O que você está fazendo em Manchester, Michael?

— Vim para a nossa reunião anual de vendas. Funcionários do país inteiro encontram-se aqui — ele esclareceu, percorrendo, com os olhos, o rosto e o corpo da antiga noiva. — Você não mudou nada, Ivory. Continua bonita como sempre.

Era melhor ignorar o comentário e manter a conversa a nível de generalidades. Indagando sobre como ele estava se saindo no trabalho, ouviu-o discorrer, por um longo tempo, a respeito de suas próprias qualidades, do quanto progredira, uma vez que atingira o posto de gerente de vendas, e do quanto esperava subir ainda mais profissionalmente. Antes, teria escutado isso tudo com grande atenção, porém, naquelas circunstâncias, a conversa resultou monótona e desinteressante.

— Parece que estou falando demais — ele concluiu, por fim. — Conte-me o que tem feito ultimamente. Você sempre viaja a negócios com o seu patrão?

— Não muito.

— Ficaré vários dias por aqui? Não vai trabalhar hoje à noite, vai? Que tal jantar comigo? Bem, talvez você ainda...

Ivory adivinhou o significado daquela pausa. Michael acreditava que ela ainda estava apaixonada por ele. Irritada com a constatação, nem se importou com a possibilidade de Lawson ter ou não algum trabalho para ela naquela noite. Sorriu amavelmente e respondeu: — Eu gostaria muito de jantar com você, Michael.

Se até o final do jantar não conseguisse convencer Michael de que ele não significava mais nada em sua vida, então diria tudo claramente, sem ficar escolhendo palavras suaves.

Despediu-se do ex-noivo, após ter marcado o encontro para as oito e meia, e retornou à suíte. Ligou para a recepção, a fim de verificar se Lawson havia telefonado, certificando-se, porém, de que não havia nenhum recado.

Às sete horas, Ivory desistiu de esperar pelo patrão, já que ele não dera nenhuma notícia. Provavelmente, havia ido jantar com Brian Harrington e, como não tivera a gentileza de telefonar avisando, ela não teria por que ficar à espera, privando-se de seu jantar. Lawson talvez nem se lembrasse de que trouxera a Manchester uma secretária!

Às quinze para as oito, Ivory tomou um banho e colocou o conjunto de seda. Maquilou os olhos cuidadosamente e passou um batom rosado nos lábios. Diante do espelho, teve certeza, sem nenhum convencimento, de que Michael não poderia reclamar de sua aparência.

Entretanto, ao abrir a porta que dava para a sala, quase entrou em pânico. Ali estava Lawson, descansando num dos sofás. Lamentavelmente, não o ouvira chegar. Então, procurou manter a calma, enquanto ele a examinava da cabeça aos pés, detendo-se principalmente no decote generoso da túnica.

— Pensando em ir a algum lugar? — ele perguntou, finalmente. Pelo jeito, sabia que Ivory não havia se arrumado para jantar com ele.

— Encontrei um velho amigo no salão de chá, hoje à tarde. Vou jantar com ele.

Lawson balançou lentamente a cabeça, de um lado para o outro.

— Não vai, não. Você e eu temos um trabalho a fazer.

— Mas eu já combinei... — ela reagiu. Não se importava nem um pouco de perder o jantar com Michael, porém, sentia-se compelida a protestar. Lawson devia tê-la prevenido de que iriam trabalhar à noite.

— Então, cancele o compromisso.

Ivory encarou-o furiosa e depois, sem dizer nada, deu meia-volta e entrou em seu quarto. Odiava o tom autoritário de Lawson e mais ainda as circunstâncias, que a obrigavam a fazer tudo o que ele mandasse.

Faltavam ainda quinze minutos para o encontro com Michael e não estava com pressa de ligar para ele. Também não estava com pressa de trocar de roupa. Tirou a túnica bem devagar e sentou-se na cama. Tinha esperado muito tempo por Lawson Alexander. Agora, ele que a aguardasse! Aborrecida, levou alguns minutos mais reclamando de seus infortúnios, até que decidiu que era hora de telefonar para o quarto de Michael, antes que fosse tarde demais.

— Alô, Michael, é Ivory. Sinto muito ligar tão tarde, mas não vou poder encontrá-lo para jantar.

— Como não vai poder? — Ele parecia achar impossível que ela tivesse qualquer outra coisa para fazer, a não ser passar o tempo com ele.

— Desculpe-me. Só agora fiquei sabendo que tenho um trabalho a cumprir esta noite.

Desligou o telefone e ficou parada, imaginando o quanto Michael devia estar zangado naquele momento. De repente, ouviu um barulho dentro do quarto e enrijeceu. Voltou-se e deu com Lawson, encostado negligentemente na porta, com uma expressão de zombaria no rosto, contemplando-a de cima a baixo. Ivory ficou muito vermelha de tanta vergonha. Vestia apenas calcinha e sutiã!

— Seria demais esperar um pouco de privacidade? — perguntou, soltando faíscas pelos olhos, diante da audácia dele. Como ousava abrir a porta calmamente e ficar ali parado? Não podia definir o que a deixava mais indignada: o fato dele ter ouvido sua conversa ao telefone, ou de sentir-se indefesa por estar usando somente roupas íntimas.

— Então, era Michael o amigo que você encontrou no salão, hein?

O comentário ácido foi suficiente para explicar a expressão de sarcasmo em seu rosto. Em seguida, sem demonstrar intenção de mover-se dali, Lawson ainda completou:

— Pensei que você tivesse mais orgulho e não o aceitasse de volta.

Desta vez, a voz soou dura, revelando até uma certa raiva. Raiva? Ivory notou que Lawson estava verdadeiramente enfurecido! As razões para tal fúria ela desconhecia.

— Não é da sua conta, se resolvo aceitá-lo de volta ou não. — Desejava alcançar o seu robe, pendurado atrás da porta, contudo, não se atrevia a chegar mais perto do patrão. Ele parecia querer parti-la em dois!

— Se lhe interessa saber — Ivory ponderou —, eu simplesmente ia sair com Michael, hoje à noite, para deixar bem claro que agora ele não me interessa mais.

— Agora? Está querendo dizer que agora que Jan está na jogada, você não está mais apaixonada, por esse tal de Michael?

Lawson sempre acertava em suas deduções, Ivory tinha que admitir. Entretanto, daquela vez, estava equivocado em um ponto. Deu-lhe as costas, pois não ia esclarecer que Jan não passava de um bom amigo. Afinal, ele não tinha nada a ver com suas relações pessoais!

Ao dar-lhe as costas, esperava que Lawson tivesse um mínimo de bom senso e se retirasse do quarto. No entanto, quando sentiu que ele caminhava em sua direção, desistiu de esboçar qualquer reação. Seria inútil lutar contra as determinações dele.

— Você está apaixonada por Jan? — Com mãos firmes, Lawson segurou seus ombros, fazendo-a voltar-se.

Então, ofegante, Ivory encarou-o e descobriu naqueles olhos escuros um brilho diferente. Ficou muda. Tampouco se moveu do lugar, quando ele fez menção de beijá-la. Se o beijo fosse igual ao que havia recebido em Amsterdam, nada tinha a temer.

Contudo, não encontrou nenhuma semelhança. Por um momento, a boca de Lawson cobriu a sua suavemente. Depois, quando retirou as mãos dos ombros, ele segurou-a

pela cintura e aumentou a pressão dos lábios possessivamente. O coração de Ivory bateu descompassado, dando-lhe a impressão de que ia se sufocar. Resultava inútil tentar se desvencilhar daquele homem forte. Tudo o que estava conseguindo, com sua recusa, era provocá-lo ainda mais.

No instante em que ele puxou as alças do sutiã para baixo e começou a beijar ternamente os seus ombros, o colo, o pescoço, Ivory notou que algo estava acontecendo dentro dela. Algo diferente, com o qual nunca havia sonhado. Não, com relação a Lawson. Quando os lábios dele retomaram a sua boca, sentiu latejar no íntimo um desejo imenso de corresponder ao beijo. Em seguida, chamando-se à razão, reuniu todas as suas forças e empurrou-o resolutamente.

— Chega! Pare com isso, Lawson! — Nesse instante, temeu que ele não lhe desse ouvidos, pois, subitamente, começava a duvidar de sua própria capacidade para resistir. — Por favor, Lawson, solte-me.

Quando ele finalmente a soltou, Ivory, apesar dos sentimentos confusos que a dominavam, lançou ao patrão um olhar fulminante.

— Se já acabou, saia daqui! — berrou e depois ficou satisfeita com a intensidade que imprimira à própria voz.

— Minha querida, isso foi apenas o começo.

Ivory não gostou nada do modo com que ele pronunciou essas palavras. Havia uma ameaça velada no ar, que a atemorizou.

— Não sei o que você esperava obter com essa... atuação inconsequente, sr. Alexander.

— O que eu esperava obter não vem ao caso. — A raiva de Lawson parecia ter desaparecido completamente. — O importante é que finalmente consegui uma coisa.

Ivory prendeu a respiração, preparando-se para escutá-lo dizer que ela o desejava com ardor. No entanto, qual não foi o seu espanto, quando ele simplesmente afirmou: — Você se esqueceu de si mesma e me chamou de Lawson com grande intimidade.

CAPÍTULO VIII

Sozinha mais uma vez, com a porta de seu quarto prudentemente trancada, Ivory deixou-se estar ali, no mesmo lugar onde Lawson a havia beijado. Era em vão o esforço que fazia para ordenar seus pensamentos. Depois, considerou que devia ir para a sala e começar logo o trabalho, se não quisesse receber outra visita de Lawson. Tratou de se apressar. Lavou o rosto e vestiu-se rapidamente.

Ainda sem acreditar muito bem no que havia acontecido, passou as pontas dos dedos sobre os lábios. Em seguida, sacudiu cabeça, tentando esquecer o episódio, quando escutou vozes na sala. Não poderia encarar Lawson, na presença de uma terceira pessoa, refletiu. Mas, talvez, isso fosse melhor do que enfrentá-lo sozinho! Assim, deixou o quarto e, uma vez na sala, só teve tempo de perceber alguém saindo.

Evitou olhar para Lawson, que estava de costas, parado perto da janela. Nisso, avistou uma bandeja em cima da mesa e concluiu que ele havia pedido o jantar.

— Imaginei que seria bom comermos alguma coisa, antes de começarmos a trabalhar. — Voltou-se e fitou-a calmamente, sem dar a mínima indicação do que ocorrera entre eles.

Frente ao desembaraço de Lawson, um pouco da inquietação de Ivory diminuiu, possibilitando-lhe sustentar aquele olhar. Contudo, estava decepcionada porque a cena anterior tinha sido tão facilmente esquecida. O que significava, em Lawson, aquela atitude cortês que qualquer patrão dispensaria a sua secretária? Afinal de contas, havia estado nos braços dele momentos atrás!

Para disfarçar a agitação de seus pensamentos contraditórios, levantou a tampa da bandeja e exclamou, com um forçado ar de despreocupação: — Hum, que delícia! Filé com champignon. Estou morrendo de fome!

Depois do jantar, deram início ao trabalho e Ivory não pôde deixar de admirar a maneira objetiva com que Lawson tratava os problemas que haviam aparecido naquela tarde.

Assim que acabou de anotar os ditados, observou que havia muita coisa para datilografar. Entretanto, quando se dispôs a abrir a máquina de escrever, Lawson avisou-a de que poderia deixar aquilo tudo para a manhã seguinte.

— Gostaria que datilografasse apenas as anotações que vou precisar pela manhã. Depois, pode ir para a cama.

— Não me importo de datilografar toda a matéria agora — Ivory assegurou. Afinal, estava ali para trabalhar, mesmo que fossem quase dez horas da noite.

Lawson, porém, foi categórico.

— Você já deveria ter ido dormir há muito tempo! Faça o que estou mandando!

— Na verdade, não estou com vontade de dormir — ela contestou, mais por valentia, pois não via a hora de ir para o seu próprio quarto. Tinha muita coisa em que pensar. Além do mais, o trabalho a ser datilografado exigiria concentração e, como dormira pouco na noite anterior, seguramente cometeria muitos erros.

— Você está com medo de ir para a cama? — Lawson perguntou, abruptamente.

— Com medo? — ela repetiu, sem entender muito bem. Mas, assim que compreendeu que ele estava se referindo à maneira pela qual entrara em seu quarto e a beijara, seu rosto cobriu-se de rubor.

— Poucas moças que conheço coram de forma tão bonita — ele comentou. Depois, retornando ao assunto anterior, garantiu: — Você não tem nada a temer, eu prometo.

— Acredito que poucas moças que você conhece chegam a corar por alguma coisa — ela retrucou asperamente, e aguardou a resposta agressiva, que, com certeza, viria. No entanto, Lawson explodiu numa risada.

Ivory ficou encantada ao vê-lo rir tão gostosamente. Surpreendida com sua inesperada reação, virou-se rapidamente, fazendo um esforço para se concentrar em qualquer coisa que não fosse o riso dele, o rosto fascinante.

— Você não está preocupada, está?

— Deus do céu! Eu não sou nenhuma criança e você sabe disso, já fui beijada antes.

Sem se virar para ver como ele havia reagido, colocou toda a sua energia na máquina de escrever. Não demorou muito para terminar as anotações que ele queria. Então, depois de verificar se havia cometido algum erro, levantou-se e deixou a mesa.

Encontrou Lawson num dos sofás, escrevendo furiosamente, o que fez com que ela relutasse em interrompê-lo. Assim, Ivory permaneceu em silêncio, observando-o inclinado sobre os papéis e tentando explicar intimamente os transtornos de seu coração. Como aquilo podia ter acontecido? Era o que mais desejava saber naquele momento.

— Aqui está o resto das anotações para amanhã, Ivory. — Lawson ergueu a cabeça e observou-a longamente. — Você está pálida. Está se sentindo mal?

— Não, estou bem, obrigada. Contudo, se não houver nada mais por hoje, vou aceitar seu conselho e ir direto para a cama.

Não esperou pela resposta. Deixou-o na sala e caminhou com firmeza até seu quarto. Entrou, fechou a porta e encostou-se na parede, sentindo que suas pernas não

conseguiram mais sustentá-la. Foi então que um pensamento explodiu em seu cérebro. Estava apaixonada por Lawson Alexander!

Era tudo tão fantástico, que o amor que acreditava ter sentido por Michael tornava-se absolutamente insignificante, diante da descoberta que acabara de fazer. Não tinha a menor ideia de como e quando isso ocorreria. Só sabia que chegara até a pensar que odiava Lawson mais do que qualquer outro homem do mundo.

Enquanto se preparava para deitar, entendeu, finalmente, que se apaixonara por ele desde que o conhecera. O que sentira a princípio, a antipatia, a raiva, a vontade de agredi-lo, tudo não passava de um disfarce, uma defesa, contra a violência de seu amor. Naquela noite foi para a cama achando que teria uma grande insônia.

Todavia, ao contrário de suas expectativas, dormiu bem. Talvez pelo cansaço causado pelas inúmeras emoções, raciocinou, ao acordar. Ou devido ao sentimento inconsciente de segurança, nascido do fato de Lawson estar ali, tão próximo dela?

Qualquer que fosse a razão, sentia-se descansada e bem disposta para o trabalho. Deixou a cama e arrumou-se com muito cuidado.

Lawson já estava tomando café, quando Ivory entrou na sala. Ao ver o homem que amava, ficou pensando em como gostaria de tomar café com ele todas as manhãs de sua vida. Nisso, seus olhares se encontraram e ela cumprimentou-o, com um sorriso.

— Há café aqui — ele disse, apontando o bule. — Sirva-se. Não sabia a que horas você acordaria, por isso não pedi o seu café.

Essa meia hora, antes dele sair para a reunião, foi algo inesquecível para Ivory. Não houve nenhuma palavra atravessada, nenhuma provocação. Ela sentou-se à mesa, fitando-o de vez em quando, nos momentos em que a atenção dele se voltava para as notícias do jornal. Observou que Lawson usava um terno azul-marinho, que lhe caía muito bem. Contudo, baixou o olhar rapidamente, assim que ele depositou o jornal sobre a mesa.

— Você não vai pedir para trazerem o seu café, Ivory? Quer que eu...?

— Oh, não, não. Hoje não estou com muita fome. Vou comer apenas uma torrada.

— Há algumas aí. Se não quiser esperar que tragam mais, pode comê-las. Só que terá de usar o meu prato.

Ela adorou a ideia, sentindo, pela primeira vez, o quão agradável era aquela intimidade. Depois, reparou que havia uma xícara e um pires a mais na bandeja.

— Pensei em levar uma xícara de café para você. Mas fiquei em dúvida se iria gostar ou não. Então, desisti.

Ivory teve certeza de que ele fora sincero. Por causa do novo sentimento que descobrira em si mesma, estava percebendo coisas que não havia notado antes. Lawson desistira de fazer-lhe uma gentileza, pois imaginara que ela ficaria irritada, ao acordar e encontrá-lo ao lado de sua cama. Ou, quem sabe, até imaginara que ela veria naquele gesto uma continuidade da cena da noite anterior.

— Obrigada, pela intenção — ela disse, com um sorriso doce nos lábios.

Lawson levantou-se e só porque Ivory queria que permanecesse, achou que a voz dele estava relutante, quando afirmou: — Preciso ir, agora. Não é bom eu chegar atrasado. Esses caras são tão sensíveis, que, com certeza, considerariam isso pouco-caso.

Ivory perdeu a noção do tempo. Depois que ele saiu, ficou ali sentada, olhando para o espaço, até que a chegada do garçom despertou-a de seu devaneio.

— O café estava bom, madame?

Evidentemente, ao ouvir que o café estava maravilhoso, o rapaz considerou a resposta um exagero. Embora Ivory se sentisse com vontade de pensar apenas na sua descoberta, não podia ficar sentada toda a manhã, entregue às suas emoções. Era necessário trabalhar, pois Lawson não ficaria nada satisfeito se voltasse e não encontrasse as anotações datilografadas.

Sentia-se muito feliz com os momentos que passara ao lado dele, durante o café. Tinha consciência de que essa felicidade não poderia durar; porém, se até voltarem para Londres o clima entre eles pudesse se manter como naquela manhã, seu amor já estaria recompensado.

Mais uma vez, Lawson saíra sem lhe dizer a que horas voltaria. Assim, tendo terminado o trabalho antes da uma, resolveu descer para almoçar. Se ele telefonasse, a portaria, sem dúvida, a chamaria. Às quinze para as duas, estava de volta à suíte, pensando no que faria a seguir.

Não queria deixar de vê-lo, quando ele retornasse, contudo, a ideia de ficar sentada no hotel, esperando o tempo passar, não a agradava muito. O bom senso dizia-lhe que, se Lawson não havia retornado até aquela hora, devia ter ido almoçar com alguém e, seguramente, ficaria trabalhando até mais tarde. Portanto, um passeio viria a calhar.

Na saída, deparou-se com Michael e, embora ele estivesse com pressa, ainda trocaram algumas palavras.

— Foi uma pena você não ter ido ontem à noite, Ivory. Saí com alguns colegas. Fomos a uma boate. Você teria gostado.

— É, foi uma pena, mesmo.

— Hoje temos um jantar de negócios. Só para homens. Caso contrário, eu a convidaria. Mas, que tal amanhã à noite?

— Não sei se estarei livre...

— Eu telefono para você. Preciso ir agora. Até logo!

Como Michael parece frio, Ivory constatou, enquanto passava pela entrada do hotel. E pensar que acreditara estar apaixonada por ele! Finalmente compreendia que a separação fora o melhor que acontecera entre os dois.

Retornou ao hotel às cinco horas e foi direto para a suíte. Adoraria tomar uma xícara de chá, mas, primeiro, tinha que verificar se Lawson estava de volta.

Ele estava de volta. E qualquer ideia, que ela pudesse ter sobre continuar com a mesma cordialidade do café da manhã, foi afastada imediatamente.

— Onde, diabos, você se meteu? — Lawson gritou, assim que ela abriu a porta.

— Necessitou de mim para alguma coisa? — Ivory desconfiou que alguma coisa errada devia ter acontecido na reunião da manhã.

— Visto que está em Manchester como minha secretária, creio que não seria muito esperar encontrá-la aqui quando eu voltasse, não acha?

Ivory procurou manter a calma. Se algo falhara durante a manhã, ela é quem levaria a pior, caso tivessem uma discussão.

— Você não disse a que horas voltaria. E, como não apareceu para almoçar, calculei que ficaria trabalhando a tarde toda.

— E, obviamente, nem pensou em deixar um recado na recepção, dizendo onde tinha ido, não é mesmo?

Essa solução não lhe havia ocorrido.

— Não. Não pensei nisso.

— Talvez, no futuro, seja melhor você pensar. Onde esteve, afinal?

— Fui andar um pouco.

— Sozinha?

— É claro.

— Não encontrou o namorado?

— Namorado? Você está se referindo a Michael?

— Quantos namorados seus estão hospedados neste hotel?

— Ah, entendo! Você está furioso porque acha que estou gastando o tempo que a companhia me paga com...

— Não é nada disso! Já lhe disse antes: enquanto estiver viajando comigo, está sob minha proteção. E saiba que não pretendo levá-la de volta a Londres, sofrendo as consequências de um amor não-correspondido pela segunda vez.

— Como você ousa!? — ela explodiu. — Quem pensa que é para interferir na minha vida? Se eu quiser correr o risco de bater com a cara na porta pela segunda vez, eu o farei. Mas, já que está tão preocupado, deveria voltar sua memória para a noite de ontem.

Os olhos de Ivory faiscavam de raiva. Tinha de fazer isso, ou então se submeteria covardemente, toda vez que ele resolvesse lhe dizer o que bem entendesse. Em seguida, vendo uma expressão de espanto no rosto dele, continuou desafiadoramente:

— Então, o beijo que fui forçada a receber fez parte da sua terapia para tirar Michael da minha vida? Não perca seu tempo! Michael não significa mais nada para mim, conforme já lhe expliquei!

Acabou de falar e passou por ele, mal conseguindo conter as lágrimas. Trancou-se no quarto, atordoada, tremendo por inteiro. Não sabia o que havia acontecido com Lawson, porém, não ia aceitar calada tudo o que ele dissesse. E se tivesse passado a tarde na companhia de Michael? Que diferença faria? Estava certa de que Lawson não a necessitava para nada. A verdade é que ele descarregara toda a tensão da reunião de trabalho em cima dela.

Ivory demorou alguns minutos para se acalmar. Sabia que, cedo ou tarde, teria que sair do quarto. Tentou pensar em qualquer outra coisa, menos no que tinha acontecido, desde que entrara na sala tão inocentemente. Lembrou-se de que, na volta do passeio, ansiava por uma xícara de chá. Por que então deveria permitir que o mau humor de Lawson a impedisse de saborear a bebida? Refletiu um pouco e, sem mais cerimônias, pegou o telefone e pediu que trouxessem um pouco de chá.

— Para uma ou duas pessoas? — perguntaram.

Após um segundo de hesitação, concluiu que não conseguiria tomar chá em paz, sem oferecer a Lawson uma xícara.

— Para dois, por favor.

Chegou à porta e aguçou os ouvidos. Não havia nenhum sinal de Lawson se movendo. Ficou ali, até que escutou uma batida na porta exterior da sala.

— Eu atendo — ela avisou, passando por Lawson, que estava absorto em alguns papéis. Depois, indicou ao garçom onde colocar a bandeja e esperou que ele saísse.

— Quer uma xícara de chá? — ofereceu e ficou satisfeita ao notar que sua voz tinha soado normal.

Lawson deixou o que estava fazendo e aproximou-se dela, estendendo a mão para apanhar a xícara.

— Ainda está furiosa comigo? — perguntou, tranquilamente.

Se ainda estava furiosa com ele? Lawson é que ficara furioso, no instante em que ela se precipitara para o quarto. Incapaz de falar, serviu-lhe o chá. Sentia a atração dos olhos dele sobre si, mas evitou corresponder àquele olhar, até que o escutou propor: — Vamos fazer as pazes?

As palavras pronunciadas suavemente tiveram o efeito que Lawson devia estar procurando, pois Ivory ergueu a cabeça e fitou-o longamente. Depois, ela desviou o olhar novamente.

— Está bem. Vamos fazer as pazes.

Certificando-se de que Lawson não era o tipo de homem que guardava rancor, esqueceu sua própria raiva e, quando deu por si, ouvia atenta ele contar como havia sido

seu dia. Deduziu que na reunião correria tudo bem, o que a deixou mais confusa. Então, por que ele tinha ficado tão zangado quando ela chegou? Talvez realmente se sentisse responsável por sua secretária, sempre que ela se encontrava fora de Londres. Devia ser isso!

— Quer dizer que o problema se resolverá rapidamente?

— Se tudo correr bem, sim.

— E voltaremos logo para casa? — Agora que a raiva havia passado, estava triste porque sua viagem a Manchester estava prestes a terminar. Contudo, evitou demonstrar qualquer desapontamento.

— Você está querendo voltar? — novamente a voz de Lawson soou áspera,

— Para mim, é indiferente.

Lawson lançou-lhe um olhar penetrante, como se suspeitasse de que ela tivesse outros motivos para ficar, e Ivory suspirou. Simplesmente ele não a compreendia!

— É melhor ficarmos por aqui mais dois dias, para termos certeza de que tudo estará bem — ele sugeriu e, tão logo acabaram de tomar chá, pediu-lhe que fizesse mais algumas anotações.

— Você não programou nada para hoje à noite, programou?

— Não, para hoje à noite, não — Ivory respondeu, sabendo que, se tivesse programado, ele imediatamente lhe diria para cancelar.

— Isso quer dizer que tem algo programado para amanhã?

— Encontrei Michael à tarde. Ele tem um jantar de negócios hoje à noite. Ficou de telefonar amanhã.

Ivory esperava que Lawson fosse ficar furioso, porém, para sua surpresa, ele foi bastante reticente na reação.

— Ah, sei — foi tudo o que falou. Em seguida, começou a ditar algumas notas.

A esperança que Ivory nutrira de compartilhar com ele o café da manhã e reviver aquela meia hora maravilhosa do dia anterior, desapareceu assim que ela abriu a porta de seu quarto na manhã seguinte. Lawson cumprimentou-a suavemente. Já estava vestido, com a valise na mão, obviamente de saída, e sem nenhuma disposição para conversar. Parecia preocupado.

— Sabe, deduzi cedo demais que o problema estava resolvido. Acabei de receber um telefonema dizendo que há piquetes do lado de fora da fábrica, impedindo os trabalhadores de entrar.

— Está indo para lá? — Ivory procurou expressar-se com naturalidade; sua voz, porém, revelou a ansiedade que a dominou, ante a perspectiva de que, caso houvesse briga, Lawson pudesse sair ferido.

— Preocupada comigo? — ele perguntou, surpreso com o temor que vislumbrou nos olhos dela.

— Quem me levará para casa, se você ficar ferido? — o tom brincalhão foi a única saída que ela encontrou para disfarçar a preocupação.

Depois que ele saiu, ficou caminhando agitada pela sala, na tentativa de afastar as imagens horríveis que lhe vinham à cabeça. Via-o machucado, pálido, desmaiado. Ora, Ivory Dutton, não seja ridícula, reprovou-se a certa altura. Lawson era uma pessoa forte, que sabia cuidar de si. Viu a porta do quarto dele aberta e resolveu deixar como estava. Daquela maneira, teria a impressão de que, a qualquer momento, ele apareceria ali, para lhe dar as costumeiras ordens. Nem se importaria com o modo com que ele a tratasse, contanto que voltasse são e salvo.

Passou a maior parte da manhã datilografando os apontamentos, embora encontrasse grande dificuldade para se concentrar no trabalho. Várias vezes teve que se levantar e andar pela sala, como se com esse ato sua mente ficasse mais clara.

Depois do almoço, saiu outra vez. Não aguentava ficar no hotel esperando por Lawson. Estava agitada demais para passar horas seguidas olhando para a porta, na esperança de vê-lo chegar. Lembrou-se de que, no dia anterior, ele retornara antes das

cinco horas. Então, nesse dia, estaria de volta às quatro e pediria o chá assim que ele chegasse. Daí, ficaria ouvindo o relato dos acontecimentos e, se fosse alvo de algumas de suas observações bruscas, nem responderia.

Entretanto, a suíte estava vazia quando ela entrou. Bem, de qualquer forma, ainda era cedo. O melhor seria tomar um banho, para relaxar. Antes que pudesse fazer isso, ouviu uma batida à porta de fora e foi atender. Era Michael.

— Boa tarde — cumprimentou, tentando imaginar o que ele estaria fazendo ali.

— Oi, Ivory. Acabo de chegar. Estava indo para o meu quarto e pensei em vir vê-la, ao invés de telefonar.

Consciente de não estar sendo muito gentil, deixando-o parado na porta, convidou-o a entrar, embora não quisesse que Lawson o encontrasse ali.

— Como vai o congresso? — perguntou, apenas para ser educada. Contudo, suas boas maneiras resultaram inúteis, pois Michael estava distraído, dando uma olhada no apartamento.

— Meu Deus, você se arrumou muito bem! Colocaram-me num quarto que deve ser o menor do hotel e você está aqui. Imaginem só! Uma secretária com uma suíte inteira para si!

— Eu... eu... — Ivory sentiu-se enrubescer. Tinha que deixá-lo pensar que o apartamento era todo dela. Michael nunca entenderia a sua situação.

— Onde o seu patrão dorme? — Um ar malicioso transpareceu no rosto do rapaz.

— Na verdade... bem, esta é uma suíte de dois quartos. Eu fiz confusão na hora de reservar...

— E qual é o quarto que você usa?

A pergunta era tão maldosa, que Ivory não conseguiu responder. Arregalou os olhos, visivelmente espantada.

— Meu Deus, como você mudou! O que aconteceu com aquela virgem frígida? Nunca deixou que eu a levasse para a cama e consta que estava apaixonada por mim.

Ivory sentiu náuseas e ele continuou: — Ou será que não mudou? Vai ver que sempre andou com qualquer um e, comigo, apenas representava, porque achou que tinha encontrado um tolo disposto a se casar com você, não é mesmo? Não queria que eu soubesse de nada, até que fosse tarde demais, certo? Ainda bem que não fui idiota!

— Saia já daqui! — ela gritou, só então percebendo o quanto ele era feio. Feio por dentro.

— Não precisa ficar irritada. Vou sair logo. Mas, antes, terei o que deveria ter sido meu há muito tempo.

Ivory ficou apavorada com o desejo animal que viu nos olhos dele. Em pânico, encostou-se na parede, buscando proteção. Meu Deus, ele vai me violentar!, pensou, estarrecida.

Então, quando Michael a agarrou, uma voz forte, atrás dele, bradou: — É melhor você parar, rapaz!

Ivory respirou profundamente, registrando o fato de que, miraculosamente, Lawson tinha voltado e ordenava que Michael saísse. Em seguida, num relance, notou que ele estava usando uma camisa esporte. Foi então que constatou, com uma terrível sensação de vergonha, que ele havia estado em seu quarto o tempo todo.

Olhou para Michael. A expressão de incredulidade em seu rosto teria sido cômica, caso Ivory não estivesse com tanta vontade de gritar. Voltou-se para Lawson e viu-o avançar, com determinação, para o lado de Michael.

Incapaz de suportar mais, Ivory correu para seu quarto. Minutos depois, os ruídos que escutou indicaram-lhe que Michael fora atirado no corredor e a porta batida com toda a força.

Sentia-se corrompida, enojada e, acima de tudo, envergonhada pelo fato de Lawson ter ouvido todas aquelas coisas terríveis que Michael havia dito sobre ela. As palavras e mais a tentativa do ex-noivo de violentá-la...

Ivory atirou-se na cama e chorou desesperadamente. Não ouviu ninguém entrar no quarto e levou um susto, quando sentiu-se tocada suavemente pelas costas. Com os olhos cheios de lágrimas, voltou-se e encontrou Lawson ao seu lado. Assim que ele a abraçou, apoiou a cabeça no peito dele, soluçando como se seu coração fosse se despedaçar.

— Calma, agora tudo está bem. — A voz de Lawson era gentil, porém, firme. — Você passou por um susto terrível, mas já acabou.

Ivory permaneceu ali, no aconchego dos braços dele, sentindo-se segura e confortada, por um bom tempo. Depois, pouco a pouco, foi readquirindo a calma e ficou alarmada. Lawson devia estar odiando se encontrar naquela situação.

— Não... não é verdade o que Michael falou. Eu não sou uma qualquer — explicou, afastando-se um pouco. Lawson, contudo, abraçou-a novamente.

— Eu sei, menina, sossegue.

Apenas umas poucas palavras, mas ditas com tanta convicção, que tiveram o efeito de um verdadeiro bálsamo. Ivory sentiu um imenso bem-estar.

— Sinto muito pelo que ele disse sobre você e eu.

— Acho que posso suportar isso — Lawson brincou.

Ela levantou o rosto, ainda todo molhado de lágrimas, e encontrou o olhar profundo de Lawson. Ele não parecia estar nem um pouco embaraçado diante da posição em que se encontrava. Ivory enrubesceu e virou a cabeça.

— Ainda bem que você apareceu naquele momento. — Ela estremeceu só de imaginar o que poderia ter acontecido, ao mesmo tempo em que sentiu os braços de Lawson apertando-a um pouco mais. Ele adivinhara o motivo de tanto pavor.

— Tente esquecer tudo isso. Nada de grave aconteceu.

Ivory notou tanta firmeza na voz daquele homem amado, que teve certeza de que ele acabaria com Michael, se o rapaz a tivesse machucado. O importante, porém, é que estava inteira... e sob a proteção de Lawson, não estava?

— Eu não sabia que você já tinha voltado. — Instintivamente, segurou na cintura dele e sentiu seu calor através da camisa.

— Fazia pouco tempo. Estava trocando de roupa e, quando ouvi você chegar, achei melhor não aparecer de cueca na sua frente.

O semblante de Lawson apresentava um ar brincalhão. Procurava fazer Ivory sorrir e, efetivamente, foi o que conseguiu. Ela levantou a cabeça e abriu um sorriso para ele, o que, afinal, não requereu esforço nenhum.

— Você ouviu tudo? — perguntou, torcendo para que ele não tivesse ouvido.

— Sim, ouvi.

— Eu não tinha a menor ideia de que Michael fosse assim. Ele não se mostrou dessa maneira, quando éramos noivos.

— Nunca?

— Não, nem uma vez, apesar de que... — Ivory parou, embaraçada.

— Apesar de que... — Lawson instigou.

— Bem, eu... eu... devia ter percebido o caráter dele. O motivo pelo qual me abandonou foi um indício bem claro.

Ivory arrependeu-se de suas palavras. Seria terrivelmente constrangedor explicar a Lawson a razão do rompimento do noivado. No entanto, nem foi necessário explicar nada.

— Michael abandonou-a porque você insistia em se casar antes de ir para a cama, não é mesmo?

— Sim — ela murmurou, sem conseguir encará-lo. — Ele disse que se eu o amasse não hesitaria.

Lawson ainda a abraçava e ela desejava que aquele momento mágico nunca terminasse. Apesar de todo o choque sofrido, sentia-se feliz e protegida nos braços que a estreitavam.

— Então, esse homem deve ser insensível como o diabo. Qualquer um pode ver que, para poder se entregar, você precisa de gentileza e carinho. Não de táticas grosseiras — ele afirmou, com raiva.

CAPÍTULO IX

Lawson tinha acabado de dizer que ela precisava ser tratada com gentileza e carinho. Ivory fitou-o diretamente nos olhos, admirada da capacidade de percepção que ele demonstrava.

— Acho que você tem razão. Eu... eu não sei nada a respeito disso. Sempre fui um pouco... Bem, um pouco reservada nesse sentido.

— Era o que eu imaginava. Não se preocupe com o que Michael falou. Tudo vai sair bem, quando você encontrar o homem certo.

Como naquele exato momento ela acreditava estar olhando para o homem certo, sentiu que não podia dar nenhuma resposta, sem se trair. Então, apenas deixou que os lábios de Lawson fossem ao encontro dos seus, enquanto o abraçava pela cintura.

Após alguns minutos de grande ternura, Lawson afastou-se um pouco e encarou Ivory com olhos brilhantes.

— Foi muito bom — ela comentou, sincera.

— Concordo. Mas isso poderia ser um remédio perigoso.

— Quer dizer que não passou de um remédio? — Ivory não queria que sua frase soasse como um desafio, como realmente aconteceu. Retraiu-se, ao ver o rosto de Lawson tornar-se sério.

— Obviamente, a dose não foi suficiente — ele retrucou. Então, novamente seus lábios tocaram os dela e, dessa vez, num beijo completamente diferente. Não mais de consolo, apesar de ainda delicado, mas com certo grau de paixão. De encontro àquele peito másculo, enlaçada por braços fortes, Ivory desejou ser beijada com ardor, embora não entendesse bem o que se passava no seu íntimo, o porquê daquela explosão.

Instintivamente, suas mãos apertaram a cintura dele e seus lábios se entreabriram. Frente à aceitação implícita nos gestos de Ivory, a pressão da boca de Lawson aumentou, enquanto a puxava para si com mais força.

Incapaz de resistir ao prazer que aqueles lábios lhe proporcionavam, ela se aproximou mais, ignorando as advertências que seu lado racional ainda conseguia formular. Como se fossem uma só pessoa, moveram-se suavemente e não foi nenhuma surpresa para ela, quando sentiu suas pernas tocarem a beirada da cama. Lawson deitou-a gentilmente.

Ivory pensou ter ouvido sua própria voz murmurando o nome dele, mas não teve certeza disso. Depois, a boca de Lawson tornou-se mais audaciosa, seus dedos desabotoaram-lhe a blusa e ela sentiu a mão dele sobre seus seios. Desejou abrir-lhe a camisa também e correr os dedos sobre seu peito nu. Contudo, após ter levantado a mão, sentiu-se tímida e desajeitada, ao ver o desejo estampado nos olhos de Lawson.

— Gostaria tanto de corresponder aos seus anseios. Eu não sei como... — sussurrou, com voz trêmula.

Imediatamente, desejou não ter dito nada. Observou Lawson cerrar os dentes com força e ouviu-o respirar profundamente, tentando se controlar. Suas palavras cortaram o clima de pura emoção. Ficou desesperada no instante em que ele afirmou:

— Agradeça a Deus por sua inocência. Acabou de salvá-la. — Lawson levantou-se rapidamente e, sem olhar para trás, saiu do quarto.

Ivory rolou na cama e cobriu-se, da cabeça aos pés, com o lençol. Era uma desastrada, uma inútil. Não tinha sido capaz de se entregar ao noivo que a desejava e, quando quis pertencer ao homem que amava, ele a recusara.

Devia se sentir envergonhada por haver desejado que Lawson fizesse amor com ela. Entretanto, não sentia nada. Amava-o e tudo lhe parecera muito natural. Toda a rígida educação que recebera tinha desaparecido naqueles momentos em que se encontrara nos braços dele. Desejava tanto Lawson, que chegava a doer!

Então, lentamente, ela foi se acalmando. O bom senso retornou e, com ele, o embaraço que não havia sentido minutos antes. O que tinha acontecido com ela? Bastara Lawson beijá-la carinhosamente, para que demonstrasse, de maneira evidente, que o desejava, mesmo sabendo que ele não a amava. Como poderia encará-lo outra vez? Não tinha forças para levantar da cama e enfrentar a situação. Sua única vontade era fugir.

— Sente-se, Ivory!

Entregue à sua dor, Ivory nem reparou que Lawson entrara de novo no quarto. Permaneceu imóvel, de costas para ele. Simplesmente não conseguiria enfrentar o seu olhar.

— Eu disse para você se sentar!

Ivory estremeceu. Era melhor fazer o que ele ordenava.

— Agora, abotoe a blusa.

Atordoada, Ivory levou a mão à blusa e constatou que estava aberta, deixando seus seios à mostra. Enrubescou violentamente, ao mesmo tempo em que tentava fechar os botões e puxar a saia até os joelhos. Ficou mais atordoada ainda, ao escutá-lo praguejar:

— Droga! Que inferno!

Então, sem saber como agir, limitou-se a observar Lawson indo de um lado para outro do quarto, visivelmente nervoso. Provavelmente, por aversão àquela circunstância incômoda. De repente, ele parou, dando a impressão de que estava tomando uma resolução muito séria.

— Arrume as malas. Vamos voltar para Londres — ele comunicou, finalmente.

— Voltar para Londres?

Lawson não perdeu tempo argumentando.

— Arrume as malas — repetiu e deixou o quarto apressadamente.

Viajaram bastante tempo em silêncio. Somente antes de partirem é que Lawson se dirigira a Ivory, para perguntar-lhe se queria jantar. Evidentemente, ambos estavam sem fome. De sua parte, Ivory não conseguiria engolir nada, pois sentia um nó na garganta, que quase a sufocava. Quanto a Lawson, tampouco se dispunha a comer, constrangido que estava com toda aquela situação. Então, mudos, deram início à viagem.

Como Lawson persistia em manter-se calado, Ivory supôs que ele estivesse com a mente concentrada em seu trabalho. Não ousaria imaginar que pudesse ocupar algum lugar em seus pensamentos. O trabalho que tinham ido fazer em Manchester devia ter sido concluído. Provavelmente, ele pretendia discutir o assunto e só não o fizera porque Michael aparecera na suíte.

Ivory suspirou, tentando sufocar o gemido que lhe subiu à garganta, frente à recordação do incidente. Lawson não perdeu esse detalhe.

— Fui ao seu quarto para conversar com você — ele explicou, com os lábios apertados.

— Qual das duas vezes? — A petulância era a única maneira que Ivory encontrou de não se ferir mais.

— Ambas. Parece que hoje foi o seu dia de experiências traumáticas, não? E eu me considero parcialmente culpado por isso.

— Você? Mas...

— Sim, eu mesmo. Quando aquele miserável saiu, entrei no seu quarto com a intenção de confortá-la. Sabia que você estava muito abalada. Só que nunca deveria tê-la beijado.

— Eu... eu... — Ivory queria dizer alguma coisa; sua cabeça, porém, parecia vazia. Por outro lado, deu graças a Deus por estarem no escuro, pois, dessa forma, Lawson não veria o seu ar de espanto, ao ouvi-lo dizer:

— Você estava em estado de choque. Não havia se recuperado do susto causado pela cena com Michael. Eu devia ter visto que você, de jeito algum, poderia suportar outra perturbação emocional. Foi uma inconsequência tê-la beijado.

— Você só fez isso para me consolar.

Um pouco da tensão de Lawson desapareceu, ante a evidência de que ela compreendera a sua intenção inicial.

— E eu não deveria ter passado daí — ele assegurou e depois contou que tinha entrado novamente no quarto para lhe pedir desculpas por sua atitude, mas que não conseguira.

— Por favor, me perdoe pelo susto que lhe dei.

Ivory ficou quieta, por alguns minutos. Lawson devia saber que se entregaria a ele por própria determinação. Contudo, ali estava ele, jogando toda a culpa sobre si mesmo, como se a reação dela tivesse sido resultado de um abalo emocional. A verdade era muito simples: ele não percebera o quanto era amado.

— Bem, você me perdoa?

— É claro que sim, Lawson. Eu... eu gostaria de esquecer tudo a respeito disso, de uma vez.

Lawson não respondeu. Na verdade, ele não falou mais nada até o momento em que estacionou diante da casa dela.

— Não precisa ir ao escritório amanhã. Descanse. Boa noite.

Apesar de ter passado uma noite agitada, assombrada por todas as experiências do dia, Ivory levantou-se, na manhã seguinte, com intenção de trabalhar. No entanto, quando se sentou diante do espelho, viu sua face abatida e os olhos inchados de tanto chorar, desistiu de ir ao escritório. Além do mais, precisava de um tempo para se acalmar, pois, caso contrário, deixaria transparecer no serviço toda a ansiedade que a presença de Lawson lhe causava.

Uma vez em casa, era necessário ocupar-se com algo. Decidiu arrumar as gavetas do armário. Então, em meio à tarefa, cumprida mecanicamente, lembrou-se de como Mandy havia sido bondosa, na noite anterior, enquanto ela se debulhava em lágrimas e relatava o que tinha sucedido. Os olhos de Mandy quase saltaram das órbitas, quando Ivory descreveu a atitude de Michael.

— Você acredita realmente que ele teria... Oh, graças a Deus Lawson Alexander estava por perto!

Ao ouvir essas palavras, Ivory soluçou desconsolada. Mandy ficou pensativa por um momento e, depois, disse com toda a naturalidade: — Você está apaixonada por Lawson Alexander, não está?

Ivory nada respondeu, não podia. Embora se sentisse um pouco culpada com relação à amiga, estava segura de que, se quisesse manter seu amor em segredo, a única forma era não contá-lo a ninguém.

Terminou de arrumar as gavetas e passou o resto do dia buscando o que fazer. Constantemente, seus pensamentos voltavam-se para o trabalho. Como poderia deixar um emprego de que gostava tanto? Sentia-se estimulada pelo serviço que realizava. E, sendo sincera consigo mesma, comprovou que, por estar apaixonada por Lawson, jamais

experimentalista esse mesmo estímulo trabalhando para outro homem. Vivia um grande dilema, desde o instante em que a ideia de deixar o emprego lhe passara pela cabeça.

A sra. Stavely pareceu surpresa ao vê-la, quando chegou ao escritório no dia seguinte.

— Pensei que você ainda estivesse em Manchester — ela falou, depois de cumprimentá-la, dando a Ivory a certeza de que Lawson também não tinha ido ao escritório no dia anterior. Caso contrário, a sra. Stavely não teria demonstrado surpresa por encontrá-la ali.

— Eu... eu não estava bem — explicou. — O sr. Alexander trouxe-me para casa, quarta-feira à noite.

— Ah, isso esclarece tudo. Suponho que o sr. Alexander tenha voltado a Manchester para terminar o trabalho.

Ivory sentou-se à sua mesa, sentindo-se pior do que nunca. Ela ainda não havia decidido o que fazer a respeito do emprego, mas, vendo que Lawson tinha voltado para Manchester, presumivelmente sem nenhuma secretária, concluiu que ele podia se arrumar muito bem sozinho. Por outro lado, estava até satisfeita com a ausência dele. Se não o encontrasse até segunda-feira, teria o fim de semana todo para resolver com mais calma o que ia fazer. No momento, resultava-lhe impossível pensar na possibilidade de não vê-lo nunca mais.

Um pouco mais tarde, quando entrou no escritório da sra. Stavely, para devolver um fichário, o telefone tocou. Ouviu-a atender e falar ríspidamente. Deduziu, pela conversa, que alguém do Departamento de Compras iria levar uma bronca. A sra. Stavely raramente era ríspida com alguém.

— Vou descer e dar uma olhada nisso — ela avisou e desligou o telefone. Depois, voltando-se para Ivory, pediu: — Você poderia ficar atenta ao telefone? Não devo demorar mais do que dez minutos.

Ivory ficou perplexa ao ver a sra. Stavely marchar para fora do escritório como uma guerreira. Não gostaria de estar no Departamento de Compras, quando ela despontasse por lá. De repente, o som do telefone interrompeu os seus pensamentos.

— Escritório do sr. Alexander.

— Posso falar com o sr. Alexander? — disse uma voz familiar, que hesitou um pouco e depois perguntou: — É você, Ivory?

— Jan! Sim, sou eu. Lawson não está aqui hoje. Você quer deixar algum recado? Não acredito que ele chegue antes da segunda-feira.

— Não tem importância...

Ela não pôde ouvir o resto do que Jan estava dizendo, por que a porta do escritório de Lawson se abriu e ele apareceu, imponente em seu terno escuro. Fitou-a seriamente.

Ivory nem suspeitava de sua volta, pois não o tinha ouvido chegar. Sentindo-se subitamente nervosa, virou-se de costas para ele, tentando acompanhar as palavras de Jan.

— Sinto muito, Jan, não ouvi o que você disse...

— Eu disse que pretendia ligar para você hoje à noite... de Londres.

— Está vindo para cá? — Ela tentou parecer satisfeita, apesar da falta de entusiasmo durante a última visita dele. E, quando Jan perguntou se jantaria com ele naquela noite, ela respondeu com mais calor do que teria feito, se Lawson não estivesse ali, fitando-a daquele jeito inibidor.

— Gostaria muito! A que horas devo estar pronta?

Só depois de ter desligado o telefone é que se lembrou de que Jan havia ligado para falar com Lawson, não com ela.

— Na verdade, Jan ligou para falar com você.

— Não parecia! — foi a resposta que ele deu, antes de bater a porta na cara dela.

Ivory ficou irritada. Na verdade, havia esquecido de como Lawson era arrogante. Depois, refletindo, concluiu que a sua irritação constituía algo até favorável. Sem dúvida,

era melhor que o clima entre os dois não fosse ameno, pois, dessa forma, não sofreria tanto ao partir.

Durante o resto do dia, cruzou com Lawson somente duas vezes; uma, na sala da sra. Stavely, e outra, quando foi obrigada a lhe entregar uns papéis. Qualquer pessoa que não soubesse de nada, diria que eram grandes inimigos. Ele tratava-a com absoluta frieza e ela respondia à altura.

Finalmente, o relógio bateu cinco horas e Ivory foi até a sala da sra. Stavely, para se despedir. Lawson estava lá.

— Boa noite, sra. Stavely — falou e depois, percebendo que seria descortês não falar com ele, acrescentou: — Boa noite, sr. Alexander.

Devia ter poupado o fôlego, pensou furiosa, enquanto descia as escadas, pois ele nem se dignara a responder. Definitivamente, só lhe restava pedir demissão! Não podia continuar trabalhando para um homem que, de um lado, mostrava-se pronto a assumir a culpa por seus descontroles emocionais e, de outro, humilhava-a de todas as maneiras. Sem dúvida, Lawson desconhecia os seus sentimentos em relação a ele. Caso contrário, iria tratá-la com um pouco mais de gentileza. Gentileza? Naquela tarde, ele dera a impressão de não saber o significado dessa palavra. Como sempre, aliás!

O jantar com Jan não foi muito agradável. Ivory ainda estava muito irritada, por causa de Lawson, para conseguir relaxar. Felizmente, Jan pareceu não notar nada. Quando ele a levou para casa, convidou-o a entrar, pois sentia-se um pouco culpada por ter passado a maior parte da noite pensando em outro homem.

— A sua amiga Mandy não está em casa, verdade? — Jan observou, no momento em que Ivory sentou-se ao seu lado, depois de servir-lhe uma xícara de chá.

— Não. Ela foi a uma festa.

Um pouco surpresa, percebeu que, embora ele fosse um sofisticado negociante de diamantes, tinha umas preocupações um tanto antiquadas.

— Você ficou constrangido por estarmos sozinhos, Jan?

Ele lançou-lhe um olhar que dizia claramente que não era tão antiquado assim.

— De jeito nenhum. Na verdade, estou feliz por ficarmos a sós. Queria mesmo conversar com você neste fim de semana. Talvez este seja o momento certo.

Mas não era. Ivory devia ter previsto as intenções dele, para que pudesse contornar a situação e não permitir que ele fosse embora magoado com ela. Quando saíra da Holanda, Jan esperava que ela aceitasse seu pedido de casamento.

— Sinto muito, Jan. Sinto muito realmente. Não posso me comprometer com você...

— Entendo, Ivory. Prometo não importuná-la mais. Volto amanhã cedo para Amsterdam, pois Londres não tem mais sentido para mim. — Com uma expressão pesarosa, Jan deu-lhe um beijo na face e partiu.

Quando a porta se fechou atrás dele, Ivory, incapaz de controlar-se por mais tempo, deixou que as lágrimas saíssem livremente. Em uma semana, somara emoções suficientes para sua vida inteira. Em apenas sete dias, transformara-se de uma garota inocente e inexperiente em uma mulher que sofrera impactos afetivos com três homens ao mesmo tempo: com Michael, com Lawson e, por último, com Jan.

Bastante abalada, foi à cozinha e preparou um café. Estava voltando para a sala, com a xícara na mão, quando o telefone tocou. Consultou o relógio e viu que já passava da meia-noite. Quem estaria ligando àquela hora? Não demorou muito para descobrir: era Lawson que continuava com um humor tão terrível quanto aquele que exibira durante o dia, no escritório. Se soubesse disso, ela simplesmente não teria atendido ao telefone.

— O que você deseja, Lawson?

— Estou interrompendo alguma coisa?

— Meia-noite e dez não é uma hora muito conveniente para ligar, não acha?

Ela não falou mais nada e Lawson preferiu dar sua própria interpretação sobre o porquê da hora ser inconveniente. Isso deixou-a furiosa.

— Suponho que Jan esteja aí, em seu apartamento, e que eu esteja interrompendo o idílio. Será que consegui liberar a permissividade que havia em você?

Em qualquer outra época, Ivory teria pensado que aquilo não passava de mais uma de suas brincadeiras. Contudo, o abalo que sofrera momentos antes não lhe permitiu apreciar o senso de humor do patrão. Talvez por estar com os nervos à flor da pele, achou as palavras dele muito ofensivas.

— Alguns homens... — ela começou, tentando respirar profundamente para se acalmar. — Alguns homens estão mais interessados num relacionamento permanente do que numa aventura amorosa passageira.

Sabia que estava sendo injusta e não deveria ter dito aquilo. O silêncio do outro lado da linha confirmou sua suposição. O que ela havia tido com Lawson não poderia, de forma alguma, ser considerado uma aventura amorosa, embora tivesse sido passageira.

— Imagino que Jan a pediu em casamento. Estou certo? — Lawson perguntou, com uma voz completamente indiferente, como se não tivesse interesse no fato.

Em clara contradição, Ivory sentiu raiva, principalmente de si mesma, por desejar que Lawson sofresse com a possibilidade dela se casar com Jan, ao ouvi-la confirmar a sua dedução: — Se você quer mesmo saber, ele pediu, sim!

Por alguns segundos, estabeleceu-se entre ambos um silêncio pesado. Lawson foi o primeiro a quebrá-lo.

— E você, vai aceitar o pedido?

— Ora, cuide da sua própria vida, está bem? — Ivory gritou, antes de bater o telefone.

Não, não iria chorar novamente! Desesperada, sentindo lágrimas teimosas brotarem de seus olhos, Ivory caminhou em direção ao quarto. Para ela, era um verdadeiro mistério o fato de amar e odiar Lawson ao mesmo tempo.

Quando, por fim, conseguiu se acalmar, ainda assim experimentou um pouco de ansiedade. Será que, em seu nervosismo, não havia procurado intenções ocultas nas palavras de Lawson? Não teria exagerado em sua reação? Oh Deus!, suspirou. Como era complicado amar aquele homem, ao mesmo tempo tão arrogante e tão encantador!

Sua maior vontade foi dormir profundamente, e, ao acordar, descobrir que trabalhava em algum lugar onde não corresse o risco de ver Lawson outra vez. Queria despertar e ver-se completamente livre do sentimento que tanto a abalava.

O fim de semana passou sem maiores problemas e, na segunda-feira, Ivory sentiu-se mais capaz de enfrentar a situação. Não queria encontrar seu patrão de modo algum. Como ousara perder completamente o controle e mandá-lo cuidar da sua própria vida? E, ainda por cima, bater o telefone na cara dele?

Durante o fim de semana havia tido tempo para entender que o objetivo de Lawson, ao ligar para o seu apartamento, tinha sido falar com Jan, não com ela. Lembrou-se de que o holandês telefonara para o escritório, na sexta-feira, querendo falar com Lawson. Talvez eles precisassem conversar sobre algum negócio. De qualquer forma, meia-noite era um pouco tarde para isso. Ainda mais em sua casa! O caso, porém, era que destragara o patrão consideravelmente.

Como sempre, a sra. Stavelly já estava no escritório, quando Ivory chegou. Uma vez, prometera a si mesma que, ao menos um dia, seria a primeira a chegar. Provavelmente, esse dia nunca acontecerá, pensou, disposta que estava a entregar o pedido de demissão naquela tarde.

— Teve um bom fim de semana? — a sra. Stavelly perguntou, amavelmente.

— Foi ótimo — Ivory respondeu, tentando colocar um pouco de entusiasmo na voz, para disfarçar a mentira. — E o seu fim de semana, como foi?

— Muito bom. Jenny nos convidou para conhecer o bebê e, como ontem estava um dia bonito, fomos até lá.

— E como está Jenny? — Ivory quis saber.

As duas puseram-se, então, a conversar animadamente, por alguns minutos, a respeito de Jenny e do bebê, que se chamava Jonathan. Foi aí que a sra. Stavely disse algo, que fez o coração de Ivory dar um salto.

— Jonathan é um bebê tão lindo! Não sei como Jenny terá coragem de deixá-lo em casa, quando voltar a trabalhar.

— Voltar a trabalhar?

— Você sabia que ela retomaria o antigo serviço, depois do bebê nascer, não sabia?

— Não, eu não sabia — Ivory disse com sinceridade, imaginando se estava tão pálida por fora como se sentia por dentro.

Uma coisa era ter decidido entregar seu pedido de demissão. Mas saber que, de qualquer forma, seria despedida, era outra bem diferente.

— Quer dizer que o sr. Alexander não avisou que você ficaria aqui apenas até Jenny voltar?

— Não, não avisou. — Sentiu as pernas amolecerem.

— Isso é realmente terrível! — exclamou a sra. Stavely, mostrando, pela primeira vez, grande apreensão. — Você deveria ter sido informada de que este trabalho era apenas temporário. Estou certa disso, porque perguntei ao sr. Alexander a respeito, antes de você vir para cá. Temos que tomar muito cuidado para não violar as Leis Trabalhistas.

A sra. Stavely prosseguiu com suas explicações; Ivory porém, assimilava-as vagamente.

— Uma mulher grávida — ela dizia — que estiver empregada, tem licença de três meses, após o parto. O sr. Alexander não gosta da ideia das mães deixarem seus filhos aos cuidados de outras pessoas. Tanto, que está planejando montar uma creche aqui mesmo.

Isso tudo é muito bom e muito bonito da parte dele, Ivory pensou. Contudo, não pôde evitar a mágoa que sentiu, ao descobrir que ele nunca pretendeu mantê-la permanentemente. O fato dela não querer ficar, nada tinha a ver com isso.

A sra. Stavely percebeu, observando a expressão de Ivory, que toda aquela conversa sobre os planos para uma creche não ajudava em muita coisa.

— Sinto muito, querida. Deve ter sido um choque para você. Gostei tanto de trabalharmos juntas.

Esse foi um grande e sincero elogio. Em qualquer outra época, Ivory teria ficado emocionada, ao receber a aprovação da sra. Stavely. Entretanto, naquele momento, sua atenção estava voltada para uma dúvida, que a perturbava: por que Lawson não lhe havia contado? Ela significava tão pouco que não valia a pena mencionar a volta de Jenny?

— O sr. Alexander estará muito ocupado, hoje, sra. Stavely? Gostaria de falar com ele.

— É uma pena, querida. Ele não virá hoje.

— Oh! — Ivory sentiu-se vazia. Naquele exato instante, seria capaz de enfrentar dez Lawsons de uma vez. Todavia, no dia seguinte, certamente já estaria mais calma e, quem sabe, sem condições psicológicas de dizer ao patrão tudo o que pensava dele.

— Liguei para a casa do sr. Alexander no sábado de manhã — explicou a sra. Stavely — para confirmar o nome de uma firma, e soube que ele estava de saída para o aeroporto. Tinha alguns negócios para resolver em Oslo. Deve estar de volta amanhã.

Ivory dirigiu-se à sua mesa. Foi um alívio encontrar ali uma pilha de trabalho. Assim, não lhe sobriaria tempo para pensar, aliás, atividade, inútil naquelas circunstâncias. Sua mente encontrava-se numa desordem total. Na hora do almoço, sentiu-se enjoada e, constatando que não seria capaz de comer nada, resolveu caminhar pelas ruas. Quando voltou ao escritório, pegou uma folha de papel e datilografou seu pedido de demissão. O fato de ter rasgado três folhas, antes de conseguir bater a carta definitiva, era indício

nítido da confusão em que se encontrava. Na verdade, não conseguira encontrar uma razão plausível, que justificasse o pedido de demissão, decidindo-se, no final, por não esclarecer nada.

Às cinco horas da tarde, Ivory preparou-se para sair, mas permaneceu em sua sala, torcendo para que a sra. Stavely fosse embora logo. Não queria que ela visse o envelope que pretendia deixar na mesa de Lawson. Com toda a certeza, encontraria a carta na manhã seguinte, porém, naquele dia, Ivory não estava com disposição para dar explicações.

Aguardou o quanto pôde e, percebendo que a sra. Stavely não estava com pressa, resolveu lançar mão de outra estratégia.

— Já está indo embora? — a secretária perguntou, quando Ivory entrou na sala. — Também estou de saída. Só tenho que... — Ela interrompeu o que estava falando, assim que avistou o envelope.

— Gostaria que o sr. Alexander recebesse esta carta — Ivory apressou-se em dizer. Depois, encarou a sra. Stavely, sem conseguir sorrir.

Por sua parte, a secretária tampouco sorriu, quando propôs gentilmente:

— Se você tem certeza de que quer isso mesmo, minha querida, então coloque o envelope na mesa dele.

CAPÍTULO X

Ivory considerou a demissão um assunto liquidado. Havia saído de casa, pela manhã, com a intenção de tomar uma atitude e tinha tomado. Só não sabia se teria levado sua decisão até o fim, caso não tivesse sido prensada contra a parede. Lawson encontraria sua carta na manhã seguinte. Qual seria a reação dele? Provavelmente nenhuma, pensou, enquanto entrava em casa. E ficou triste. Não estava lá muito preparada para o fato de ele aceitar a demissão sem dizer nada.

— Olá! — Mandy saiu da cozinha, toda sorridente.

Ivory tentou sorrir também; contudo, só conseguiu fazer uma careta.

— Algo terrível aconteceu.

— O que foi, Ivory?

— Entreguei meu pedido de demissão — ela anunciou. Estava muito cansada da tensão dos últimos dias. Atirou-se no sofá, enquanto a amiga colocava a toalha na mesa.

— Você me parece um bocado infeliz. O que aconteceu? Não quer me contar?

Ivory tinha certeza de que, se comesse a falar, acabaria chorando.

— Você se importa se eu não falar agora?

— É claro que não. — Mandy mostrou-se compreensiva. — Mas, por favor, diga que está com fome. Fiz um esforço tremendo e preparei um banquete suntuoso. Uma verdadeira maravilha. Espere só para ver.

Ivory não pôde deixar de rir. Mandy tinha muitos talentos, porém, ambas concordavam em que, como cozinheira, ela era praticamente um desastre.

Durante a refeição, ela comunicou a Ivory que havia programado sair naquela noite.

— Prometi me encontrar com o chefe de Adrian e a esposa dele, mas não estou com muita vontade. Se você quiser, posso ficar aqui.

— Não, não precisa fazer isso. — Ivory rejeitou a oferta, admirando a bondade da amiga. — Adrian me mataria, se eu prendesse você aqui. E com razão.

— Está segura de que vai ficar bem sozinha?

— É claro que sim. Estava um pouco deprimida quando cheguei, mas o seu banquete suntuoso me revigorou.

As duas riram.

— De fato, salsichas queimadas têm um sabor todo especial — Mandy comentou e dirigiu-se à cozinha, para lavar a louça.

Depois que a amiga saiu, Ivory sentiu-se apreensiva. A ideia de que iria encarar Lawson no dia seguinte, sem a veemência que gostaria de conferir ao que lhe dissesse, deixou-a um tanto amargurada. Como havia previsto, a raiva que sentira frente à desconsideração com que ele a tratara estava diminuindo. Temia apenas fazer papel de menina chorona, diante dele. Sem dúvida nenhuma, o mês de aviso prévio seria um verdadeiro tormento!

Consciente de que aquela era a milésima vez em que refletia sobre o mesmo assunto, sem chegar a conclusão nenhuma, tentou afastar sua atenção da Sociedade Alexander. Desejava fervorosamente nunca ter ouvido falar na empresa e muito menos no seu presidente. Um banho. Um banho seria excelente para relaxar. Depois um livro e finalmente cama. Era isso mesmo que iria fazer.

No banheiro, sentindo a água tocar maciamente em sua pele, Ivory acreditou, por um momento, que lavaria, de uma vez qualquer pensamento sobre Lawson. Ora, bobagem!, reprovou-se, enquanto se enxugava. Depois, vestiu um conjunto leve de camisola e penhoar, escovou os cabelos sedosos e, determinada a ler o livro, sentou-se confortavelmente no sofá.

Ouviu passos do lado de fora e ficou esperando pela batida que, tinha certeza, seria na porta de seu apartamento.

A batida foi rápida. Ivory levantou-se, esperando que fosse um vendedor ou alguém de uma dessas instituições de caridade. Abriu a porta. E, ao avistar Lawson Alexander, teve ímpetos de bater a porta na cara dele.

— Pensei que estivesse em Oslo — comentou, resistindo ao impulso, que a teria feito parecer uma garota ingênua e assustada. O olhar dele, frio e determinado, preveniu-a de que se encontrava ali com algum propósito bem definido. Bater-lhe a porta na cara, não o deteria de forma alguma.

— É melhor você entrar — convidou, num tom de resignação.

Ele fechou a porta atrás de si e Ivory reparou que a perturbação, que sempre conseguia provocar nela, surgia novamente. Teve que fazer um enorme esforço para não perder o controle.

— Quando você voltou? — perguntou, sabendo que seria inútil indagar sobre o que estava fazendo no seu apartamento. Esse tipo de explicação, ele daria quando bem entendesse. Ivory convidou-o a sentar-se e viu-o escolher exatamente o lugar do sofá onde ela estivera sentada. O livro aberto sobre as almofadas dava uma clara evidência disso. Bem, não adiantava protestar. Então, acomodou-se na poltrona mais distante que pôde encontrar. O problema era que, mesmo a essa distância, ele ainda estava bastante próximo. Um pouco mais e a situação seria insuportável.

Lawson parecia-lhe assustador, sentado ali, olhando fixamente para ela. Estava ansiosa para que ele dissesse logo o que queria e depois fosse embora. Sentia-se desarmada e indefesa dentro daquele penhoar transparente. Se ao menos ele não a examinasse tanto!

— Cheguei ainda há pouco — Lawson explicou, finalmente. Ivory já estava prestes a estourar. Percebeu vagamente que, por alguma razão, isso era o que Lawson desejava: que ela perdesse a calma e dissesse coisas que normalmente não diria. Então, conteve a raiva. Ele era muito astuto, porém, daquela vez, não iria conseguir nada. Estava disposta a não reagir da maneira que ele esperava.

— Posso lhe servir alguma bebida? — perguntou polidamente, como uma perfeita anfitriã. Seu cinto estava começando a afrouxar, fazendo com que a parte de cima do penhoar se abrisse, expondo-a aos olhos observadores de Lawson.

— Oh, sim, obrigado — ele aceitou a bebida educadamente.

Virou-se para ir apanhar a bebida e aproveitou a oportunidade para amarrar o cinto bem apertado. Depois, certificando-se de que estava tudo em ordem, serviu um scotch para Lawson e preparou um sherry para si mesma. Na realidade, não tinha muita vontade de beber, contudo, isso lhe daria ao menos alguma coisa para fazer.

— Como estava em Oslo? — Ivory perguntou, tentando mostrar-se à vontade.

— Ótimo. Eu não viajei à Noruega para passear, embora esse seja um belo país. Fui encontrar uma pessoa para tratar de um negócio.

Não havia necessidade de perguntar se ele havia sido bem-sucedido. Com toda certeza, não era esse o assunto que o havia levado até sua casa.

— Você esteve muito ocupada durante a minha ausência? — Lawson indagou, aproximando-se, por fim, do tema principal.

Nisso, um pensamento atingiu a mente de Ivory como um raio, fazendo-a dar um salto.

— Você... Você não teve tempo de ir ao escritório, teve?

— Tive tempo, sim.

O coração de Ivory disparou com toda força; sem dúvida, Lawson havia recebido seu pedido de demissão. E, embora não tivesse a menor ideia a respeito da necessidade que ele teve de ir vê-la, constatou que era essa a razão de sua visita.

— Pensei que nos conhecêssemos o suficiente para você esperar a minha volta e só então comunicar que vai deixar o emprego.

Ivory emudeceu. Realmente, aquele era o homem mais irritante que conhecia. O que queria dizer com "nos conhecêssemos o suficiente"? Ela mal o conhecia! Sabia apenas que ele podia ser gentil e cortês, ou extremamente arrogante, quando lhe convinha. Droga! O pior é que o amava!

Pouco a pouco, sentiu que a raiva começava a dominá-la. Que direito Lawson tinha de fazê-la sentir-se culpada por não querer esperar até o dia seguinte? Ele, que havia retido a informação sobre o retorno de Jenny, Oh, não lhe daria explicações. Qual era a necessidade? Sabia, por experiência própria, que, se houvesse uma discussão, ele sairia vitorioso.

— Então você acha que não podia ter esperado, não é mesmo? Visto que na carta foi incapaz de dar uma razão para deixar o emprego, talvez possa me dar essa razão pessoalmente. — A voz dele soou gelada.

Que pessoa mais arrogante! Como ousava usar aquele tom de voz quando era o culpado de tudo?

— Certamente, não é preciso que eu lhe diga — afirmou secamente e, sem poder continuar sentada por mais tempo, levantou-se de maneira brusca.

Foi um erro, percebeu assim que se levantou. No mesmo instante, Lawson também se pusera em pé e ambos se encontraram a uma pequeníssima distância. Ivory não pôde entender o olhar triste que surpreendeu no rosto dele por um segundo. Um olhar que desapareceu rapidamente, assim que ele perguntou, com voz tensa:

— Quando vai ser o casamento?

— Casamento? — Ivory não entendeu muito bem, até que se lembrou de ter dito, por telefone, que havia sido pedida em casamento.

— Quando? — ele repetiu. — Quando é que você vai se casar?

— Por que não pergunta a Jan? — ela praticamente gritou. A ideia de confirmar que ia se casar bem que lhe pareceu tentadora. Se Lawson suspeitava de que estivesse apaixonada por ele, imediatamente mudaria de opinião. No entanto, foi forçada a rejeitar essa ideia. Ele provavelmente encontraria o amigo e talvez até o cumprimentasse pelo casamento. Então, qual seria a reação de Jan? Não, não podia fazer isso.

— Tenho tentado encontrar Jan desde sexta-feira à noite. — Lawson falou. — Ele foi para a Noruega tratar de um negócio, mas não estava em lugar nenhum, quando as coisas ficaram pretas por lá. Bem, isso não vem ao caso...

— Eu não vou me casar com Jan — Ivory comunicou, asperamente.

— Não vai se casar com Jan? Pensei que ele tivesse pedido você em casamento.

— É verdade. Mas não sou obrigada a casar com todos os homens que me pedem em casamento! — Num relance, Ivory percebeu que suas palavras podiam dar a impressão de que recebia propostas todos os dias. Ruborizou e esclareceu mais lentamente: — Não era bem isso que eu queria dizer. Gosto muito de Jan, mas não o amo.

— Então você não se casaria com um milionário, se não o amasse?

— Eu não me casaria com nenhum homem, se não o amasse — ela respondeu com raiva. Por dentro, sentia-se despedaçar. Desejava desesperadamente que Lawson fosse embora, pois, a qualquer momento, acabaria confessando que o amava. E podia imaginar o embaraço dele, se dissesse isso.

— Quer dizer que não está deixando o emprego para se casar? Por que, diabos, então? — ele bradou, deixando-a absolutamente furiosa.

— Como ousa me perguntar isso! — retrucou, com veemência. — Sabe muito bem que eu não ficaria trabalhando para você por muito tempo. Estava apenas substituindo Jenny temporariamente e pretendia se livrar de mim assim que ela voltasse, não é? — Fez uma pausa para respirar e levou as mãos ao rosto, que queimava feito brasa.

— Ah, então você já sabe. — Lawson parecia estar gostando de ver as faíscas saindo dos olhos dela.

— E não foi graças a você. Eu... eu estava vivendo num pequeno mundo de sonhos, não estava? Gostando do trabalho, gostando da responsabilidade, gostando dos colegas. Mas suponho que, quando Jenny voltasse, dentro de um mês, você teria me chamado, ao seu escritório, ou talvez somente pedido à sra. Stavely que me avisasse que os meus serviços não eram mais necessários.

— Eu teria falado com você pessoalmente. Mas como Jenny não ia voltar antes de três meses, achei que haveria bastante tempo para colocá-la a par do que estava acontecendo. Até lá...

Lawson deteve-se, parecendo não encontrar as palavras. Isso era tão fora do comum, que Ivory fitou-o espantada.

— Até lá, o quê? — ela se viu perguntando, com a nítida impressão de que até o ar ao seu redor havia parado, enquanto aguardava a resposta.

— Antes de lhe dizer, Ivory, devo pedir que você me perdoe por isto.

Ivory não tinha a menor ideia do que ele ia fazer ou contar, porém, aquele pedido antecipado de desculpa, de forma alguma preparou-a para a maneira com que ele a segurou nos braços e, sem pressa, encostou sua boca gentilmente contra a dela.

Seu primeiro instinto foi lutar e Ivory sentia-se coberta de razões para fazer exatamente isso. Contudo, suas tentativas para se livrar dele não eram totalmente sinceras e a surpresa, por se encontrar nos braços dele, eliminou a possibilidade de qualquer reação. Lawson não a segurou com força, mas o abraço foi firme e, quando seus lábios começaram a se mover contra os dela, toda a vontade de lutar desapareceu.

Ivory abraçou-o também, ao mesmo tempo em que seus lábios se entreabriram, permitindo que o beijo se tornasse mais intenso. Involuntariamente, deixou-se conduzir até o sofá e ali, deitada, desejou que as carícias dele nunca terminassem.

De repente, Lawson parou de beijá-la e sentou-se na beirada do sofá. Ivory estava paralisada; não conseguia tirar os olhos dele, seu coração pulsava acelerado. Então, ela vislumbrou um sorriso de prazer no rosto de Lawson, no instante em que sentiu as mãos dele descenderem em direção aos seus seios. No entanto, o contato foi apenas passageiro e

acidental, pois logo viu-o abotoar com rapidez seu penhoar totalmente aberto. E também fechar o decole, tampando a visão das belas curvas à sua frente.

— Para a minha paz de espírito e para o que eu tenho a lhe dizer, acho melhor que todas as tentações fiquem escondidas — ele explicou, brincalhão.

Ivory, como sempre, corou. Havia se exposto outra vez! De novo demonstrara ao poderoso sr. Alexander que estava em suas mãos. Não tinha mais como salvar seu orgulho. Lutou para se sentar e Lawson, notando a sua inquietação, ajudou-a a se levantar.

— Sinto muito por ter feito isso com você — ele se desculpou, embora a expressão em seu rosto mostrasse que estava até bem contente. — Mas tudo está caminhando muito mais rápido do que eu pretendia. Por isso, eu precisava de algumas respostas. E rápido.

Como Ivory sabia que ele não era homem de perder tempo, essa declaração de que pretendia que alguma coisa caminhasse mais devagar deixou-a totalmente confusa.

— Não estou entendendo nada — disse, sem coragem de encará-lo de frente. — O que é que está caminhando rápido demais para você? — Sentiu os olhos dele queimando-a e ergueu a cabeça. Deparou-se com uma infinita ternura em seu olhar.

— Você não faz mesmo ideia? — ele perguntou, muito suavemente. — Nesse caso, é melhor eu explicar. É claro que eu sabia, quando Jenny saiu para ter o bebê, que ela voltaria para o seu antigo lugar.

Os lábios de Ivory estreitaram-se.

— E você não considerou importante me informar sobre esse detalhe?

— Pensei em lhe dizer, naturalmente. Mas, depois, refletindo melhor, decidi não contar.

— Por quê?

Ela simplesmente não conseguia ver nenhuma razão para ele esconder um fato tão significativo. Contudo, subitamente, ocorreu-lhe um pensamento:

— Você imaginou que eu não aceitaria o emprego, se soubesse que era temporário?

— Devo admitir que isso me passou pela cabeça. Eu estava decidido a ter você trabalhando para mim de qualquer maneira.

— Estava mesmo? — Ivory arregalou os olhos. — Sei que posso ser eficiente no meu trabalho, mas tenho certeza de que você dispõe de outras secretárias iguais ou melhores do que eu.

— Concordo — disse Lawson, fazendo diminuir um pouco a animação que começava a brotar dentro dela, por ele ter estimado tanto o seu trabalho. — Mas nenhuma delas tem esses cabelos castanho-escuros e olhos tão expressivos, que interferem na minha atividade mental.

Diante daquelas palavras, Ivory sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha. O que Lawson estava dizendo? Que ela havia conseguido o emprego não por causa da sua velocidade em taquigrafia ou da perfeição na datilografia, mas...

— Você me empregou só por causa da cor dos meus cabelos e dos meus olhos?

— Não foi só por isso. Admirei a sua beleza toda desde a primeira vez em que a vi, com o cabelo despenteado e as faces vermelhas como as de uma criança que acaba de acordar.

A memória de Ivory voltou ao primeiro encontro, quando despertara na suíte dele. Parecia incrível que aquilo tivesse acontecido! Nisso, Lawson sorriu, interrompendo as suas divagações, e ela teve a impressão de que ia ser tomada nos braços novamente. Só que, conscientemente, não iria permitir outro beijo. Contudo, Lawson afirmara que ela interferia em sua atividade mental. A que será que ele se referira? Antes que pudesse desvendar o mistério dessa observação, viu-o retomar o que estava falando.

— Não são apenas os seus atributos físicos que eu admiro, Ivory. Desde o início, fui forçado a reconhecer algumas qualidades em você, que eu julgava fora de moda. Em Amsterdam, por exemplo, quando pensei que a ajudaria, comprando-lhe um vestido novo,

você, com toda a dignidade, deixou bem claro o que pensava da minha oferta. Logo percebi também que, numa época em que dormir com alguém parece ser uma coisa tão banal, você leva muito a sério seus princípios morais.

Ivory achou que ele a estava descrevendo de uma maneira não muito real. Tinha orgulho, certamente, porém, os princípios morais, que mencionara, não existiam quando estava nos braços dele. Sem dúvida, ele devia ter notado isso. Contudo, inacreditavelmente, parecia não se importar com o fato. E, mais Inacreditável ainda, já não era o homem arrogante e agressivo que havia entrado momentos antes em seu apartamento. Parecia ter mudado completamente. Toda a raiva causada pelo pedido de demissão desaparecera e ali estava ele, falando calmamente das suas qualidades.

— Então, queria que eu trabalhasse para você, p...porquê... gosta... de algumas coisas em mim?

— Eu queria que você trabalhasse comigo, porque precisava conhecê-la melhor e desejava que você me conhecesse também.

— Eu... eu... Mas por quê? — Não adiantava tentar descobrir, sozinha, porque Lawson considerava tão importante que se conhecessem melhor.

— Porque... porque eu a amo.

— Você me ama!?

Os olhos de Ivory encheram-se de lágrimas, diante de revelação tão doce.

— Não pode ser! Você não está brincando comigo, está? — Não suportaria vê-lo zombar de meus sentimentos.

Como resposta, ele abraçou-a carinhosamente e ela sentiu o calor do corpo dele contra o seu.

— Minha querida — ele disse carinhosamente —, perdi a cabeça por você em Amsterdam. E o coração também.

— Oh, Lawson! — Ivory exclamou, deixando as lágrimas caírem livremente.

Foi tudo o que ela conseguiu dizer. Entretanto, foi o suficiente naquele momento. Ele enxugou suas lágrimas com suavidade e estreitou-a nos braços. E, quando suas bocas se uniram, Ivory pôde sentir o pulsar vibrante do seu coração contra o dele.

Depois, Lawson afastou-a, fitando-a profundamente nos olhos.

— Devo supor, por sua resposta, que você também me ama! Estou certo?

Apesar de ela achar que não podia haver mais nenhuma dúvida, ele pareceu tenso, até ouvir a resposta: — Você já deve saber que eu o amo — falou timidamente. Em seguida, sentiu os braços de Lawson apertando-a e viu no rosto dele uma expressão tão grande de alívio, que só então se deu conta do quanto ele a amava e quão ansiosamente havia esperado por sua resposta. Era simplesmente maravilhoso!

Naquele instante, não havia mais necessidade de palavras. Ela só queria sentir o carinho dele no modo como a beijava e despenteava seus cabelos. Era como se tivessem perdido muito tempo com outras coisas, ao invés de terem permanecido sempre um nos braços do outro.

Quando ele soltou sua cintura, Ivory estava imensamente feliz. Então, Lawson disse com um ar de malícia: — Você é uma mulher deliciosa, srta. Dutton, sabia disso? — E, rindo um pouco do acanhamento dela, completou: — Acho que é melhor eu parar de beijá-la. Receio que, no momento, a minha força de vontade não seja igual a sua.

Ivory piscou os olhos, espantada. Será que ele não percebia que ela não tinha nenhuma força de vontade no que se referia a ele? Lawson, entretanto, tomou uma certa distância, pronto a esclarecer qualquer coisa que a estivesse preocupando.

— Eu me apaixonei por você, meu bem, quando estávamos na Holanda. Para ser sincero, não fiquei muito feliz com isso. Acho que amor era algo no qual eu não acreditava mais. Tenho trinta e cinco anos e já vivi muito. Sem querer ser injusto com as Shebas e

Louises deste mundo, elas dão uma visão deformada da espécie feminina, pois estão sempre querendo tirar proveito das situações.

Ivory sorriu imperceptivelmente. Sheba e Louise eram mulheres muito bonitas, mas, diante das palavras de Lawson, teve certeza de que não havia nenhuma necessidade de sentir ciúmes. Delas ou de qualquer outra mulher que pudesse se aproximar dele.

— Voltando ao que estava dizendo, em Amsterdam, eu esperava pela Trapalhona e o que apareceu foram esses belos olhos. Percebi que estava me envolvendo rapidamente. Disse a mim mesmo que isso não era possível, que eu não podia deixar acontecer. Daí, antes que eu mesmo entendesse o que estava fazendo, já tinha resolvido que ia jantar com você. Quando me deixou no restaurante, com aquela pressa toda, sem sequer tomar o café, fiquei furioso, e decidi que você não me deixaria nunca mais daquele modo. Então, convidei-a para ir àquele jantar com Jan.

Ivory lembrou-se de que o "convite" tinha sido formulado sob ameaça. Contudo, não disse nada e ele prosseguiu:

— Eu não estava preparado para admitir, a mim mesmo, que o que eu queria era mostrar a Jan a mulher pela qual eu havia me apaixonado. Afinal de contas, ele é um grande amigo meu.

— E Jan, o que vai pensar desta história?

— Eu não esperava que ele se apaixonasse por você. Mas não se preocupe com isso, meu amor. Eu falarei com Jan. Acho que ele é bastante maduro para entender a situação, embora possa até me odiar, por algum tempo!

— Será que ele vai entender mesmo? — Ivory não pretendia ser motivo de briga entre os dois amigos.

— Eu estava começando a sentir raiva dele, por considerá-lo uma ameaça. Não queria que ele a tirasse de mim. — Lawson admitiu e seu olhar comprovou que não estava mentindo.

Ivory aconchegou-se em seus braços e beijou-o ternamente. Imaginou que ele fosse acariciá-la e ficou um pouco decepcionada, quando ele a afastou, ainda que com delicadeza.

— Eu disse que você era uma mulher deliciosa, srta. Dutton. E, se me provocar demais, não responderei pelos meus atos.

O ar de malícia desapareceu de seu rosto, dando lugar a uma expressão séria.

— Lutei contra o meu amor por você como um idiota. Poderia ter-me poupado bastante sofrimento, pois, quando a encontrei com Jan no Fenwick, percebi que a batalha que eu tinha travado desde a nossa volta da Holanda estava completamente perdida.

Ivory surpreendeu-se com o fato de Lawson tê-la amado todo esse tempo. Comentou que ele nunca havia demonstrado que se sentia atraído por ela, até estarem em Manchester. E que, naquela ocasião, interpretara a atração dele apenas como um desejo momentâneo.

— Eu achei que não estava interessada em mim, Ivory. Precisava de uma substituta para Jenny. Pensei no seu nome dezenas de vezes, mas você significava perigo. Por isso, adiei o quanto pude a minha escolha. No entanto, quando a vi no Fenwick, decidi que tinha que ser você. Oh, não era especificamente para fazer o trabalho, embora eu soubesse que era muito capaz.

— Por que então?

— Eu sabia que você tinha tido um caso de amor que não havia dado certo, — A lembrança de Michael tornou sombria a sua face. — Você havia dito que o seu ex-noivo não significava mais nada para você. Só que não pude acreditar nisso. Sentia um ciúme tremendo dele. De qualquer modo, como Jenny não voltaria por alguns meses, esperava que, durante esse tempo, você aprendesse a gostar de mim.

— Oh, Lawson! Mal posso acreditar!

O amor que ela sentia era tão grande, que tinha medo de não conseguir demonstrá-lo inteiramente.

— Mas você sempre se comportou de maneira tão agressiva comigo, que me dava a impressão de eu ser a pessoa que mais lhe provocava raiva no mundo!

— Eu era tão horrível assim? — Lawson indagou, sorrindo. — Admito que nós temos capacidade de arrancar faíscas um do outro. Contudo, eu tinha que cortejá-la lentamente, pois não sabia se você ainda sofria por causa de Michael. Fiquei com medo de que você se afastasse de mim, se eu mostrasse logo o que estava sentindo.

Acariciou os cabelos dela, o nariz, os lábios, e continuou: — Se a sra. Stavely não tivesse dito nada a respeito de Jenny, eu teria continuado com meu plano de conquistá-la aos poucos. Mas, quando vi o seu pedido de demissão sobre a minha mesa, hoje à noite, percebi que não tinha mais tempo para cortejá-la. Eu estava tremendamente nervoso, no instante em que bati à sua porta, sabia? Só Deus sabe o que eu teria feito, se você tivesse confirmado a minha suspeita de que ia deixar o emprego para casar!

Ivory abraçou-o, como para assegurar-lhe de que pertencia só a ele.

— Pensei que você tivesse adivinhado meus sentimentos, quando eu correspondi tão ardentemente aos seus beijos, em Manchester.

—Você já sabia que me amava?

— Descobri na noite anterior. E fiquei com medo de que você percebesse.

— Imaginei que a tivesse assustado tremendamente, quando dei a entender que a desejava. Puxa, como eu amo você, minha querida!

Ivory sorriu, profundamente feliz. Lawson amava-a tanto quanto ela o amava. Era inacreditável! Apesar de todas as mulheres sofisticadas e inteligentes que conhecia, era ela que ele queria. Estava tão certa do amor dele, que, recordando-se de que ele dissera que tinha ciúmes de Michael, resolveu acabar com todas as dúvidas.

— Pensei estar apaixonada uma vez — Sentiu que ele ficou tenso de repente. Entretanto, se queria vencer todos os obstáculos que poderiam surgir entre eles, tinha que prosseguir e esclarecer esse assunto. Por isso, continuou: — Mas nunca foi como está sendo agora.

— Não foi? — A voz dele apresentava um toque de ironia.

— Não, querido, não foi. Michael e eu rompemos porque eu não conseguia fazer o que ele queria. Agora entendo que era porque eu não o amava de verdade.

— Como?

Apenas uma palavra, mas carregada de agressividade. Ivory não conseguiu evitar uma ponta de medo. Não podia perder Lawson! Simplesmente não podia!

— Por que eu o amo tanto que... — sua face corou violentamente, ao sentir o olhar intenso dele sobre si. — Não dá para entender? Você precisa mesmo perguntar isso?

Então, Lawson abraçou-a com uma expressão de amor tão grande, que ela teve certeza de que realmente não havia nada a temer. Nunca mais haveria.

— Oh, meu amor — ele pronunciou, com voz rouca. — Deus me dê forças para aguentar até depois do casamento!

FIM